



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MAYCON LOPES VILLANI

PARA NÃO SER UMA BICHA DA FAVELA:

**UMA ETNOGRAFIA SOBRE CORPO, SEXUALIDADE E
DISTINÇÃO SOCIAL**

Salvador

2015

MAYCON LOPES VILLANI

**PARA NÃO SER UMA BICHA DA FAVELA:
UMA ETNOGRAFIA SOBRE CORPO, SEXUALIDADE E
DISTINÇÃO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elena Calvo Gonzalez

Salvador

2015

Sistema de Bibliotecas da UFBA

V716

Villani, Maycon Lopes.

Para não ser uma bicha da favela: uma etnografia sobre corpo, sexualidade e distinção social / Maycon Lopes Villani. - 2015.
146 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elena Calvo Gonzalez
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.

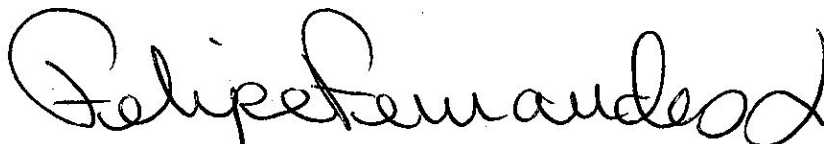
1. Identidade de gênero. 2. Homossexualidade – Aspectos sociais. 3. Sexo.
4. Classes sociais. I. Calvo Gonzalez, Elena. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 306.76

MAYCON LOPES VILLANI

**PARA NÃO SER UMA BICHA DA FAVELA: UMA ETNOGRAFIA SOBRE
CORPO, SEXUALIDADE E DISTINÇÃO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, e aprovada em quatro de dezembro de dois mil e quinze, pela Comissão formada pelos professores:



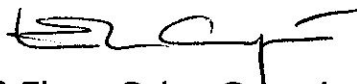
Prof. Felipe Bruno Martins Fernandes (UFBA)

Doutor Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.^a Iara Maria de Almeida Souza (UFBA)

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia



Prof.^a Elena Calvo Gonzalez (UFBA)

Doutora em Antropologia Social pela University of Manchester

AGRADECIMENTOS

Sob pano de fundo, e muitas vezes nem tão ao fundo assim, da laboriosa produção de um artefato como uma dissertação ou uma tese, há sempre uma constelação de pessoas que, das mais variadas formas – culminando sempre em apoio emocional e fonte inesgotável de estímulo – permitiram o desenvolvimento e conclusão, ainda que a título provisório, de um empreendimento criativo como o que ora vos apresento.

Para fazer jus ao termo escolhido – constelação – quero primeiramente agradecer à minha mãe Terezinha, minha Estrela Dalva, e ao meu amado pai Adelino, por tanto renunciarem em meu favor, por nutrirem confiança, respeito e admiração pelo meu trabalho, por não me deixarem sozinho em um momento sequer. A Phillip Villani, companheiro de todas as horas, e sobre quem qualquer coisa que eu escreva seria muito pouco, ou nada, para sublinhar a importância que assume em minha existência. Às minhas tias Mari e Zoraide, pelo apoio incondicional e infinito carinho. Aos meus irmãos William e Amanda pelo encorajamento e por não desistirem de mim. À minha vó Terezinha pelas lindas experiências de afeto e porque eu sei que vibraria comigo caso cá estivesse. E está.

Agradeço à equipe dinamizadora do projeto PopTrans, do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, nas pessoas dos queridos professores Luís Augusto Vasconcelos (Guga) e Inês Dourado, de cujas animadas reuniões já sinto saudades. Aos amigos do CUS – Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade, primeiro grupo do qual fiz parte, em especial a toda a “velha guarda”, que traçou e seguiu sua própria estrada. E aos amigos do ECSAS – Núcleo de Estudos em Ciências Sociais, Ambiente e Saúde, por todas as trocas, aprendizagens, e espirituosas sextas-feiras em que pude me fazer presente, especialmente às professoras Miriam Rabelo e Iara Souza. Agradeço ainda à generosa e amistosa banca de qualificação, cujas recomendações, porque certas, fizeram-se sonoras na minha memória ao longo da escrita: Iara Souza, Larissa Pelúcio e Leandro Colling. E àqueles que compuseram a banca de defesa: Felipe Fernandes e Iara Souza, agradeço pelas contribuições para a revisão do trabalho.

À minha orientadora e amiga Elena Calvo Gonzalez, por ter-se prestado a farol com sua cuidadosa, interessada e atenta escuta e leitura, e seus rápidos e preciosos insights no curso do meu trabalho. Mais que pela tutoria em si e todo o aprendizado que pude dela beneficiar-me,

serei eternamente grato pelo carinho, cumplicidade e companheirismo. À Elena devo parte da crença de que isso poderia resultar num trabalho interessante, e, portanto, o ânimo em seguir em frente, renovado a cada encontro, a cada mensagem. Meu profundo respeito, admiração, gratidão e amor.

Ao amigo Diego Matheus pelas incansáveis trocas madrugada adentro de aflições que perpassaram diversos momentos do mestrado. E aos amigos do Vivendas do Campo, por me fazerem redescobrir uma porção de coisas que ficaram perdidas por aí, como o futebol, a infância, o calor de uma vizinhança e o gosto em viver na minha terra natal. Estar na Princesa do Sertão afinal pode não ser assim tão mau.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos durante todo o curso, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo auxílio prestado na reta final, nos últimos suspiros da dissertação.

Finalmente, agradeço ao meu querido amigo Rafa, pela alegria de cada reencontro com seu invejável astral e jovialidade, por compartilhar comigo os seus sonhos, por me tornar uma pessoa mais sensível e me fazer crescer com este trabalho, e por convertê-lo com seu magnetismo, como que numa alquimia, em uma experiência não apenas de reflexão como de prazer. Por permiti-lo, enfim.

RESUMO

Tanto na literatura científica disponível sobre pessoas trans quanto no senso comum, é frequente a referência a um corpo que mescla características convencionalmente masculinas e femininas como um corpo prototrans ou pretranssexual. Este trabalho, que tem o propósito de pôr em revista tal premissa, consiste em um estudo etnográfico com um jovem negro de classe popular cuja apresentação visual se enquadra nesse perfil (de inconformidade de gênero). No curso da pesquisa foi possível observar, a partir da compreensão do corpo como um capital, um processo de desfeminização levado a cabo por meu interlocutor, orientado pela necessidade de inserção no mercado de trabalho e por um ávido desejo de ascender socialmente. Esta etnografia, ao complicar a linearidade do chamado modelo progressivo ou etapista de identidade trans, termina por lançar luz para as possíveis condições de emergência da identidade gay em um contexto periférico. Enquanto uma atribuição respeitável, esta é acionada em oposição às vexatórias categorias de bicha e viado, e reclama um expediente de afastamento moral de seus vizinhos da favela por parte do sujeito etnográfico. Articula-se nessa laboriosa fabricação de identidade sexual não apenas o gênero como também a classe e o poder de consumo. Por fim, argumento que o *projeto* de mobilidade ascendente é a chave para a mediação e compreensão da transformação corporal operada. Através de um roteiro por vezes claudicante, meu colaborador de pesquisa busca recursos para perseguir o sonho de um diploma universitário, apostando em um poderoso encontro entre capital corporal e cultural.

Palavras-chave: corpo; gênero; sexualidade; classe.

ABSTRACT

Both in the available scientific literature regarding transgender persons and in common sense, we find reference to a body, which mixes conventionally masculine and feminine characteristics like a pre-transsexual. The present research, which aims to reconsider such a premise, consists in an ethnographic study of a black working class young whose visual self-presentation fits this profile (of gender nonconforming). In the course of the research, it was possible to observe, based on an understanding of the body as capital, a process of defeminization undertaken by my interlocutor, aimed to fulfill a need to integrate themselves into the labor market and from an avid desire for social ascension. This ethnography, by complicating the linearity of the so-called progressive or step-by-step model of transgender identity, ends up shedding light on the possible conditions of emergence of gay identity on the urban outskirts. As a respectable attribution, it is used in opposition to the derogatory categories of faggot/queer (“*bicha*”, “*viado*”), and claims an imperative of moral withdrawal from his neighbors in the shantytown (“*favela*”) on the part of the ethnographic subject. Not only gender but also class and buying power are articulated in this laborious fabrication of sexual identity. Finally, I argue that the *project* of ascendant mobility is the key to the mediation and understanding of the bodily transformation operated. Through an at times uneven script, my research partner seeks the resource to pursue the dream of a university diploma, betting on the powerful meeting point between bodily and cultural capital.

Keywords: body; gender; sexuality; class.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
O sujeito e seus entornos	16
Eu sou androginia?	21
A família	24
1. TRAVESTIS: ENTRE O “NÃO SOU” E O “JÁ FUI”	29
1.1. Os novinhos periféricos	34
1.2. Nigrinhagem	45
1.3. Eu não sou viado	54
2. DESVENTURAS EM CAMPO	72
2.1. No cemitério	91
3. COMPOR E INCORPORAR PROJETOS	97
3.1. De domingo a domingo	103
3.2. Consumido mas consumindo	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
EPÍLOGO: UM MENINO CHEIO DE SONHOS	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139

INTRODUÇÃO

Sabe-se que um projeto não pode se dar, se colocar, senão a título de rasura e esboço. De uma abertura primordial. Mas esta abertura não deve ser confundida com o nada, a total imprevisibilidade, o caos em todo inapreensível, o completo absurdo. Se o projeto *abre*, significa que ele aponta para determinado caminho, significa que ele orienta o olhar, que é capaz de iluminar certos feixes de relação.

O que permite a própria abertura, o que faz de cada projeto cheio de possibilidades, é uma sensibilidade que o antecede, a qual, por sua vez, é oriunda de interesses a um só tempo prévios e concomitantes, emergentes à medida em que se desenha o projeto em si. São esses interesses, essas disposições, o ser tocado, o ser sensível a determinadas questões, que fazem irromper a abertura constitutiva do projeto. Neste sentido, o projeto é apenas o germe de um campo a ser animado.

Tudo isso para dizer que, como todo pesquisador, cheguei ao campo com questões muito “minhas”, mas não há como estabelecer uma interlocução, um vínculo genuíno se não permitimos que os sujeitos com quem nos associamos falem, gritem, ponham suas próprias questões. Deste modo, ao longo do processo de pesquisa, cujo delinear-se não dependera inteiramente de mim, mas de tudo e todos aqueles que estavam em jogo, foram surgindo temas com os quais eu jamais imaginei de partida lidar: precariedade econômica, projeto de vida, classe e juventude, ou mesmo violência.

Assim, o meu interesse inicial em pesquisar fenômenos a que eu optei por cunhar de ambiguidades ou inconformidades de gênero fora se qualificando mais e mais, ganhando um novo colorido à medida que minha relação com o principal colaborador da pesquisa se estreitava. Deste modo, longe de ser soberana, a agenda do pesquisador é contingente à agenda dos sujeitos em perspectiva, e a esta última jamais podendo interpor-se. Ainda que nunca nos atiremos no campo às cegas – quando este não nos é propriamente familiar, e mesmo quando o é, chegamos guarnecidos de um arsenal bibliográfico – há sempre algo de imprevisto nas tramas de uma pesquisa, o que resguarda o caráter de inacabamento e esboço de todo projeto e sua receptividade às contingências (PAIS, 2013).

No caso deste trabalho, ao passo em que me movia em suas sinuosas tramas, percebia que o próprio projeto já se metamorfoseara, o que culminava num certo embaraço e pouca desenvoltura quando lançavam-me nos corredores da universidade uma pergunta aparentemente trivial e de fácil resposta: qual a sua pesquisa? E eu pensava que espécie de

idiota sou que mal sei falar da investigação que eu próprio conduzo. Estaria ela à deriva? Bem, talvez agora eu possa fazer o caminho de volta com mais segurança.

Desnecessário dizer que todo trabalho é um percurso, às vezes uma encruzilhada. A título de introdução eu gostaria de retracá-lo para que eu tenha companhia também nessa retomada, e para que depois ela própria (a então companhia), caso não decline da aventura, possa ir sem mim – como uma nova trilha deixada em uma mata para outrem. Mas nunca a única (trilha). De qualquer sorte, cada passo, uso, apropriação, cada leitura contribui para instituir o atalho, atualizá-lo.

Eu estava interessado inicialmente em trabalhar com pessoas cuja aparência apresentava inconformidades de gênero sem que, entretanto, elas mesmas circunscrevessem tal experiência sob a rubrica das identidades travesti, transexual ou *crossdresser*, e sem visar, mesmo que a título de projeto, estas categorias. Esta ideia de pesquisa partiu de uma inquietação com a literatura existente sobre travestis¹, onde a coexistência de polaridades masculino/feminino aparecia como uma *fase*, pregressa à, e que, ao fim e ao cabo de um complexo processo de transformação corporal, culminaria no (auto)reconhecimento da identidade travesti.

Uma vez que os estudiosos tomaram como ponto de partida as pessoas travestis já constituídas enquanto tais, o “gayzinho”, a “bichinha” ou a “bicha-boy”² – algumas das denominações nativas utilizadas pelas travestis para se referirem a este *período*³ – não poderiam surgir senão encapsulados, pois que em uma mirada retrospectiva, em uma etapa, neste que poderíamos qualificar como um “modelo progressivo de transidentidade” (HALBERSTAM, 2008, p. 177)⁴.

Um contraponto em relação à literatura disponível até então pode ser apreciado em Duque (2011), quando, em sua pesquisa com adolescentes travestis, ele encontra novas modalidades de identificar-se como travesti, as quais parecem descartar transformações e

¹ Cf., e.g.: Pelúcio, 2005; Benedetti, 2005.

² Ressalto que Leandro Oliveira (2006) observou em seu campo uma polissemia que recobre o termo, podendo, além do sentido expresso nos trabalhos de Larissa Pelúcio e de Marcos Benedetti, fazer referência a “homens não homens não-praticantes do *cross-dressing* que supostamente exercem, esporádica ou corriqueiramente, alguma modalidade de sexo receptivo, independente do fato de praticarem também o sexo insertivo. Sujeitos que não pratiquem o *cross-dressing* e se autoidentifiquem como *gays* são, quase automaticamente, enquadrados nesse (...) caso pelas travestis” (OLIVEIRA, 2006, p. 42).

³ Interessante observar como parece haver, mesmo por parte de identidades de gênero dissidentes (que, entretanto, não estão alheias à norma), um repúdio coletivo contra a indeterminação. Pelúcio (2009) assinala como o gayzinho “só é tolerado que se tenha um visual andrógino e indefinido na fase inicial da transformação. Depois a pessoa passa a ser vista como desleixada ou mesmo covarde, por não ter coragem de ir a fundo na transformação” (PELÚCIO, 2009, p. 101).

⁴ Esta, bem como as demais traduções de citações diretas de textos ainda não publicados em português, são de minha autoria.

apresentações mais peremptórias, como ingestão de hormônio ou silicone, ou mesmo “vestir-se de mulher 24h por dia”, e lançam mão do que o autor chamará de “montagem estratégica”. A partir deste conceito ele se propõe compreender movimentos de apresentação de si em um gênero outro (que não aquele com que o sujeito fora designado ao nascer) mais porosos, intermitentes, e, portanto, passíveis de negociação de acordo com o contexto. A “montagem estratégica” é, assim, acionada em favor da plasticidade do corpo, que neste sentido é muito mais situacional que substancial.

Já o trabalho de Anna Paula Vencato (2013) com membros do *Brazilian Crossdresser Club* (BCC) explora a produção não de uma identidade travesti ou transexual, mas *crossdresser*. Embora, como em outras identidades de gênero (desde homem e mulher), se tratem de termos em disputa, pode-se afirmar que o cerne subjetivador da identidade *crossdresser* consiste outrossim na experiência de transgressão, de ir além do gênero com que o sujeito fora designado ao nascer, mas de modo bastante controlado e geralmente sob a égide do segredo.

O grupo pesquisado, em geral de orientação heterossexual, de sujeitos nascidos homens que sentem desejo por mulheres, estabelecia uma distinção entre *crossdressers* hétero ou homossexuais. A autora observou que era recorrente no campo certa desconfiança dirigida a algum par (isto é, *crossdresser*) que porventura se relacionasse sexualmente apenas com homens. Para suas interlocutoras, isso seria como situar-se a um “passo anterior ao de se assumir travesti ou transexual, como se o desejo, neste caso, funcionasse como que dentro de uma ‘escala evolutiva’ (homem *gay* -> vestir-se de mulher -> tornar-se *travesti/transexual*” (VENCATO, 2013, p. 180, grifos da autora). Vemos novamente aqui, portanto, o acionamento do modelo etapista de identidade trans.

São fartas na literatura a relação entre classe, gênero e sexualidade, nos mostrando como os sujeitos vivem tais dimensões da vida e como negociam e manejam suas experiências de gênero e sexualidade inseridos em determinada “condição de existência”. No trabalho de Halberstam (2008) vamos encontrar a experiência de uma mulher cuja alta posição social *permitia-lhe* a assunção de sua masculinidade. Já na pesquisa empreendida por Ana Maria Brandão (2009) é no discurso das entrevistadas de frações de classes mais baixas que a não conformidade de gênero emerge como elemento explicativo da lesbianidade. Paulo Victor Leite Lopes, por sua vez, traz à baila o relato de uma interlocutora que trabalha severamente em um bar na favela em que realizara sua pesquisa. Ela acredita que:

sua “aparência masculina” inviabilizaria que conseguisse um trabalho fora. Dizia que gostaria de ser diferente, de mudar isso, mas que não conseguia. “Usar essas bermudas, camiseta e boné” era ela, não conseguiria abrir mão disso (LOPES, 2011, p. 32).

Aqui percebe-se certa resiliência da interlocutora à estrutura de classes, e, como de resto nos demais trabalhos, a classe apresenta-se como uma dimensão necessariamente levada em consideração pelos atores, e encarada como normativa e restritiva. Me parece que a perspectiva de *projeto de vida*, enquanto elemento negociador da realidade que responde pela articulação de interesses e aspirações (VELHO, 2003; VELHO, 2004), seja útil para pensarmos a mediação da relação – tratada, como nas ciências sociais mais tradicionais, em geral como dicotômica – entre sujeito e posição de classe.

Facchini (2008), por sua vez, atribui maior possibilidade de experimentações e agência às lésbicas de estratos médios, enquanto que entre as mulheres de camadas populares ela observa menos espaço à autonomia, vide o recurso à *discrição* (evitando, por exemplo, relacionar-se com mulheres que consideram muito masculinizadas). Pelúcio e Duque, por outro lado, observam que:

Parece haver uma tendência entre os rapazes das classes populares a assumir de maneira mais ostensiva projetos de feminilização, o que, de certa forma, é corroborado pelo grande número de travestis oriundas desses estratos, em comparação com aquelas de classe média (PELÚCIO; DUQUE, 2013, p. 16).

Fruto de uma pesquisa com *crossdressers* de alto poder aquisitivo da cidade de São Paulo, o trabalho de Vencato (2013) parece corroborar com essa perspectiva. A “vida dupla” que elas conduzem, o trânsito entre os gêneros, precisa ser elaborado com toda prudência, a fim de não colocar em risco a posição de prestígio (o emprego é uma delas) que ocupam socialmente. Vencato argumenta que quão fundo vão nas transformações corporais (depilação, uso de hormônios, etc.) varia segundo o quanto podem e querem, considerando suas inserções sociais. Assim, se por um lado a estabilidade financeira lhes permite investir financeiramente na montagem, por outro lado lhes limita no sentido de precisar manejar um segredo.

Algumas experiências etnográficas levam-me a crer que a predominância de travestis de camadas populares diz respeito ao possível recurso a feminilizar um corpo designado masculino justamente com o interesse (certamente não único) de conquistar espaço no mercado da prostituição e alçar certo voo econômico, ou pelo menos ter um trabalho. Larissa Pelúcio

(2009) observa, por exemplo, como “a passagem pela Europa significa uma ascensão social no meio travesti” (PELÚCIO, 2009, p. 99), onde, além de reverterem os ganhos financeiros em capital corporal com intervenções cirúrgicas – capital este, aliás, que retroalimentará o capital econômico – podem ter acesso a roupas e perfumes de grifes importadas, e agregarem valor também ao seu capital cultural: aprenderem outros idiomas, conhecer novos países; serem cosmopolitas, enfim.

Ainda que através dessa apressada e quiçá insuficiente revisão, suponho que não haja um ponto final nessa interseção justamente pelo fato da classe não constituir-se como uma estrutura de uma vez por todas determinante, mas, antes, oferecer certo campo de possibilidades a partir do qual os indivíduos precisam, são convocados, a negociar suas formas de vida.

Para os fins deste estudo, desembalar do invólucro da narrativa retrospectiva sobre o tornar-se travesti o que parece haver de mais fronteiro e indeterminado, os próprios confins do sistema sexo-gênero, considereirei partir não de uma identidade, mas de um fenômeno que saltava-me aos olhos: a ambiguidade de gênero. Ao falar em gênero na sua apresentação refiro-me ao modo fenomênico com que o sujeito (encarnado) dá-se ao mundo: seus traços físicos e marcas relativas à cosmética – incluindo seu cabelo, corte e penteado –, seus movimentos corporais (repertório gestual, maneiras de andar e falar), adereços e vestuário. Não, o corpo não está nu, e tampouco sou eu que lhe preencho ao meu bel prazer de caracteres generificados (*gendered*). Este corpo vem até mim, seu anônimo companheiro mundano, não mutilado em pedaços, ainda que, com efeito, apenas se o vejo desta ou daquela perspectiva posso reparar na piranha rosa que lhe prende as madeixas. Noutras palavras, embora eu tenha enumerado brevemente quais seriam os componentes desta apresentação, os signos na experiência não são exatamente somados um a outro, de modo que o corpo – e insisto que não há corpo nu, corpo a-gênero⁵ – dá-se para mim, na experiência ordinária, ao menos numa primeira vista, enquanto uma totalidade.

Poder-se-iam argumentar que isso está implícito, mas considero importante tornar manifesto que falo desde um corpo apto a enxergar, ainda que possamos, não sem razão, argumentar que é possível ver com o tato⁶, da mesma forma que os sentidos outros se solidarizam com a visão e vice-versa; por exemplo, ouço melhor um palestrante se, além de

⁵ Ainda que possam existir pessoas que não se identificam com nenhum gênero.

⁶ Ingold (2008) menciona, a partir de um exemplo oferecido originalmente por Descartes, a experiência de um cego que, amparado com o seu bastão, e portanto através da sua percepção tátil, pode ver, como aqueles que veem com o auxílio da luz.

dispor da minha audição mobilizada, lhe estou vendo (INGOLD, 2008). Assim, não é apenas com a visão que vejo. A provocação é para que possamos pensar como a experiência de reconhecer um gênero, constatação por excelência visual – uma vez que a esse respeito assumimos a disposição de peritos “espontâneos”⁷ – se dá para pessoas com deficiência visual.

Embora eu possa ser acusado de estar reproduzindo estereótipos de gênero na identificação dos sujeitos da minha pesquisa, não me incomodo, por assim dizer, com a pecha, pois tenho ciência de que não existe um corpo que não seja desde sempre *generificado*, que não produza gênero ou que não suscite naquele que o vê uma interpretação prerreflexiva acerca do gênero. Em outras palavras, não há um corpo neutro neste sentido. O pesquisador que não está, bem como os sujeitos que investiga, implicado no modo de *habitus*⁸ nas categorizações e reconhecimentos correntes de gênero, não faz parte deste mundo. Eu faço.

Recusei desde sempre a sedução em pensar o sujeito com que trabalhei como prototravesti ou pretravesti, de modo análogo à geógrafa Doreen Massey (1998), que rechaça a prática de fazer menção a lugares como subdesenvolvidos (atrasados) e desenvolvidos (avançados) justamente por amortecer e simetrizar singularidades, reduzindo diferenças espaciais a meras diferenças temporais, como se o futuro já nos fosse conhecido, já estivesse esboçado. Mas o meu interesse era menos o de romper com o esquema de linearidade entre inconformidade de gênero e travestilidade/transsexualidade, tácita premissa que perpassa tanto a literatura quanto o senso comum, que de “fazer brotar nele outros percursos possíveis” (RABELO, 2014, p. 84).

Encontro aqui um paralelo com a discussão estabelecida pela antropóloga Miriam Rabelo com relação aos estudos sobre o candomblé, os quais descrevem em etapas o processo que repousa na feitura (iniciação do fiel) como seu centro organizador. Ao partir deste fato já constituído, “tende a eliminar tudo que contou como incerteza e hesitação para aqueles que ainda não tinham a frente um resultado acabado” (RABELO, 2014, p. 83), empobrecendo e simplificando o percurso. Como afirma Schutz (2012), “um retrospecto genuíno não deixa nada indeterminado, nada em aberto” (SCHUTZ, 2012, p. 160). Deste modo, ainda que eu

⁷ Garfinkel (2006) argumenta que o gênero compõe o “visto mas não percebido” (GARFINKEL, 2006, p. 137) do cotidiano. Deste modo, ele só “apareceria”, quer dizer, deixaria de ocupar o pano de fundo da vida ordinária em uma experiência de quebra ou ruptura (de expectativa) desta totalidade a que aludi anteriormente. Ademais, devo ressaltar que o “espontâneo” fora usado no sentido de uma “atitude natural” (SCHUTZ, 2012), disposição de tomar o gênero como algo dado, rotineiro, estabilizado, que atua enquanto um sistema classificatório.

⁸ Falo em *habitus* em sua clássica concepção sociológica elaborada por Bourdieu: um esquema “de percepção, de pensamento e de ação” (BOURDIEU, 2009, p. 90) incorporado via experiência; “um conhecimento sem consciência” (BOURDIEU, 2004, p. 24), ou seja, “que não tem a razão como princípio” (BOURDIEU, 2004, p. 23).

encontrasse no campo alguém que porventura um tempo depois se identificasse como travesti ou transexual, teria oportunidade de acompanhar o processo no seu desenrolar.

Nas próximas linhas me dedicarei a apresentar Rafa (nome fictício), que teve sua trajetória por mim acompanhada durante vinte e quatro meses. Apresentarei também o seu bairro, a fim de melhor situar o sujeito que estudo para o leitor, a quem em seguida oferecerei uma narrativa do primeiro encontro.

O sujeito e seus entornos

Rafa é morador da Santa Cruz, favela situada dentro do complexo do Nordeste de Amaralina – compreendido por quatro localidades: Chapada do Rio Vermelho, Vale das Pedrinhas, Santa Cruz e o Nordeste de Amaralina em si. Bairro predominantemente negro, cuja população autodeclarada preta ou parda beira os 90% (GARCIA, 2007), o Nordeste, de modo semelhante a bairros tais como a Boca do Rio, o Alto de Ondina, parcela de Itapuã, Calabar e o Bairro da Paz, destacam-se em (ou destoam de) uma Orla Atlântica que, juntamente com o Centro de Salvador e a região da Avenida Paralela, concentra a maioria da renda, dos postos de ocupação laboral, equipamentos urbanos e espaços convencionalmente considerados superiores, os quais reúnem a maior parte dos investimentos urbanos e projetos urbanísticos (CARVALHO; BARRETO, 2007; DABROWSKI-SANGODEYI, 2003).

Vizinho de bairros como Amaralina, Rio Vermelho, Pituba e Itagira, a localização do Nordeste de Amaralina, sua coexistência com a Orla Atlântica, em interstícios com as zonas mais nobres, permite que seus moradores, bem ou mal, transitem mais nos espaços da cidade “moderna” (CARVALHO; BARRETO, 2007). Assim, a semântica do termo periferia para classificar o bairro pode ser melhor traduzida em condições precárias de habitabilidade, infraestrutura deficiente, “uma menor oferta de equipamentos e serviços urbanos” (CARVALHO; BARRETO, 2007, p. 259) e a situação socioeconômica dos seus moradores do que propriamente em distância geoespacial das áreas mais valorizadas da cidade, dificuldades de transporte para locomover-se em direção a tais áreas ou “isolamento” destas. A “periferização” do Nordeste de Amaralina pode ser também entendida pela atuação de milícias de tráfico de drogas e pelo risco de violência letal a que estão expostos seus moradores, vide as elevadas taxas de homicídio que os vitimizam⁹.

⁹ Cf., por exemplo, MACEDO et al, 2001 e PAIM, 2009.

Nessa perspectiva, é importante assinalar as possivelmente distintas experiências de cidade que tem um morador do Nordeste de Amaralina da que tem um morador de um bairro como Valéria, por exemplo, que fica situado já nos limites da cidade de Salvador, próximo a Simões Filho, à margem da BR-324. Penso de modo arbitrário em termos comparativos nestes dois bairros pois, segundo o último Censo Demográfico, ambos representam áreas¹⁰ com população em números absolutos equivalentes (cerca de 50 mil habitantes).

Apenas a título ilustrativo: se, dentre aqueles que trabalham, aproximados 9% dos moradores do Nordeste levam mais de uma hora para chegar ao local de trabalho – índice levado em conta para medir a vulnerabilidade social –, esse índice praticamente triplica, chegando a quase 26% entre os moradores de Valéria (portanto, 1/4 dos trabalhadores). Dentre os estudantes de Valéria, apenas 2,4% cursa o ensino superior, enquanto que 7,5% no Nordeste de Amaralina o fazem, sendo que a população na faixa entre 20 e 24 anos é equivalente em ambos (cerca de 4500 pessoas), bem como é similar o número de pessoas nesta faixa etária que frequentam escola (cerca de 950). Apresenta também uma diferença de cerca de 3 vezes o número de pessoas que possuem um diploma de nível superior; em Valéria, 386, e no Nordeste, 1158. Outro dado interessante, que uma vez mais apresenta discrepância entre as áreas, é que 19% dos domicílios em Valéria têm acesso à internet, em contraste com 29% no Nordeste.

Receoso de ter exaurido o leitor com esses dados censitários, acredito que estes evidenciam – e nos são úteis nesta medida – certa heterogeneidade e diversidade na composição das favelas, chamando atenção para desigualdades na própria pobreza – e sabemos que a favela geralmente é pensada como o lócus da pobreza –, o que faz cair por terra o mito de que “favela é tudo igual” (PRETECEILLE; VALLADARES, 2000). Certamente parte dessas diferenças podem ser explicadas pela localização de tais áreas dentro do tecido urbano; as oportunidades e privações que as experiências de contiguidade ou segregação com a região central da cidade possibilitam aos seus habitantes. Neste sentido, Valéria estaria muito mais próxima do que o Nordeste de Amaralina do tipo ideal de periferia, figurando o fenômeno de periferização das favelas, em que nota-se o crescimento de habitações nos limites das áreas metropolitanas (KOWARICK, 1979).

Podemos traçar uma analogia com o argumento de Vera Telles em alusão à região metropolitana de São Paulo, quando ela assinala que:

¹⁰ O Nordeste de Amaralina, juntamente com a Santa Cruz, compõem, no Censo, a área de ponderação de número 48, enquanto a Valéria, a Nova Brasília de Valéria e a Palestina compõem a área 37.

Ser pobre no Jd. Ângela, ser pobre em Cidade Tiradentes, ou ser pobre no Jd. São Luís não é a mesma coisa. São diferentes (...) mediações de acesso à cidade. Então temos que colocar esses territórios na escala de relação com a cidade. O diagrama de relações e, portanto, de circulação, de mobilidade, de acesso, altera a experiência urbana (TELLES, 2006, p. 125).

Mais adiante ela afirma que no Jd. São Luís, diferentemente de Cidade Tiradentes, ambas localidades onde fez campo, os rapazes da favela vão para a Vila Madalena, para o shopping Morumbi, etc., lugares em zonas mais abastadas da cidade. Também Rafa e suas amigas quando estão folgando muitas vezes vão à praia da Barra, ou à praia do Buracão no Rio Vermelho, ao extinto Mercado do Peixe¹¹ (também no Rio Vermelho), ou podem comemorar o aniversário no Shopping Barra. Portanto, é importante atentarmos para essas dinâmicas territoriais diferenciadas, quando um dos pontos mais graves da segregação é justamente o acesso à cidade (TELLES, 2006). Deste modo, viver em Valéria ou no Nordeste de Amaralina faz toda a diferença.

Sendo bastante franco, nossa própria relação – minha e de Rafa – fora oportunizada por essa proximidade geográfica; a facilidade com que podíamos nos ver com frequência em uma das maiores cidades do país. Falo em nossa relação pois ela é muitas vezes objeto de reflexão neste texto; se para mim é uma relação que guarda certa ambivalência – de trabalho e amizade – para Rafa é quase que basicamente uma relação de amizade, ainda que ele saiba que estou escrevendo *com* ele. Conforme sinaliza Geertz quando refere-se à tênue separação entre as esferas ocupacionais e extra-ocupacionais dos etnógrafos, “devemos encontrar amigos entre os informantes e informantes entre os amigos” (GEERTZ, 2001, p. 45).

Neste sentido, minha relação com Rafa trata-se de uma relação interclasse e interracial, matriz donde foram produzidos todos os dados da pesquisa. Eu não me espantaria caso o leitor considere excessiva a minha presença no texto, mas se toda etnografia é um diálogo, um encontro, e se cada sentença de um diálogo é recursiva – quer dizer, seu significado prescinde do que lhe precede (PEIRANO, 1987) – optei por não higienizar o texto e desinfetá-lo da minha presença enquanto ator etnográfico.

¹¹ Com o projeto urbanístico de requalificação do bairro do Rio Vermelho, executado pela gestão do prefeito ACM Neto, o Mercado do Peixe deu lugar à Praça Cairu. As concessões para explorar comercialmente os novos estandes foram transferidas para grandes conglomerados gastronômicos da cidade. Houve uma forte crítica ao projeto, pois acredita-se que este terminou por gentrificar o lugar, outrora popular e com preços mais acessíveis. Resta-me dizer que não haveria lugar para esta etnografia na Praça Cairu; por diversas razões, a estrutura arquitetônica assumida pelo espaço não permite que o mesmo seja ocupado como antes.

Ao longo do campo sinto que não apenas Rafa aconteceu para mim, para o meu trabalho, como eu também aconteci para ele¹², na medida em que eu era tomado como modelo de jovem bem sucedido em termos de carreira escolar – algo que, dentro dos limites impostos pela condição em que se encontrava, ele admirava e aspirava para si. Ora, Rafa sabia que eu já tinha um diploma de graduação, tinha conhecimento da instituição em que eu estudava (e seu respaldo) e frequentemente lia minhas postagens no facebook – provavelmente com uma linguagem nem sempre acessível à toda gente – bem como fotos em eventos acadêmicos.

Esse interesse de Rafa por mim fez-me recordar das observações de Simões, França e Macedo (2010) sobre a pesquisa de campo em boates de São Paulo da qual a mencionada publicação é produto: o interesse em estabelecer relação com as pesquisadoras era crescente quando estas se apresentavam como estudantes da USP (Universidade de São Paulo), “especialmente entre aqueles que mencionavam com ênfase que ‘faziam faculdade’, queriam ‘crescer na vida’ e afirmavam que ter alguém como elas ao seu lado seria um ‘estímulo’” (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010, p. 69).

Rafa me disse que numa das primeira vezes em que juntos saímos, ocasião em que eu estava acompanhado por meu namorado – com quem mantinha relacionamento aberto –, ele percebeu que, mesmo na sua companhia, eu paquerava outros rapazes, e pensou: “*Aii, ele é igual a mim!*”. Provavelmente este é o ponto em comum mais forte entre nós: ambos nutrimos um desejo voraz por homens. Em outros aspectos da vida, contudo, é certo que estabelecemos uma relação de alteridade.

Como poderá ser observado ao longo do texto, faço questão de, vez ou outra, estar acompanhado de meu namorado junto a meus interlocutores, pois não aparecer sozinho parece fornecer uma “aparente indiferenciação” (DESCOLA, 2006, p. 233), me contrapondo à figura do etnógrafo solitário que apenas observa os sujeitos etnográficos com os pares destes. Acredito, assim, tornar-me menos diferenciado, uma vez que, bem como fazem os sujeitos para mim, também eu exponho minhas relações interpessoais ao seu julgo e observação, atenuando possivelmente um distanciamento que a imagem de pesquisador pode provocar.

No capítulo que segue, *Travestis: entre o “não sou” e o “já fui”*, me concentrarei na primeira parte da pesquisa, sobretudo a partir dos espaços de sociabilidade e lazer frequentados por mim e por Rafa, onde percebe-se os contornos imprecisos da sua apresentação em termos de gênero, bem como o seu engajamento em distinguir-se dos vizinhos da favela. São também

¹² Parafrazeio aqui Bruno Latour (1995) ao referir-se em sua antropologia simétrica sobre o encontro entre (um novo) Pasteur e o ácido láctico (novo fermento).

seus vizinhos os rapazes com performance viril com quem Rafa se relaciona, discussão que trarei no referido capítulo. A favela, que, segundo a perspectiva de Rafa, já aparece no corpo das pessoas que cruzam o nosso caminho, inclusive no seu próprio corpo, será visitada no segundo capítulo, que abordará tramas de violência, negociações de trânsito entre os espaços e relações raciais, contribuindo uma vez mais para esclarecer as teias de moralidade desde as quais Rafa traça seu projeto de vida.

Só no terceiro capítulo, *Compor e incorporar projetos*, o projeto será mais detidamente trabalhado, e eu diria que começa a ser pavimentado. O primeiro passo para fazê-lo é o próprio corpo: Rafa o transforma, o desfeminiza progressivamente, a fim de galgar melhores posições sociais. Aqui o corpo é entendido por meu interlocutor enquanto capital, algo a ser apreciado e considerado, demandando, enquanto tal, um trabalho sobre o mesmo¹³. Acredito que o corpo pode tornar-se ainda mais importante como elemento valorativo na carência de outros capitais (econômico, cultural, etc). Argumentam neste sentido Catherine Hakim (2010), ao defender a valência do corpo sobretudo para grupos que em geral têm menos acesso aos capitais econômico e social (como jovens e adolescentes, minorias étnicas, classes trabalhadoras, etc.), e Silva, Torres e Berg (2009), ao pensarem no corpo para as mulheres da *ralé brasileira* (em coletânea de título homônimo editada por Jessé Souza), em que este pode ser instrumento para “subir de posição de classe com o casamento” (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 146). O corpo como único bem pode ainda, segundo os autores, servir como fonte de autoestima, constituindo-se como “um ‘troféu’ de ascensão social no mundo dos homens” (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 146).

O projeto de Rafa, todavia, passa mas não se reduz ao corpo; envolve uma série de questões por vezes não tão claras para si, pois que lida com várias incertezas decorrentes de sua própria avaliação sobre oportunidades de investir em escolarização. Rafa deseja dar prosseguimento em seus estudos, mas não sabe ao certo quando, e não obstante não sabe para onde rumar: seria o momento de privilegiar um curso técnico, adiando o sonho em se graduar? Se sim, qual curso técnico? E se não, qual graduação?

A presente etnografia, ainda que não seja generalizável, pode ser útil na medida em que traz à tona a relação entre projeto de vida, gênero e corpo; o quanto, por exemplo, um projeto de mobilidade ascendente pode afetar a manipulação cosmética de si. E como ainda essa articulação repercute no jogo de aproximações e distanciamentos com os outros, valorizados ou

¹³ Me refiro à transformação operada no seu corpo, mas isso não quer dizer que já não haja, desde sempre, um trabalho sobre ele no sentido de mantê-lo tal qual se apresenta ou não.

não segundo certo esquema classificatório geralmente mediante o corpo – “única manifestação sensível da ‘pessoa’” (BOURDIEU, 2015, p. 183).

Embora um trabalho de caráter microscópico como se pretende uma etnografia (GEERTZ, 2013), este texto não me parece redutível a Rafa, a *um* sujeito, mas pode também ao menos sugerir sobre a realidade de um sem-número de jovens – e não somente homossexuais – que tentam superar as condições por vezes hostis em que se encontram, ou os árduos e obscuros atalhos que lhes conduziram à travessia rumo a uma status social mais confortável e respeitável. As particularidades do caso em voga pode ainda iluminar como um sujeito em contexto de pobreza empreende a produção de uma identidade gay – em contraste com *bicha* e *viado* – e, assim, tornar visíveis as próprias condições de emergência desta categoria.

Eu sou androginia?

Conheci Rafael na Estação da Lapa, o maior terminal rodoviário de Salvador, enquanto estávamos na fila para adicionar carga ao cartão de ônibus. Ele estava com uma calça de aparência feminina, justa e realçando seus quadris, “piranha” no cabelo – um tipo de presilha – e chamou a minha atenção pela androginia reunida no seu corpo. Disse “olá”, perguntei seu nome (um modo um tanto sutil, acho eu, de verificar se se apresenta nominalmente no gênero feminino ou masculino) e se tinha *face*¹⁴, tendo ele de pronto me informado como poderia encontrá-lo na rede social. Bom, disse que depois o explicaria melhor porque queria seu contato.

Embora logo lhe tenha adicionado, só o enviei uma mensagem cerca de três meses depois, quando então era tempo de iniciar o trabalho de campo. Expliquei-lhe que estava fazendo uma pesquisa e que gostaria de contar com sua colaboração. Acerca do que? Respondi-lhe: “androginia”. A verdade é que eu não tinha pensado nesses termos inicialmente, mas ao conversar com algumas pessoas sobre o meu intuito de pensar em gêneros inconformes, logo muitas delas denominaram o fenômeno de “androginia”. Portanto foi um modo que encontrei de resumir e tornar mais claro o que pretendia explorar. Todavia observei que, sobretudo entre pessoas de baixa renda, esse termo é muito pouco difundido.

Em diálogo no *face*, Rafael pareceu surpreso:

“Eu sou Androginia ?

Sei laa!!! u.u

¹⁴ Diminutivo de facebook, rede social on-line.

Vc acha q eu sou eh??

Rs pq?''

Receoso de que isso pudesse ser compreendido como uma ofensa, tratei de positivar minhas observações:

“eu gostei dos seus traços físicos

gosto dessa ‘confusão’ entre traços masculinos e femininos, sabe?

acho interessante e tal”

“Hum...

mas queria saber o que vc acha disso” – disse-lhe.

*“Interessante nem sei eu ... nossa mim confundir todo esse assunto eh bem embaraçoso
Mais eu nao sei se eu tenho alguns traços femino e natural pq eu mim comporto
normal tipo assim sabe?”*

“sim, claro” – entendi que, se a mim e a outras pessoas ele parecia feminino, não era algo intencional ou premeditado.

*“bom” – continuei –, “para mim realmente não é ‘anormal’ possuir esses traços
e eu nem sei mesmo se vc tem, pois a gente se viu muito rápido na lapa né
vc acharia isso ruim?”*

“Vc quer q eu relate alguma coisa pra sua pesquisa ...

Fiquei interessado :)”

“vc acha esse assunto meio embaraçoso?”

“Hum pouco mais nada que nao desembarase rsrs

Achei muito interessante esse assunto ate pq tem alguma coisa ave cmg!!!”

Só após a transcrição desse primeiro diálogo percebi com mais clareza que não foi um modo adequado de apresentar a pesquisa falando em “androginia”, por se tratar de um termo que não está integrado no domínio linguístico de alguns interlocutores. Quando Rafael me pergunta “*Eu sou Androginia ?*” senti de certa forma – e para um colega é exagerada essa minha impressão – que pratiquei uma violência, o nomeando ou o imputando, desde meu lugar (educação formal, classe social, etc), uma categoria obscura. Por isso a estratégia de positivar minha impressão, depois de hesitar com “*e eu nem sei mesmo se vc tem [traços femininos e masculinos], pois a gente se viu muito rápido na lapa né*”, a fim de permitir que inclusive ele

se esquivasse, quer dizer, de que ele próprio me orientasse acerca de uma percepção mais acurada sobre si mesmo.

Pois bem, o fato é que marcamos de nos encontrar às duas da tarde de uma terça-feira no Largo das Baianas (de acarajé) em Amaralina, na orla de Salvador, local que ficava próximo tanto à sua residência quanto à minha. Lá chegando, lhe telefonei para avisar, porém me pareceu que foi a mãe dele que atendeu o celular, me perguntando quem eu era. Ao dizer meu nome, ela perguntou o que eu queria com Rafael, porém a ligação estava pouco audível e logo caiu ou ela mesma desligou – o que, devo confessar, foi um alívio. Fiquei um pouco preocupado; se de repente – como já me acontecera outras vezes, embora não numa situação de trabalho de campo – a mãe dele vivesse muito desassossegada com a sexualidade do meu interlocutor, e intervisse dessa forma nas suas relações interpessoais. Sim, eu pressupus, como mais adiante se confirmou, que Rafael se relacionava sexual e afetivamente com rapazes.

Dei um tempo e o telefonei novamente, na esperança de que dessa vez ele atendesse o celular. Felizmente assim aconteceu. Ele chegou algum tempo depois, desculpando-se por ter-me feito esperar. Não havia problema, pois afinal, como lhe disse, gosto de ficar observando... “*O mar*” – ele interrompeu. Eu disse: “*sim, o mar e o movimento...*”. Ora, isso de dizer “o movimento”, que frisei mais de uma vez, foi um modo sutil de referir-me aos meninos que passam pela orla; de fato o mar naquele momento era secundário na minha observação. Bom entendedor, ele argumentou que o movimento ali deixa muito a desejar, pois “*só tem gente lá de cima [do Nordeste de Amaralina, comunidade em que ele mora]*”, ou seja, seus conhecidos. Não obstante, moradores desse bairro utilizam referências espaciais de altitude (lá em cima, aqui embaixo) para indicar o trânsito entre a favela e a orla, bem como verbos como subir e descer.

Enquanto caminhávamos na calçada em busca de um lugar sombreado em que pudéssemos conversar, nos deparamos com dois senhores, de andar claudicante e aparentemente muito ébrios, sendo que um deles abriu os braços a fim de perturbar Rafael e barrar o caminho pelo qual ele passava, acrescentando à desagradável intervenção o clássico insulto: *viado!* Rafael conseguiu escapar dele sem dificuldade, comentando comigo em seguida que o senhor estava querendo “comer areia”, quer dizer, ser atirado por ele na areia da praia (caminhávamos na calçada da orla).

Pouco depois, algum rapaz “deu *psiu*” para Rafael, ainda na calçada, ao que ele levantou a cabeça de modo altaneiro – segundo o próprio, esboçando uma expressão facial de “Te conheço?!”. É assim que Rafael costuma reagir aos assédios que o incomodam. Quando

conversávamos próximos a uma barraca de caldo de cana, um garoto que devia ter no máximo oito anos de idade o olhava fixamente, e Rafael, sem pronunciar uma palavra sequer, mas desenhando a mensagem com os lábios, o inquiriu: *“Algum problema?”*. Feito isso, o guri não mais ousou dirigir-lhe o olhar.

Em pouco tempo a nossa conversa fora mais uma vez interrompida:

“Desculpe minha ação, mas foi necessário.”

“O que foi?”, perguntei-lhe.

“Eu dei dedo pro homi do caminhão.”

“Por que? Ele fez o que?”

“Porque ele tava dano tchau (risos). Negóço de deboche, debochando... Eu passo na rua, alguém debochar, eu paro e falo ‘eu sou cidadão como outro qualquer, porque vai debochar de mim?’”, disse com altivez.

Ao questioná-lo se é muito paquerado na rua, Rafa afirma que sim, mas que não sabe porque chama tanta atenção, dizendo, entretanto, que há algo nele que atrai muito. Em outro momento, porém, Rafa parece estar certo do que o faz “aparecer”:

“Quando eu saio na rua chamo muita atenção, por causa do meu cabelo... Eu me arrumo, meu rosto fica bastante feminino. O povo acha, eu num acho.”

“E você queria que fosse?”

“Não. Eu tou bom assim”, fala com singeleza e suavidade, reduzindo o tom de sua voz.

A família

Contei a Rafael o constrangimento que passei no telefone ao ser interpelado por uma pessoa que não ele, supostamente sua mãe, com quem ele vive, juntamente com seu padrasto e, no andar de cima, sua irmã com seu filho e marido. Surpreso, ele disse que de fato deve ter sido ela. Então o perguntei se a relação deles era *“tranquila”*, se ela o aceitava numa boa. Entendendo que eu me referia à sua sexualidade, ele disse que *“hoje em dia ela não fala mais”*, deixando subentendido, assim, que ela já reclamou muito a esse respeito. Segundo Rafael, ela não tem problemas com sua sexualidade; ele pode sair de casa, dormir fora, só não pode levar homem para dormir em casa, que *“aí o bicho pega”*. Quer dizer, para ele é compreensível e

aceitável que ela não admita que ele leve namorados para casa, o que não indicaria exatamente uma repulsa à sua sexualidade.

Sua mãe é evangélica, adepta da Assembleia de Deus – igreja “*daquele povo*” para quem “*até novela é pecado*” e “*homossexualidade é o fim do mundo*”. Mesmo com o que para ele seria um obstáculo para sua aceitação enquanto homossexual, ela nunca o rejeitou. Já o seu pai, com quem Rafael ou a mãe nunca viveram, há muitos conflitos. Para começar, nas palavras do meu interlocutor, “*aconteceu de eu ser o erro, o erro que veio a nascer*”. Isso porque o pai dele, quando Rafael tinha apenas dez anos de idade, aviltou a reputação moral de sua mãe, acusando a gravidez de golpe da barriga, o que atestaria sua condição de “*de-se-qui-li-bra-do. Como é que a pessoa vai dar um golpe da barriga ni um pobre?*”, pergunta Rafael para a sua mãe. “*Se ele fosse dono de alguma posse...*”.

“*Então ele nunca te ajudou?*”

“*Não, quando ajudava era forçado. Não por livre espontânea vontade, tipo assim falar ‘olhe, vou... tá precisando de que, Rafael? Cê quer cursar uma faculdade? Cê quer fazer um [curso] técnico, cê quer um cursinho de inglês? Eu posso ver o que eu posso fazer. Sua mãe, pode se juntar eu, eu pago a metade, ela paga ôta metade, você se vira’. Porque eu sempre fui de correr atrás do meu (...)*”

“*E ele tinha condições de te dar esse apoio...*”

“*Olhe, totalmente-totalmente, eu não vou ser hipócrita. Condições ele tinha, como qualquer pobre dá pa criar qualquer filho com pouco*”, disse com severidade enfatizando o “pouco”. “*Porque nem por faltar várias coisas na minha vida eu num dei pa ladrão, num fui roubar os ôto, num vai fazer e acontecer. Então vai de como ele coloque na cabeça de como seria a ajuda dele. Mas ele criou três filho; um que num é dele e dois que é dele. Quer dizer, num queria que ele me criasse, mas... (...) Ele chegou pra mim e falou que ‘Como é que é que uma pessoa se envolveu com uma pessoa ni um final de semana e engravida?’*. Como eu, com dez anos de idade, tive estrutura pa entender isso? Como é que ele achou que eu ia ter estrutura pa digerir isso? *Ele não foi um ser humano. Porque mesmo que se fosse ni um final de semana, e que se fosse golpe de minha mãe, ele tem que entender que eu não tenho nada a ver. O exame de DNA deu positivo. Dois exame deu positivo.*”

“*Vocês fizeram o teste...*”

“*Fez, obrigado pela justiça. Deu positivo. Ele registrou, obrigado. O nome dele tá na minha certidão! (...) E eu contei tudo isso pa minha mãe. A partir disso aí, a partir dos meus*

pa treze anos eu num fui mair na casa dele. (...) Porque eu como uma criança num tinha obrigação de escutar aquilo.

“Claro...”

“Não tinha nem assimilado normalmente o que era a vida. Eu tava... Crescendo, eu estava construindo o meu caráter... E ele, e o que ele fez foi crucial pra moldar o meu caráter, pra mim querer ser melhor que ele. Entendeu? Porque eu nunca vou chegar pruma criança e vou falar ‘A sua mãe tá querendo me dar o golpe da barriga!’, é... ‘Num tenho filho viado!’, ‘Não tenho filho que gosta de cor rosa’. Entendeu? ‘Sua mãe tá me enganando, tá te enganando...’. É... ‘Sua mãe tá querendo me roubar!’, ‘Sua mãe é uma vagabunda!’, ‘Eu num tenho filho com vagabunda não!’”

Autônomo, o pai de Rafael trabalha consertando televisores e mora no mesmo bairro que ele. Ultimamente queixou-se com a sua mãe e irmã dizendo: *“Ele passa por mim e vira a cara, eu num entendo. Eu fiz alguma coisa a ele? Diga a ele que eu não mordo, não”*. Rafael, ressentido, diz não ter *“obrigação nenhuma de querer ser simpático”*, e fala com sua mãe: *“Manda ele ir num psicanálise. Ele sentar na cadeira de uma divã. Manda ele lembrar de tudo que ele fez. Porque aquele ditado é certo: quem bate, esquece. Mas quem apanha, não.”*

A avó materna de Rafael é mãe de oito filhos; *“ninguém deu pa ladrão, ninguém deu pa errado, (...) ninguém deu pa nada do que é ruim. Eu acho até bonito, porque é melhor você trabalhar do que tomar o que é duzoto, o que num é seu”*. Quando a mãe dele tinha dez anos de idade, foi “entregue” para trabalhar como doméstica, só voltando para casa nos finais de semana. Na sua primeira gravidez, aos quinze, foi expulsa de casa pela mãe, que entretanto foi quem cuidou da primogênita, ao tempo em que ela passou a dormir permanentemente no trabalho. Ao todo foram quatro filhos criados com muito sacrifício.

Ao lado da casa em que viviam havia uma igreja evangélica que fornecia-lhes cesta básica regularmente, e suas fiéis muitas vezes tomavam conta de Rafael e de suas irmãs enquanto sua mãe dava um duro danado fora de casa. Hoje, aos quarenta e sete anos de idade, e tendo aprendido a ler apenas há quatro, já se sente exausta e sem condições de saúde para trabalhar como empregada doméstica. Dona de casa, a mãe de Rafael vive com um homem que conta com sessenta e poucos anos, que lhe tirou da vida de morar de aluguel e entendeu que, com os problemas de coluna, hipertensão e de coração que acumulou, já não podia trabalhar na rua. Rafael vive com ela e com seu padrasto, e quando uma de suas irmãs se casou, esta bateu uma laje com seu marido, vivendo na casa de cima.

Mas onde foi parar a narrativa do primeiro encontro? Bom, após interrompê-la a fim de compartilhar com brevidade a história da família de Rafael, gostaria de retomá-la. Em dado momento da nossa conversa ele começou a falar a respeito do seu último namorado, a partir do episódio em que sua mãe os flagrou dormindo juntos. Nas suas palavras, ao abrir a porta do quarto e deparar-se com uma “cabeça branca”, ela assustou-se.

Quando lhe perguntei se esse rapaz com quem ele namorou era gay, ele respondeu de pronto: “*não!*”. Inclusive o jovem tinha uma namorada, com quem Rafael não se incomodava em partilhá-lo; afinal, também ele “dava suas escapulidas”. Ainda que o relacionamento entre eles não fosse de todo “assumido”, ou seja, que nem todos soubessem que eles se relacionavam amorosamente, Anderson, o então namorado, não tinha vergonha em estar com ele em público ou mesmo em ir à sua casa.

Rafael conta que antes de aparecer na vida de Anderson, Anderson não saía de casa, que foi Rafael que “amostrou” a rua para Anderson, mas que, todavia, Anderson desceu ladeira abaixo. Rafael lhe apresentou a maconha, Anderson consumiu todas as drogas possíveis. Esses fatos contribuíram para o término do relacionamento entre eles, pois Anderson começou a andar com “gente errada” e, inclusive, chegou a ser preso. Quando encarcerado, Anderson pediu a Rafael que o visitasse, mas este recusou (“*Cadê que eu fui?*”), embora tenha “apoiado psicologicamente” a mãe de Anderson, senhora que ainda no quando desta nossa conversa telefonava para Rafael, por quem nutre muito carinho. Certa feita, Anderson, bicho solto, desapareceu durante alguns dias de casa. Deveras preocupada, sua mãe o ligou, e quem atendeu o telefone foi justamente Rafael:

“Ele tá na Ilha comigo, minha tia.”

“Ah, ele tá com você, é?” – respondeu ela, se acabando de rir.

“Tá, sim”, disse Rafael, *“mas relaxe que quando eu for embora levo ele.”*

Aliviada, ela agradeceu. Mas Anderson se incomodou por Rafael ter atendido seu celular e falado com sua mãe. Rafael, por sua vez, adorou sentir-se querido por ela. Mais adiante se verá como Anderson e sua biografia é emblemática na vida de Rafael, figurando para o último

um caminho tanto possível quanto temido, rechaçado. Possibilidades morais e éticas com as quais Rafa se confrontará em sua trajetória e nas relações tecidas na periferia da cidade.

1. TRAVESTIS: ENTRE O “NÃO SOU” E O “JÁ FUI”

Tinha dado *play* no áudio para iniciar a transcrição da nossa primeira conversa quando escutei a minha quase súplica a Rafael que ele esquecesse o gravador que pairava ao nosso lado, pois este seria apenas um pequeno – mas, é verdade, para mim tão caro – detalhe. Ter desviado minha atenção para pôr as pilhas no aparelho acabou interrompendo momentaneamente o fluxo da fala de Rafael, e também da minha atenta escuta. Lembro-me que quando combinamos de nos encontrar, Rafa perguntou, aparentemente entusiasmado com a ideia – possivelmente por nunca antes ter sido entrevistado – se eu o faria, ao que, ainda que temesse desapontá-lo, pois é possível que para ele uma entrevista pudesse soar mais prestigioso, lhe respondi que não exatamente, que mais seria uma conversa “de boa”¹⁵ – o que também o agradou.

Posteriormente confirmei minha impressão: ao encontrá-lo em uma festa de largo numa sexta-feira no Rio Vermelho, pelo fato de estar sem celular no momento (o que tornaria a atividade mais discreta – e conveniente para um momento lúdico), saquei do bolso um caderno de notas do tamanho de uma carteira de identidade e comecei a tecer tópicos de observação, sendo censurado por meu namorado, que me acompanhara naquela noite. Pouco confiante na minha memória, de modo que não podia evitar o esboço daqueles rabiscos, simulei algum constrangimento e pedi desculpas a Rafa, mas decerto que sua reação foi a melhor possível: ele disse sentir-se importante com aquilo, acrescentando: “*Acho que sou um pouco egocêntrico; gosto de ser o centro das atenções*”.

Ao reconhecer sua importância para o meu labor, e não apenas legitimar como declarar-se gratificado com aquela prática, me senti menos estranho, e compreendido de certa forma por escrever em meio a uma festa, estando, como se não bastasse, com óculos de aro grosso a amparar-me a visão. Também em outro momento festivo falei, em tom de piada: “*lá vou eu com meu caderninho*”. Novamente, como se precisasse, ele folgou-me, quase que me ordenando: “*fique à vontade!*”

Episódios como esses fizeram com que eu me reconhecesse no texto de Lyra quando ele assinala que, ao perguntar o significado de certas gírias utilizadas pelos garotos “em conflito com a lei” da sua etnografia, “anotava [o significado] propositadamente” (LYRA, 2013, p. 60) na frente deles. “Em todas ocasiões em que isso acontecia”, acrescenta Lyra, “os meninos (...) ficavam muito animados, diria até orgulhosos, com a oportunidade de me ensinar alguma coisa”

¹⁵ Conversas estas, é verdade, que “em alguma medida, também podem ser chamadas de ‘entrevistas’” (LYRA, 2013, p. 55).

(LYRA, 2013, p. 60). Acredito que, qual o meu colaborador, embora em contexto e trajetórias notadamente distintas, há o sentimento de gratificação por conta do nosso interesse por suas vidas, talvez até pelo fato de, para eles, sermos pessoas que gozam relativamente de status social (universitários, de classe média, etc.) em uma sociedade tão estratificada.

Ora, mas quando eu disse no início do texto – ou melhor, da gravação – que ele esquecesse o gravador, o que eu estava querendo, evidentemente, era escapar de uma possível, e, admito, naquele primeiro encontro, de uma inevitável situação de entrevista; escapar de um jogo de perguntas e respostas, a fim de convidá-lo à casualidade (ou a um almejado retorno à), chamá-lo ao relaxamento de não sabermos as nossas próprias ações (falar é agir) registradas que não em mente.

Talvez o que no fundo eu quisesse – e só agora percebo – era apagar-me enquanto pesquisador, fazer-me brotar camarada, ou mesmo um desconhecido com quem se esbarra e que de repente nos vemos narrando parte significativa de nossas vidas, quiçá um alguém cuja primeira brecha que nos abre desandamos a desabafar nossa tristeza. Que pieguice. A verdade é que aquele dia estava longe de ser um dia triste para mim e para Rafael, que me pareceu um jovem descontraído e alegre, que se permite a liberdade de curtir, de ser o primeiro a curtir suas próprias fotos e publicações no *face*, de se curtir enfim, e dizer isso para o mundo.

Devo confessar que havia sido uma transcrição difícil, devido à sua fala acelerada, que se assemelha a de tantas outras pessoas na Bahia, que muitas vezes não chegam a pronunciar as últimas letras da palavra e já acresce outras tantas à construção frasal. A transcrição *ipsis litteris* foi também dificultada pelo ruído de motocicletas que vez ou outra surgiam no local, uma vez que estávamos sentados aos pés da calçada de uma via bastante movimentada. Isso acabou chamando a minha atenção para o fato de que o gravador, por mais que o meu ingênuo desejo pedisse que fosse esquecido, permanecia como constante presença, mesmo que a título de pano de fundo, até pelo fato de ficar à mostra para facilitar a captura do som. Sempre que os motores rugiam ostensivamente, Rafael, muito embora não interrompesse a fala, olhava para o gravador e ria, e eu ria também, comentando em tom bem-humorado: “*é, desse jeito vai ficar difícil*”. Foi a única vez que utilizei gravador nos nossos encontros; acho que no fim das contas eu não me afeiçoaria àquela presença. Contaria, das outras vezes, com um bloco ou um aparelho celular para fazer pequenas notas, além, é óbvio, do precioso auxílio da memória, a partir da qual reconstituiria não apenas as cenas como os seus diálogos.

Minhas primeiras impressões de Rafa era de um rapaz alegre, eufórico, de boa vontade com a vida. Não sei se por sua face muito afinada, ou se, sobretudo, por seu cabelo (um pouco

acima dos ombros, com cachos finos e soltos, bicolor¹⁶, e com um penteado virado especialmente para um lado), não sei se por suas expressões corporais e gestos, por sua face sorridente e sempre inclinada nas fotos do facebook, ainda quando veste roupas convencionalmente associadas ao masculino, há sempre um quê, também visual mas pouco traduzível em palavras, que borra qualquer vontade de gênero, de atribuir-lhe um único gênero. Guardo com carinho a imagem de Rafa muito serelepe quando vê algum conhecido na rua, Rafa correndo para cumprimentá-lo, praticamente pulando em direção à pessoa, com a bunda quase sempre arrebitada.

Revia suas fotos enquanto escrevia para embeber-me uma vez mais da sua presença e tornar minha descrição mais apurada, mas se me permitisse, se experimentasse a tentativa de definir, delimitar o seu gênero, tal projeto diluía-se de pronto, tornava-se vão, e por isso Rafael era-me um sujeito especialmente benquisto na pesquisa. Se o olhar é “um poder social que fica sempre devendo uma parte de sua eficácia ao fato de que encontra, naquele a quem se aplica, o reconhecimento das categorias de percepção e de apreciação que lhe aplica” (BOURDIEU, 2015, p. 195), a Rafa e sua corporalidade devia – e não a um olhar “abstrato” (pois que olhar, enquanto um sentido, é sempre olhar algo) – a necessária lida com o embaraço dos polos masculino e feminino, mas isso justamente porque nele encontrava signos de ambos os gêneros.

Halberstam afirma que o gênero de alguém deve ser identificado num relance, ou, nas suas próprias palavras, que a “regra essencial do gênero” é que “alguém deve ser legível à primeira vista” (HALBERSTAM, 2008, p. 47). É importante ressaltar que essa inteligibilidade de gênero não está, mesmo em curtos intervalos de tempo (pensemos: de um dia a outro), para sempre assegurada, variando, e.g., segundo a vestimenta – toda ela investida do potencial em produzir gênero – adotada neste ou naquele momento. Vejamos Rafa: da primeira vez que o avistei, muito rapidamente, ele estava trajado e arrumado de modo mais feminino que nos nossos encontros ulteriores; um coque no cabelo e uma calça que realçava os seus quadris.

Conquanto Halberstam reconheça que a androginia consiste em uma mescla de gêneros, pontua que raramente chega-se à ambiguidade total e que, portanto, muito poucas pessoas “têm um gênero impossível de identificar” (HALBERSTAM, 2008, p. 50). Em seguida argumenta que “quando uma mulher é confundida continuamente com um homem creio que podemos dizer que o que marca sua apresentação de gênero não é androginia, mas a masculinidade” (HALBERSTAM, 2008, p. 80). Ele observa, assim, que o desprezo destinado a essa mulher é

¹⁶ Certamente por conta da tintura gasta (castanho escuro do topo até o meio da cabeça, e o resto tingido de um louro caramelizado).

provocado não por uma mescla de gêneros, mas pelo reconhecimento público de sua masculinidade – ou talvez, acredito eu, mais adequado seria dizer: pelo reconhecimento de uma masculinidade que sobressai em relação à feminilidade, uma vez que o alvo de rechaço é o corpo no qual se identifica ambos os gêneros. Aliás, Halberstam define a *butch*, que seria o clássico estereótipo da sapatão, como “certa versão de ambiguidade sexual” (HALBERSTAM, 2008, p. 178).

Ainda que Rafa não pudesse ser assimilado claramente pelo esquema dimórfico de gênero predominante (ou seja, pelas categorias homem ou mulher), seguindo a linha de pensamento proposto por Halberstam tampouco se apresentava com regularidade exatamente como uma *peessoa* andrógina (cujo gênero é indecível), pois que um ou outro gênero, assentado por seus adereços, vestimenta e arranjo cosmético, parecia ganhar mais destaque. Fato é que, resguardando suas imprecisões, ainda era possível identificar o gênero de Rafa, isso porque os liames que definem homem e mulher são elásticos, e precisam sê-lo para assegurar a própria longevidade dos termos (HALBERSTAM, 2008). Os contornos fluidos derivam do comprometimento dos membros de uma sociedade em, mesmo ante uma pessoa que não pode assenhorar-se de um único gênero, insistirem em atribuir-lhe *um* gênero, o que implica em uma “multiplicidade de apresentações de gênero inclusas dentro de uma mesma categoria” (HALBERSTAM, 2008, p. 50).

Aqui eu reivindico certa despreocupação em mensurar, ao menos na primeira parte da pesquisa, o gênero de Rafa, enquadrá-lo como pessoa andrógina ou menino feminino – certo, contudo, de que sua corporalidade desafiava e revelava a insuficiência em aplicá-lo a lógica/imperativo do “*ou* homem *ou* mulher”. Esse desleixo partia do próprio sujeito, que parecia jogar “com uma forma de desvio de gênero mais despreocupada” (HALBERSTAM, 2008, p. 167)¹⁷ – o que particularmente me interessava –, quer dizer, muito mais desleixada que uma pessoa transexual, que em geral investe meticulosamente em uma série de transformações corporais mais epidérmicas e definitivas, no intuito de pôr fim à mescla de gêneros.

Essa despreocupação, porém, há que ser relativizada. Primeiro porque podemos confundir certo controle exercido sobre si (até que ponto posso feminilizar o meu corpo para não ser considerado uma travesti?) com o que aparenta uma atitude despreocupada. Depois

¹⁷ É possível que em algum momento do texto o leitor se depare com o etnógrafo utilizando o pronome feminino “ela” para se referir a Rafa. Eu próprio fui afetado por esse desleixo, nas diversas vezes em que os gêneros pareciam embaralhados e as fronteiras movediças, quando em campo o meu sujeito etnográfico referia-se a si próprio no feminino.

porque, a variar segundo o contexto, aquilo a que consideramos despreocupação pode dar lugar a um interesse em demarcar o gênero masculino, operando com sua elasticidade e tentando mesmo elasticizá-lo. Foi assim que deparei-me casualmente, enquanto fazia uso de um aplicativo para smartphones voltado para intercursos homoeróticos entre o público “masculino”, com o perfil de Rafa, que, abaixo da sua foto, advertia, descrevia-se como: “*naao sou travestir*”¹⁸. Decerto que não faria sentido que eu proferisse semelhante afirmação sobre mim mesmo, mas Rafa, e não apenas eu, pesquisador, reconhecia que sua imagem poderia suscitar naquele que o vê a interpretação de que ele era uma travesti – o que poderia bastar para afastar possíveis pretendentes num contexto em que se lança mão do recurso do aplicativo para buscar rapazes próximos a si.

Isso me lembra os relatos de Duque (2011) sobre como algumas travestis por ele acompanhadas desmontavam-se (e daí o campo a partir do qual o autor postulou o conceito de “montagem estratégica”) quando, por exemplo, saíam na noite para uma “boate gay”. O termo estratégia remete a um objetivo visado em determinado contexto interativo com o qual o agente está familiarizado, antecipando as expectativas daqueles que fazem parte deste contexto. Dito de outra maneira, alude a um certo senso de jogo.

Embora no primeiro encontro que marquei com Rafa sua roupa fosse, por assim dizer, mais masculina, ele usava um anel grande e feminino e um brinco em cada orelha com um olho grego. O pingente da sua corrente era um coração, também com um olho grego no centro. Vez ou outra, enquanto falava comigo, Rafa girava com suavidade seu cabelo para um lado ou para o outro, apenas movimentando sua cabeça e pescoço. Se o modo como movimentava o cabelo – componente fundamental de sua performance – era em geral suave, poderia tornar-se em alguns momentos bastante ouriçado.

Um acontecimento exemplar desta excitação foi quando passamos em frente a um quartel do exército, em pleno sol das duas da tarde, moderadamente regados a cerveja e acompanhando um minitrio (elétrico) que fazia ecoar naquela iluminada avenida o som dum convidativo afoxé. Na ocasião avistamos um jovem soldado negro, devidamente fardado, que observava com seriedade a caminhada do povo de santo¹⁹ da qual participávamos. Rafa me contou que era comum durante a madrugada que os soldados ficassem chamando os viados para

¹⁸ Mantive ao longo do texto a fala das pessoas conforme me fora dito, por entender que a linguagem é uma dimensão importante tanto em termos de posição sociocultural quanto em termos da situação em que a ela recorreram.

¹⁹ Adeptos de religiões afro-brasileiras.

fazer putaria dentro do exército. Ambos ficamos aos suspiros com tais desejos e imaginações ardentes, quando Rafa balançou a cabeça de um modo especialmente acelerado e gritou “*Aaaaa*”, agitando seus cachos pra lá e pra cá, como quem mal pode conceber a realização desses fetiches. O cabelo de Rafael – como se verá ao longo do texto – lhe era objeto de especial importância.

1.1. Os novinhos periféricos

Após colocar o gravador a postos, Rafa voltou a falar acerca de Anderson, com quem teve um romance durante dois anos. Naquele período o rapaz, achando que o “perderia”, mandou que o “novinho” com quem Rafael estava então tendo um lance ralasse, quer dizer – me explica Rafa – o deixasse. Rafa me disse que ainda gostava de Anderson, mas – ressalva – do novinho também, e riu-se consigo mesmo. Foi aí que entendi o porquê, no início do nosso encontro, de Rafael afirmar que seu coração é vagabundo.

Devo admitir que não achei que se tratasse de uma mera coincidência que ambos os rapazes com quem Rafa se envolveu amorosamente fossem “machos”, quer dizer, com performance mais máscula e viril, o que seria indício do modelo hierárquico proposto por Fry (1982) enquanto sistema de conhecimento da sexualidade masculina proeminente nas camadas populares e no interior do Brasil. Neste esquema, a posição no ato sexual (passivo/ativo) é determinante na definição do gênero do sujeito, dicotomia que será análoga à bicha/homem, feminilidade/masculinidade. Esse modelo será melhor discutido no terceiro capítulo.

Inquiri-o:

“Você pega gay também?”

“Pego. Se rolar a química, se gostar...”

Nesse momento interrompemos por um instante nosso bate-papo, como acontece quando converso com alguns amigos gays e passa um rapaz que nós dois achamos atraente. Senti que ali foi a primeira identificação entre mim e Rafa.

“Fofinho”, avaliei. “Cê ia dizer isso?”

“Eu não ia falar nada (risos)”

Interrompemos o diálogo por iniciativa minha. Pode ter soado espontânea – acho mesmo que soou – contudo, havia na minha fala um propósito recôndito de forjar, desde o nosso primeiro encontro, uma identificação entre a gente. Conforme sinalizei na introdução, o fato de eu ser gay e, muitas vezes, compartilhar de desejo pelos mesmos rapazes que meus/minhas interlocutores/as indubitavelmente é um fator importante para a nossa aproximação. Como observa Lyra (2013, p. 60), “o contato etnográfico requer estratégias inventivas, capazes de se adaptar às condições de pesquisa e, especialmente, de gerar o máximo possível de intimidade com seu objeto”.

“É que eu sou muito carinhoso”, retomou Rafa. “Então eu acho que eu não vou achar nenhum hétero. A única pessoa que eu posso dar carinho e receber carinho... é um gay”, disse com ar de resignação, diminuindo o tom de sua voz. “E sem falar, né, eu, particularmente, eu acho os gay, assim, um povo que são romântico, e eu sou bastante. E eu dou valor a cavalheirismo. Porque eu também sou”, afirmou de modo categórico. “Eu acho que não tem gente carinhosa no mundo.”

“Mas o Anderson, ele...”

“Ai, Anderson atormenta minha vida. Eu já fui a tanto psicólogo, psicanalista, conversar por causa de Anderson. Tá achando que Anderson foi pouca coisa?! Eu já fui pa psicólogo, minha mãe já pagou analista pa mim, lá no Pituba Parque Center²⁰.”

“Foi?”

“Oxe... Eu ia lá, conversava, contava só sobre Anderson. O homem já chegava perguntando: ‘Anderson aprontou o que dessa vez?’. Eu: ‘não, não tou mais aguentando essa sina, não sei o que eu faço da minha vida’.”

“Anderson te deu prejuízo, viu...”, disse eu, brincando.

“Amei! Amei! Muuito!”, enfatizou.

“Mas ele... Bom, vocês dormiam abraçados; ele não era carinhoso?”

“Ele era...”, pausou. “Mas, tipo assim, de 100%, 0,9...”

Pelo que tínhamos conversado nesse primeiro encontro, achei que Rafa e Anderson já não se encontravam. Porém, quase um mês depois, enquanto acompanhávamos a caminhada do povo de santo do Nordeste de Amaralina – onde Rafa reside – ele segredou a mim: *“olha aquele menino de boné roxo, é Anderson”*, e foi cumprimentá-lo. Anderson tem um tom de pele

²⁰ Centro comercial com diversos serviços, localizado entre a Pituba e o Itaigara, bairros de classe média alta de Salvador.

moreno claro (Rafa o descreve como branco), e estava sem camisa. Todo mundo dizia a Rafa que “Anderson é a cara do ladrão”. Para mim não era mais que um moleque que via sorridente o afoxé passando pelo seu bairro naquele domingo de sol escaldante.

Pouco mais adiante do trajeto, eles se falaram novamente, e Rafa me disse que ele o estava provocando, dobrando e levantando “a perna” do seu short até a altura da coxa, pois haviam se encontrado há uma semana e brincam de trocar de short um com o outro. Certamente a peça de roupa que alterna entre a casa dos dois é signo de um elo qualquer entre eles, de que irão ou pelo menos podem se ver, de que há um pretexto para se reencontrarem.

No entanto, embora Rafa não possa esquecer Anderson, seu “príncipe” é Lucas, o novinho:

“Mas esse também tem namorada (risos)”, disse-me esperando uma reação. “Postou no face semana passada”.

“Você já gosta...”, graciei.

“Não, eu nem sabia (risos)”, como quem se esquivava de uma culpa fictícia. “Eu tinha a menina, não sabia que ele tava ficando com a menina. A menina postou no face: em relacionamento sério. E apareceu logo; ela sendo minha amiga e ele sendo meu amigo, ia dar logo destaque na minha página, né. Liguei pra ele: ‘Tá namorando, é?’, ‘Eu não’, ‘E o que significa aquilo no face?’. Mas eu não cobro não, porque num é relacionamento, é um lance...”

“E um lance... É um lance, né?”, falei sorrindo, em citação a uma música de funk que até pouco tempo tocava bastante.

“Mas tá rolando sentimento...”

“Tá rolando?”

“Tá. Da minha parte demais. É por isso que eu tenho que parar.”

“E você acha que da parte dele?”

“Não. Ilusão. Ele tá querendo me iludir, achando que eu sou criança.”

“Você acha que ele quer o que com você?”

“Ele? Ele uma vez falou brincando comigo assim mesmo: ‘oxe, uma vez me iludiram, agora eu aprendi a iludir’.”

“Ele é hétero?”

“Nem eu mesmo sei. Eu não perguntei (risos)”, desdenhando de identidade sexual.

“Mas pro outro cê perguntou?”

“Anderson? Anderson é hétero, pega um bocado de mulé.”

“Só pega mulher, é?”

“Ele pega um bocado de mulher, ele falou que eu era único, mas depois eu fiquei sabendo que num fui, né?”

“Rá, mas enquanto estava com você? Você soube que ele pegava outro?”

“Não... Ele jurou pra mim que não pegava.”

“E você?”

“Eu acreditei.”

“Aham.”

“Mas também eu não era santo não. Dava uns corninhos, né, de lei. Oxe... acho que a galhada que ele deu já passava da lua. Mas eu não considerava como galhada, porque ele tinha namorada também, né... Sei lá, acho que a gente não teve um relacionamento, a gente ficou muito tempo. Tipo assim, três anos ficando assim, sabe?”

Como indica o texto, eu estava interessado em saber mais sobre a circulação, usos e significados dessas categorias que indicam orientação sexual. Observe que o “só” do “só pega mulher” foi introduzido por mim, enquanto Rafa deixa tácito que seu entendimento acerca da definição de heterossexual não exclui necessariamente do rol de suas práticas envolvimentos homoeróticos, qual o uso feito por mim. Neste sentido, haveria uma descontinuidade, uma fissura entre identidade e prática sexuais. Me parece que é muito mais interessante ou esclarecedor, neste caso, falar em termos de práticas que em identidade.

Vale aqui ressaltar que no modelo hierárquico a partir do qual Fry (1982) se propõe a compreender o enquadramento da sexualidade masculina no Brasil não caberiam os conceitos de homossexual e heterossexual, obsoletos ante os polos de atividade/passividade sexual, definidores do gênero. Em vez de gays ou héteros, compreendem-se os homens como másculos ou efeminados. Se nas classes populares o modelo predominante era o da hierarquia, que segregava e opunha os homens que se relacionavam entre eles, tendo o ato sexual como o dramatizador das diferenças (SIMÕES, 2014), nas camadas médias forjava-se a possibilidade do envolvimento afetivo-sexual entre *semelhantes*, e a possibilidade de permuta no ato sexual, solapando a distinção entre passivos e ativos (homens e bichas), estruturante do sistema hierárquico.

A nova taxonomia que emerge com o modelo igualitário dá-se, pois, na base da orientação sexual, não sendo mais norteadada pela posição assumida no ato sexual, o que suspeito que diga respeito, dentre outras coisas, à ética de discrição tão exaltada nas camadas médias, na

qual idealmente não haveria lugar aos pormenores sexuais que seriam publicizados implícita ou explicitamente na classificação do outro. Contudo, como os tipos ideias weberianos, dificilmente encontraremos agrupamentos sociais no Brasil em que há um só e puro tipo; ambos os modelos coexistem e por vezes concorrem entre si. Neste caso, intuo que por um lado certo sentido de indeterminação quanto às práticas sexuais se conserve independentemente da posição social do sujeito, e, por outro, que a categoria “heterossexual” seja ressignificava à luz do modelo hierárquico.

Fiquei curioso para saber o modo como Rafa é tratado por esses meninos que não se identificam como gays, e ele me disse que “normalmente”, que eles se veem em público, e que ele deu sorte com ambos. Então tomou a iniciativa de ligar para Lucas, que tinha visto há poucos minutos, e colocou, também por iniciativa própria, a chamada no viva voz, a fim de que eu pudesse escutar e constatar por mim mesmo a consistência do seu argumento. Rafa disse para Lucas que gostaria de encontrá-lo. Ouvi aquele curto diálogo e para mim era como um casal de namorados, até mesmo pelo tom de voz peculiar a quem mantem um relacionamento íntimo. Porém essa relação parecia conservar, ainda assim, uma dimensão de segredo, porque Lucas disse que Rafa não deveria encontrá-lo, pois ele estava com muita gente – com amigos com quem bateria um baba. Foi aí que Rafa dramatizou e disse: *“Num vou mais aí não, me injuriei.”* E Lucas cedeu: *“Pode passar, tou esperando.”*

Fui apresentado a Lucas na calourada do Rio Vermelho. Como o nome indica, era um evento que surgiu como celebração para recepcionar calouros, em princípio organizado pelo corpo estudantil de faculdades privadas situadas no Rio Vermelho. Era comum que após uma calourada acontecesse a “ressaca da calourada” – festa de mesmo caráter – e depois, não satisfeitos, a “ressaca da ressaca”, e assim por diante, de tal forma que o evento se havia estabilizado e mesmo se emancipado do seu propósito inicial, embora mantivesse o nome. A principal forma de divulgação da festa, de livre iniciativa e sem ligação específica com os estudantes das faculdades (podendo mesmo ser organizada por secundaristas), era pelo facebook.

Como uma típica festa de largo, não havia um centro difusor de música. Pelo contrário, as diversas músicas (de pagode baiano, e às vezes funk) proliferavam-se através dos sons automotivos espalhados pelo local. Ao redor dos carros donde ecoavam as canções geralmente aglutinavam-se diversas pessoas, e, dentre elas, algumas – sobretudo rapazes – dançavam de modo sincronizado, quase coreografado. Havia um nítido esforço de padronização temporal dos movimentos corporais em relação aos pares. Era possível observar ainda a presença de grupos

de gays e de travestis, que também dançavam. Embora boa parte do público da calourada fosse composto por moradores do Rio Vermelho e arredores, principalmente dos bairros de periferia circunvizinhos, o evento atraía pessoas de diversas regiões de Salvador.

Da primeira vez que falei com Rafa sobre esse evento, que costumava acontecer nas noites de sexta-feira no Mercado do Peixe ou no Largo da Mariquita, no Rio Vermelho, ele disse-me não gostar, que mais lhe agradavam as calouradas que ocorriam no Imbuí, pois lá, uma vez que não encontrava pessoas conhecidas, se sentia mais à vontade, inclusive para paquerar. Ele não se interessava pelas calouradas que acontecem no Rio Vermelho porque não gostava dos gays que a frequentavam; segundo Rafa, são gays que tem muita “rixa” entre si, quer dizer, que gostam de rivalizar um com o outro. Talvez também não o apetecia pelo desinteresse em comungar de um espaço celebrativo com os seus vizinhos, uma rejeição ao sentido por vezes idílico de “comunidade”.

Embora tenha me dito que não gostava do evento, um tempo depois vi que Rafa postou no *face* fotos no Mercado do Peixe com algumas amigas sob a legenda de “Calourada Agua Dura”. Eu, que adorava as calouradas, principalmente devido aos rapazes e suas danças de forte apelo erótico, logo procurei saber se ele tinha mudado de opinião e, quem sabe, se poderíamos ir juntos numa próxima. Assim, marcamos de irmos à edição seguinte; ele disse que estava sem “dindin”, e que até se envergonhava em falar isso, mas eu o acalmei, e pedi que não se preocupasse, pois seria meu convidado naquela noite. Disse que ele poderia ficar à vontade e levar quem quisesse, tanto amigos quanto Lucas, pois, afinal – pensei – para mim não seria interessante estar sempre a sós com ele, mas com outras pessoas do seu convívio. Combinamos então de partir rumo à – segundo Rafa no bate-papo do facebook – “*sexta sem lei rrsrrsrs*”.

Nos encontramos próximo ao apartamento em que eu morava, que ficava a um quarteirão de onde acontece a calourada. Lá estava Rafa, acompanhado de uma amiga e de Lucas e um amigo dele. Eu e meu namorado, que foi comigo, estranhámos um pouco a relação de Rafa e Lucas. Qualquer pessoa que não os conhecesse e os visse naquela ocasião jamais poderia levantar qualquer suspeita de que eles teriam uma relação mais íntima, até mesmo de amizade, pois quase não se falaram durante toda a noite, e mantiveram-se um pouco distantes um do outro mesmo espacialmente.

No entanto, sabendo previamente do caso, ou, nas palavras de Rafa, do lance que havia entre eles, aos poucos me foram parecendo mais propriamente um casal. Lucas foi o único que não tomou cerveja durante a noite, e não se esforçou para ser simpático nem comigo nem com os demais em momento algum, ao contrário do seu amigo, que estava bastante descontraído.

Veza ou outra me olhava com alguma desconfiança, mas não quis encará-lo, até porque o achei um jovem bastante atraente e não seria de bom tom da minha parte alimentar qualquer desejo pelo rapaz. Ele não parecia ter apenas dezesseis anos, mas ser um homem formado, talvez de uns 20 anos. Rafa e eu comentávamos sobre a beleza de vários rapazes que passavam por nós, sendo que ele manifestava oralmente seu desejo de forma mais ostensiva no grupo em que estávamos, de modo que em um dado momento ficou nítido para mim que Rafa estava querendo provocar Lucas, e lhe perguntei se eu estava certo. Ele me respondeu: *“Também (risos)!”*

Parecendo não se importar muito, ou pelo menos simulando tal comportamento, Lucas sequer olhava para Rafa, mas apenas para as pessoas, especialmente para as meninas que passava por nós, as quais eram obstinadamente criticadas por Rafael. A bem da verdade, parecia um casal birrento. A impressão que Lucas passava era de não ter ido à festa de muito bom grado, mas somente tomar conta do seu parceiro, que queria divertir-se e dançar um pouco naquela noite. E se de fato ele foi com tal propósito, conseguiu disfarçar muito bem, distante e impassível na sua austera seriedade, no melhor estilo “durão”. Lembro de ter achado graça quando, em certo momento, passou uma garota e Rafa censurou seu traje: *“Essa menina tá quase nua!”*, ao que Lucas, num misto de condescendência e provocação, retrucou: *“Ela tá com calor.”*

As críticas de Rafa não pararam por aí. Ele falou de quem estava se sentindo a gostosa e para quem ele gostaria de dar a real, pois a garota na verdade estava ridícula, disse que o short de outra já estava manjado, se perguntou pra que tanto brilho na roupa que fazia com que a menina parecesse um globo terrestre. Confesso que a princípio achei sua atitude bastante misógina, e em encontros posteriores, cujos relatos poderão ser apreciados aqui, cheguei à conclusão de que era um modo, deliberado ou não, de reduzir as pessoas que considerava “rivais eróticas”, ao menos potenciais.

Uma conversa com Rafa através de áudio e escrita pelo whatsapp clareou um pouco mais o que permeava suas relações com os “machos” da favela, bem como o que ele pensava a respeito. Tudo começou quando um jovem de dezoito anos com quem eu estava me relacionando sexualmente, morador do Alto de Ondina, havia criado um grupo no whatsapp sob o título de “garotos de programa”. Ele, que se enquadrava nesse tipo “macho que come viados”, me solicitara insistentemente que eu adicionasse amigos e amigas no grupo. Para não desapontar o jovem, tentei fazê-lo. Pensei de pronto em Rafa, que poderia quiçá posteriormente

adicionar algumas de suas amigas, pois eu não dispunha de amigas que se interessariam em estabelecer relações interclasse com esses garotos.

Rafa (mais recentemente, quando de cabelo cortado) já me havia adicionado em dois grupos no whatsapp: um que chamava-se “Os Aliados”, onde reunia suas amigas mais próximas (cerca de dez pessoas) e outro intitulado “negros baianos”, que reunia negros gays de Salvador. Rafa era o fundador desse grupo e fez questão de elevar-me à condição de administrador do grupo, como quem confere uma honraria a alguém. Não me custava muito sê-lo; no máximo vez ou outra eu recebia mensagem no meu próprio whatsapp de algum participante requerendo que eu adicionasse alguém (provavelmente algum amigo seu) no grupo.

A movimentação do grupo cumpria o intuito da sua fundação: fomentar o encontro íntimo entre os membros, o que era feito basicamente com a auto-exposição dos mesmos através de fotografias sensuais, às vezes *nudes*, geralmente acompanhadas com dados como idade, nome e bairro, e às vezes com um interesse específico (encontro casual – eventualmente ressaltando a posição sexual preferida –, namoro sério etc.). No grupo também circulavam vídeos pornográficos, e menos frequentemente os membros estabeleciam discussões entre si que revelavam certas moralidades – das quais Rafa nunca participava –, como modelo de relacionamento ideal, sexo em locais públicos como banheiro, etc.

Eu, que jamais me manifestava no grupo, e que muito provavelmente era o único rapaz “branco” e de classe média, certa vez ousei repassar a mensagem de um amigo, cuja ONG em que trabalha estava realizando testagem gratuita de HIV através de fluidos orais com jovens entre 16 e 24 anos. Após divulgar a mensagem no grupo um rapaz levantou uma dúvida (“como é possível testar o HIV oralmente se sabemos que o vírus não é transmitido no beijo?”), cuja resposta, que a priori eu não sabia, tentei articular levantando algumas hipóteses, as quais, por sua vez, suscitaram outras discussões entre mim e ele, até que outro membro do grupo manifestou-se: “*Vão ficar nessa, é?*”. E eu, envergonhado, pedi desculpas e assumi estar sendo chato. O rapaz com quem eu estava então interagindo enviou-me uma mensagem privada dizendo que eu não estava sendo chato, mas que – argumentara em tom crítico – as pessoas do grupo estavam interessadas apenas em ver foto de pica ou no máximo conversar sobre Daniela Mercury (considerada diva por muitos gays baianos).

Retomando ao que sucedeu à minha adição de Rafa – não sem antes perguntá-lo se eu poderia fazê-lo – no grupo criado pelo rapaz que eu estava encontrando, o apresentei, ou melhor, falei com Rafa sobre minha experiência com o fundador do grupo, após enviar foto do garoto:

“Tô pegando

A primeira foi de graça, mas depois precisei começar a dar uns agradados

Sabe como é né, eles gostam mesmo é das pepecas rs”

*“Eu acho que não, viu amigo, são tudo discarado... Ele tá nesse grupo, é? {áudio}
humm hetero e?”*

“Sim, digo, gostam de mulher

Aff não tenho paciência, amigo

Pedi pra colocar as amigas

Pq né

Eles sempre pensam que os gays tem milhares de amigas”

Após escutar minha narrativa e interpretação sobre o padrão de relacionamento entre mim e os rapazes da favela, que às vezes inicia “gratuitamente” mas cuja continuidade depende de certa transação financeira, Rafa comentou, confirmando minha hipótese, que: *“Realmente é isso: ele fez uma amostra grátis (...). Aí o que ele fez foi tipo: te aticar, pra você já saber que ele tem um potencial e que você vai ter que gastar {áudio}”*

Mais adiante, depois de escutar um caso em que eu não tinha absolutamente dinheiro em casa, e disse a um rapaz com quem eu mantinha relações sexuais que as moedas que eu tinha somavam apenas R\$2,50, e o rapaz aceitou, Rafa afirma: *“Determinadamente, amigo, são tudo pivetes (risos). Pelo papo que você já viu aí, eles... São tudo novos mesmo, né amigo, são novinho né, eu”* – diz com voz sorridente – *“eu já conheço essa raça. Eu já conheço essa raça. (...) Ele queria algum dinheiro, ele saiu com você, mesmo que seja pouco ou não, ele levou. Lógico que ele pratica, sim”* – fala com ênfase – *“se ele não praticasse ele não ia praticar por dois e cinquenta. Cê tá entendendo? Tipo: mercado de prostituição tá dando dinheiro. Se ele foi por dois e cinquenta significa que ele já foi por nada. E... Você sabe como é que é a situação da vida hoje em dia. Lógico que ele vai querer mostrar pra você que não curte, por ele ser hétero e por você não ter noção nenhuma da favela, então ele acha que você é playboy, né, só quer extorquir. Cuidado, amigo, cuidado.” {áudio}*

Com relação especificamente ao rapaz que criou o grupo “garotos de programa”, comentei com Rafa que eu confiava nele, que existem certos tipos de pessoas que você sente, vê na cara que são pessoas boas, incapazes de fazer mal, mas que, entretanto, sempre me assusto quando me perguntam se estarei sozinho em casa, ainda que possa revelar que sente vergonha em ser visto por outras pessoas, uma vez que esses rapazes não são “assumidos”.

Rafa então seguiu advertindo-me: *“É tipo isso, amigo: ele é novinho, tipo, a malícia pode bater na cabeça dele, entendeu? Então é sempre bom você... Se precaver. Quando ele for na sua casa você deixar umas faca assim ni uns lugar estratégico que você já sabe onde é que tá, alguma coisa cortante que dê pa você amedrontar ele e botar ele pa ir embora. Agora... Se ele te perguntar se tiver sozinho, você... Sempre omite. ‘Não, não tou sozinho, tem uns pessoal aqui mas o pessoal já tá saindo’. Tipo assim, pa ele já saber que o terreno não tá limpo, ou algo desse tipo, tá entendendo? É... Precaver, amigo. Porque você gosta de novinho, né, periférico. Eu também gosto, amigo, mas eu num saio porque num é lucro, não dá. Amigo, num dá, num dá, num dá. Você até pelos valores que ele cobra, amigo. Ah, amigo, eu... Num dá não, amigo. Né nem pagar, amigo, o valor tá muito barato [R\$25], eu fico com medo (risos). Amigo, o máximo que eu já consegui ganhando saindo, eu já ganhei 400, 600, 700. Amigo”* – fala em tom de alarde – *“nunca pedi 25, amigo, porque 25 não dá nem pa pagar um táxi, amigo. Então... É isso que eu fico intrigado com ele. Ele deve ser puro mesmo ou tá aprontando alguma. Às vezes possa ser isso meesmo, ou não. Mas por precaução, quando ele chegar no seu quarto você fala: ‘O pessoal tá aí no quarto, mas ninguém sai não’. Entendeu, amigo? Tipo: ah, não vou poder fazer nada, um grito uma pessoa já vai estar aqui. {áudio}”*

Eu agradei pelas advertências e disse depois:

“Não é profissional, né amigo. Pq de GP²¹ GP mesmo eu não tenho medo.”

“Lógico, amigo, que dá medo deles. Oxente, um bocado de favelado, amigo, com capacidade de fazer homicídio” – diz como quem segreda. *“Eu mermo, amigo (risos), eu num confio totalmente não, nessas miséria não, a não ser que eu já conheça. Anderson eu tinha essa certa segurança, eu sabia que ele tinha capacidade de fazer tal, mas eu gostava, né amigo, daquele instinto bandido”* – fala no tom de quem confessa um delito indecente, quase erótico. *“É o único, mair nenhum. {áudio}”*

“kkkkkkkkkkkkkkk

E lucas, amigo

Vc nunca deu dinheiro”

“Tu acredita, amigo, que eu nunca paguei? O máximo que eu já fiz foi fazer regue de pó, e botar eles pa cheirar bastante e depois rolar de boa. Com Ruan, que Ruan era meio ladrãozinho, foi isso que eu fiz: eu tava ni um regue na Engomadeira com um cara, liguei pra

²¹ Garoto de programa.

ele, paguei o taxi dele e botei ele pa cheirar cinquenta reais, foi aquilo tudo (risos). Lucas eu tentei fazer o mesmo, mas ele não aguentou cheirar tanto, dormiu... Anderson não. Anderson ficou acordado” – fala como quem revela algo surpreendente – “foi por isso que eu fiquei com ele um bom tempo (risos), que aquele, ali aguentava, querido (risos). Fora disso eu nunca paguei nenhum tostão não, nenhum tostão mesmo. É, até Lucas mesmo, eu ficava naquela onda, Lucas gostava mermo, porque eu também colocava maconha. Aí Anderson e os otos que eu peguei companhia limitada foi a gente fazendo regue de pó. E eu, como eu sou sem miséria, eu gosto de cheirar, e quando eu gosto eu compro uma quantidade mil grau e deixo todo mundo se acabar. Aí foi assim que eu peguei um bucado. Que gosta de grelhar²² (risos). Eu deixo eles grelhar à vontade, depois eu... (risos) {áudio}”

“kkkkk

Eu acredito!!”

“kkkkk amigo eu sou d mais já sei oq esse povo gosta hahaha”

“Esse povo” ou “essa raça” é também referida na etnografia de Don Kulick (2008) com travestis na Salvador dos anos 90, em que observa necessárias transações de dinheiro e presentes (por elas chamado *agrados*) não apenas com seus namorados e maridos. Segundo ele,

a maioria das travestis de Salvador tem uma grande fraqueza, uma “queda” por rapazes e adolescentes, a quem se referem pelos termos *boy* ou “boyzinho”. Os boyzinhos mais atraentes aos olhos das travestis costumam ser jovens musculosos com idade entre 14 e 17 anos. Não há escassez desse tipo de jovem em Salvador. Em qualquer área em que vivem travestis haverá dúzias de juvenzinhos musculosos desfilando pelas ruas (...). Quando uma travesti vê um boyzinho atraente, ela o convida para ir a seu quarto oferecendo uma cerveja e/ou um pouco de maconha. E então eles fazem sexo. Depois disso, ela pode dar o equivalente a dois ou três dólares para fazer um lanche (...) ou para comprar maconha (KULICK, 2008, p. 129-30).

Kulick pontua ainda “que nem todos os boyzinhos aceitam o convite”, mas “muitos aceitam” e “esses jovens acabam aprendendo pelo menos duas coisas. Alguns descobrem, sem dúvida, que o sexo com travestis pode ser eroticamente gratificante. E todos descobrem que o sexo com travestis se converte em dinheiro” (KULICK, 2008, p. 130). É dessa forma, e via socialização com seus pares, que estes jovens cultivam “a expectativa de receber dinheiro e

²² Expressão que designa inalar cocaína.

bens” (KULICK, 2008, p. 129) dos *viados* e travestis²³. Com os relatos de Rafa percebe-se como ele se distancia desses “favelados”, que, além de potenciais criminosos, fazem sexo por uma recompensa tão pequena – o que indicaria certo ensimesmamento na pobreza e os colocam em suspeição.

Vemos como Rafa preza por certa distinção até mesmo em relação ao local, à escolha do motel onde fazer sexo. Por outro lado, o fato de Rafa se gabar por conseguir angariar mais dinheiro do que o inicialmente acordado com o cliente revela o mercado de prostituição como fonte de autoestima e de autovalorização decorrente do seu capital erótico, de ter um corpo desejável e um bom desempenho sexual, sentimento também observado no trabalho de Kulick (2008) entre as travestis que se prostituem.

Lembro-me de Luís Felipe Rios (2004), que, em seu trabalho sobre práticas homossexuais de jovens do candomblé, assinala que ofereceu no campo sua própria história sexual enquanto caminho “para estreitar a convivência e facilitar o diálogo (criar identificações e empatias)” (RIOS, 2004, p. 51), ou seja, na condição de estratégia metodológica.

Esse subtópico do capítulo foi destinado a falar sobre os envolvimento sexuais e amorosos com os assim chamados “novinhos periféricos”. O texto aqui não se preocupa exatamente com uma cronologia mais linear que, de certo modo, predomina no restante do trabalho. Essa ressalva é importante, até para situar temporalmente o leitor, pois em um dos diálogos em que Rafa enfatiza que não é vantajoso, que não dá para ficar se relacionando com esses meninos se conjuga com um momento – que será doravante explorado – em que Rafa altera seu padrão de relacionamento afetivo.

1.2. Nigrinhagem

Interessante perceber como Rafael despreza os viados que vivem na sua favela. Quando passaram alguns por nós durante a calourada, ele resmungou: “*Esses viado baixo lá da rua*”. Parece que a recíproca é verdadeira, pois um deles, que deve ter no máximo dezesseis anos, e estava sempre envolto a dançar eroticamente (como os demais) nas calouradas, lançou um “olhar atravessado” para Rafa, embora eu já o tenha visto olhar assim para outras pessoas, com peculiar arrogância. Também durante a caminhada do povo de santo do Nordeste de Amaralina, Rafael comentou que os gays que estavam ali presentes (só o vi cumprimentar – bastante

²³ Em nota de rodapé Kulick aponta a provável existência dessa prática em toda a América Latina, e menciona o livro *Identidade Homossexual e Normas Sociais*, de Teresa Adada Sell, e também trabalhos “no Equador (Streicker, 1993), no México (Priour, 1996a) e em Honduras (Fernandez, 1996)” (KULICK, 2008, p. 262).

amistosamente até – um deles, jovem babalorixá) não gostavam dele, porque o acham insuportável por não falar com todo mundo. *“Dá osadia a esse povo pra depois tá falando de mim”*.

Neste mesmo evento, alguns gays começaram a dançar na frente do cortejo que seguia, e comentei com Rafa, em tom celebrativo, sobre a fechação. *“Eu tou vendo”*, respondeu. Ele disse com excessiva ênfase que nunca, nun-ca (!) faria aquilo, ou melhor, se prestaria àquele papel. Percebendo que admiro esse tipo de intervenção, contornou sua repulsa: *“Sou tímido”*. Porém, ao ver que meu namorado ensaiou mas com algum comedimento e falta de destreza aqueles movimentos, aquela “viadaria” – viadagem no seu português gringo (quero dizer, do meu namorado) – Rafa não disfarçou seu desdém, perguntando-me desapontado com a face contorcida de estranhamento: *“Ele gosta, é?”*

Na minha primeira conversa com Rafa, lhe indaguei se ele tinha muitos amigos gays, tendo ele me respondido:

“Eu tenho muitos amigos, mas...”

“Gays.”

“Mas... eu não curto não, assim... eu prefiro andar mais reservado” – disse-me em tom de desabafo.

“Porque?”

“Não sei, eu não gosto. Quando eu saio, eu saio assim com um grupo de amigos, mas pra andar empencado com uma renca de gay... não é bom.”

“Porque não é bom?”

“Porque a maioria desses gay daí de cima²⁴ não quer saber de estudo, só quer saber de pagode, de fazer grupinho de dança pra dançar. Eu penso grande. Eu penso em fazer minha faculdade, terminar, trabalhar no que eu gosto. Meu pensamento não vai bater com a ideia deles. O ideal deles eles acha que é aquilo ali. Meu ideal não é mais aquilo, meu ideal é melhorar.”

“Já foi aquilo?”

“Já. Muito”, disse-me Rafa, às gargalhadas. *“Eu já fui travestis.”*

²⁴ Observem que o vocábulo gay vem acompanhado de um qualificador: “gay daí de cima”.

Vê-se claramente aqui um projeto de ascensão social, pautado em termos de melhoria (de vida). Assim, Rafa não se identifica com os gays de quem é vizinho pois presume que estes não comungam dos seus interesses *atuais*, ou melhor, devido ao suposto desinteresse daquele grupo em ascender socialmente a partir dos estudos. É como se o corpo e seus usos, ainda que na esfera do lazer, fosse solidário, “depositário de uma verdadeira visão do mundo social, de uma verdadeira filosofia da pessoa” (BOURDIEU, 2015, p. 205) – o que habilita Rafa a, a partir daquela prática, a deduzir que os projetos de vida que seus vizinhos têm para si opõem-se ao seu. Engajar-se na dança de modo quase sistemático (compor um grupo, ensaiar coreografia, etc.) é, portanto, uma atividade desprezível para Rafa, não sendo compatível com a ambição de transformar sua própria vida a partir do aumento de diversos capitais, como o cultural.

Um corpo *elegante*, um corpo de camadas mais favorecidas em geral é medido a partir do “exprimir-se sempre na poupança” (BOURDIEU, 2015, p. 165), da “economia de recursos, moderação, reserva” (BOURDIEU, 2015, p. 167) – corpo, devo sublinhar, que Rafa não chegou – ou talvez nem mesmo tenha tentado nesses termos – a fabricar. Não é à toa que o gay que está no topo das hierarquias é o “gay discreto”, “comedido”, e que, alinhado às normas de gênero, distingue-se da imagem “pitoresca” da *bicha espalhafatosa*.

Foi um pouco o que observou Carmen Dora Guimarães (2004) em sua etnografia considerada uma das pioneiras²⁵ sobre a então emergente identidade homossexual no Brasil. Clóvis, um dos seus interlocutores, relata que:

Houve uma época em que era muito engraçado fazer “frescura”, viadagem em bando – porque veado só anda em *cache*, em alcatéia, entendeu, minha querida? Hoje em dia não tenho mais paciência para isso, não. (...) Eu, hoje em dia, me dou com gente absolutamente normal (Clóvis, 1977) (GUIMARÃES, 2004, p. 58, grifos do autor).

A autora observa que há uma tentativa de assimilação neste grupo aos homens heterossexuais, no sentido de que não haja no seu comportamento nada de distintivo (possivelmente alguma dissidência de gênero) que possa vir a chamar atenção para suas preferências sexuais – “você é homossexual, isto é um problema seu – uma opção sua” (GUIMARÃES, 2004, p. 58), disse ainda Clóvis, sublinhando a ética da discrição. Deste modo, Dora Guimarães conclui que “quanto maior a proximidade do indivíduo estigmatizado com

²⁵ Embora só publicado em livro em 2004, o trabalho se trata de uma dissertação de mestrado defendida no ano de 1977.

aquele tido como normal, maior a possibilidade de que sua identidade seja vista como positiva e normal, mesmo que sua prática sexual permaneça a mesma” (GUIMARÃES, 2004, p. 100). Tanto Rafael quanto Clóvis delimitam o comportamento de andar com viado como algo que ficou para trás, condenado ao passado na história pessoal de cada um deles.

Como assinala Bourdieu, “a ‘decolagem’ pressupõe sempre uma *ruptura*, sendo que a rejeição dos antigos companheiros de infortúnio não representa senão um de seus aspectos” (BOURDIEU, 2010, p. 106). Aqui há ainda um ponto de encontro com o trabalho de Carvalho-Silva (2012), que teve como um de colaboradores um rapaz que afirmou não mais andar em “turminhas de gays”, se referindo mais especificamente a homossexuais de baixa renda, que, para ele, possuíam um estilo de vida distante do que ele considerava (seu) ideal.

Na mesma investigação outro colaborador defendeu o afastamento de certos grupos e proximidade de outros enquanto estratégia para alterar a percepção das pessoas acerca de si. Paulo, nome atribuído ao sujeito, diz: “passei a andar com gays emancipados, descolados, sem deixar de andar com outros, mas de forma mais limitada” (CARVALHO-SILVA, 2012, p. 102). Na fala de Rafa o “não é bom” soa justamente como “não pega bem”, neste sentido de reconhecimento e percepção das pessoas acerca de si, em que alguém pode macular, manchar a imagem do outro.

Em pesquisa feita a partir da narrativa de três mulheres transexuais há alguns anos²⁶, uma delas me contou sobre o rompimento com uma amiga travesti. Essa transexual vivia o drama de ser reconhecida por outrem não como mulher, mas travesti, o que ela tentava – segundo a mesma, sem sucesso – atenuar submetendo-se a uma série de procedimentos cirúrgicos a fim de reduzir os recalcitrantes “traços masculinos”. Outro não menos relevante procedimento que ela havia adotado para galgar o lugar de mulher foi afastar-se da sua amiga travesti, a fim de não ser por ela assimilada e, portanto, alvo de estigma, pois travesti para a minha interlocutora “é um povo baixo-astral; aquele comportamento de chamar atenção, exagerado” (LOPES, 2013, p. 296).

Outra cena etnográfica que sinaliza um projeto de vida (pensado aqui como necessária incorporação – projeto corporal) aconteceu no Mercado do Peixe, no Rio Vermelho. Rafa, que estava com o cabelo tingido de louro – provavelmente desde o carnaval – me falou que estava pensando em cortá-lo, ideia que lhe ocorreu depois de uma pessoa muito próxima “dar-lhe um toque”, alertando que seu cabelo não estava muito legal. Rafa, que parece prezar bastante por

²⁶ Parte dos resultados desta pesquisa podem ser conferidos em Lopes (2013).

minha opinião, perguntou se eu achava que o seu cabelo estava muito *baixastral*. Ora, prima-irmã da baixaria, não há quem nunca tenha escutado essa expressão em Salvador, e no fundo todos sabemos o que ela vem a significar (para quem não está familiarizado com a expressão, Rafa explicitará em seguida), entretanto, um hábito ou importante exercício do nosso ofício de etnógrafo é suspendermos a ciência que temos de certos significados e partirmos da prerrogativa de que não estamos compreendendo, a fim de fazer falar o nosso interlocutor. Por mais cínico que pudesse parecer (e não acho que pareceu), foi o que fiz:

“Como assim baixastral?”

“Tipo... A cara da favela (risos)! Porque não quero ser igual àquelas bichas da favela. Quero me dedicar a meus estudos, fazer minha faculdade, ter minhas coisas”, afirma, interpondo mais uma vez uma diferença em termos de projeto de vida, como algo que se esboça já no presente, como atuação, entre ele e as “bichas da favela”.

Bauman (2003) é bastante pessimista quanto à vida no gueto, argumentando que esta:

não sedimenta a comunidade. Compartilhar o estigma e a humilhação pública não faz irmãos os sofredores; antes alimenta o escárnio, o desprezo e o ódio. Uma pessoa estigmatizada pode gostar ou não de outra portadora do estigma, os indivíduos estigmatizados podem viver em paz ou em guerra entre si – mas algo que provavelmente não acontecerá é que desenvolvam respeito mútuo. “Os outros como eu” significa os outros tão indignos como eu tenho repetidamente afirmado e mostrado ser; “parecer mais com eles” significa ser mais indigno do que já sou (BAUMAN, 2003, p. 110).

Além de pessimista considero apressadas e categóricas em demasia suas afirmações, as quais, inclusive, não são acompanhadas por evidências empíricas que facultariam ao leitor a possibilidade de considerar com mais consistência seu argumento. Porém, ainda que não sem ressalvas, ela chama atenção – talvez como efeito de tudo o que soa categórico – para sentimentos e emoções negativas que, oriundos de experiências de privações (inclusive de respeito), podem reverberar no esfacelamento ou mesmo na impossibilidade de laços com pessoas com as quais se tem algo em comum. Quer dizer, compartilhar estigmas, se por um lado é capaz de promover solidariedade, por outro pode provocar exatamente o contrário. E este, acredito, é o ponto de Bauman: a ruptura de uma operação de causalidade entre os fenômenos, ainda que ele pareça indicar uma relação necessária às avessas; viver no gueto e desprezar seu vizinho.

No caso de Rafa, embora ele seja avesso a somar-se aos grupos compostos pelas bichas da favela, não se opõe de forma alguma em juntar-se às meninas – as quais, porém, são heterossexuais. Isso significa que o seu problema não é exatamente ou reduz-se a uma questão de classe, mas ao cruzamento entre classe, território, raça, geração, sexualidade e gênero, e, assim, à zona de vizinhança que as bichas da favela compõem consigo mesmo. Essas categorias não produzem um mosaico abstrato, mas são incorporadas, e capazes, enquanto insígnias sociais (ou seja, levadas em conta pelos sujeitos), de orientar certos padrões de aproximação e afastamento/evitância²⁷. Lembremos do Bourdieu que nos fala em “classe feita corpo” (BOURDIEU, 2015, p. 179) e de como a dança e o uso do corpo para este fim parece a Rafa reiterar estes marcadores de diferença, conformando aqueles sujeitos num determinado futuro de grupo.

Se o projeto, considerado como estabelecimento de certos fins, busca organizar e articular meios para concretizá-los (VELHO, 2003), o corpo seria um dos importantes componentes para interpor fronteiras entre Rafa e quem ele chama de “bichas da favela”. A partir desse projeto de auto-imagem torna-se razoável, significativo, e.g., cortar seu cabelo. Ainda que, como observa Sansone (2004), haja poucas pesquisas atuais que tratam do sistema de classificação racial, vale mencionar o estudo de Sanjek (1971) sobre a pleora de termos raciais utilizados no Brasil, trabalho no qual o autor assinala a proeminência da cor da pele e da forma do cabelo sobre formas dos lábios e do nariz, por exemplo, como aspectos discriminantes para classificação racial do sujeito. Segundo o mesmo, depois da cor da pele as crianças são informadas pela forma do cabelo para definir o tipo racial da pessoa. Assim, cabelo não apenas faz gênero, como faz raça e quase que concomitantemente classe (o cabelo “baixastral”).

Certa feita, em uma noite no Largo de Santana (ou Largo da Dinha), no Rio Vermelho, Rafa disse que queria minha opinião sobre um assunto, e ressaltou seu plano em fazer uma faculdade de arquitetura. Entretanto, como ainda não se sentia preparado para o ENEM²⁸, e, além disso, precisava de dinheiro, cogitava fazer um curso técnico em recursos humanos, pois lhe disseram ser muito bom. Como ele já trabalhou nessa área em uma grande empresa de construção civil, acredita que ao fazer o curso tem chance de voltar a trabalhar lá, pois é

²⁷ Magnani (2005) esforça-se em montar um esquema que dê conta de certos padrões de aproximação e evitação a partir da leitura de etnografias sobre grupos de jovens e sua ocupação do espaço urbano, fenômeno permeado por afinidades e tensões. Neste trabalho ele leva em consideração aspectos como classe, estilo de vida e interesses específicos.

²⁸ O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é uma prova realizada pelo Ministério da Educação e que serve de acesso ao ensino superior tanto em universidades públicas brasileiras quanto em instituições privadas para pessoas interessadas em galgar bolsas de estudos parciais ou totais através do ProUni.

benquisto na empresa. Eu concordei com ele, afirmando que um curso técnico talvez favoreça uma inserção mais rápida no mercado de trabalho do que uma faculdade.

“É, mas para isso preciso cortar meu cabelo. Tou pensando em cortar ele baixinho.”

“Sério?”

“Claro, porque imagine aí eu chegando numa Odebrecht²⁹ da vida procurando emprego. A primeira coisa que iam falar é: ‘Sai, não quero nigrinhagem na minha empresa não!’”. Depois de rirmos juntos, ele completou: “É, eu sou assim: sou sincera comigo mesma.”

Rafa entende, deste modo, que o ingresso no mercado de trabalho formal prescinde de uma gestão de sua aparência segundo as convenções de gênero, raça e classe. A “boa aparência” seria fundamental para transitar e inserir-se em quadros de interação mais amplos (considerando o trabalho como um destes), quer dizer, que se estendam para além da favela e das relações com vizinhos, familiares e amigos, ao passo que lhe pouparia da vergonha de ser desclassificado por conta de sua aparência, “porque imagine aí...”.

Livio Sansone (2004) constata a existência do que denomina áreas leves e áreas pesadas em termos de relações raciais em Salvador. As áreas pesadas seriam aquelas em que a cor importa nas relações sociais e de poder, enquanto as “leves” seriam aquelas em que a cor tem pouca relevância, sendo as distinções sociais orientadas segundo classe, idade, vizinhança e gênero. O trabalho, e principalmente a procura de emprego, se enquadra, de acordo com Sansone, como área pesada das relações raciais – lugar em que ser negro produz obstáculo, uma vez que há exigência de “boa aparência”.

Mylene Mizrahi (2015), por sua vez, observa no seu estudo com mulheres negras da rede de um cantor de funk, “a aparência emergir como um elemento potencialmente facilitador da circulação pela cidade” (MIZRAHI, 2015, p. 32). Vê-se tanto o abandono de uma indumentária que as localiza demasiadamente (qual o cabelo para Rafa) – uma a calça que é considerada como “figurino funk” – em favor do trânsito por espaços outros da cidade, quanto, sobretudo, o cuidado com o cabelo, que, mais que roupas e adereços, assume importância cabal naquele universo.

A plasticidade das madeixas, seja transfigurada em seu aspecto “baixinho”, em estado relaxado, seja ele cheio e farto, também a partir de intervenções cosméticas – neste caso, de

²⁹ Multinacional brasileira que atua, principalmente, na área de engenharia civil.

extensões capilares, “mega-hair” – é signo de status financeiro, e para a autora atualiza uma subversão e sentido de raça que passa menos pelo *passar por* branca do que pela incorporação da potência do outro branco, um tipo de “incorporação da alteridade” (MIZRAHI, 2015, p. 38).

“Nigrinhagem” é um termo oriundo de *nigrinha*, essa figura moral de gênero, raça e classe que, por sua vez, é usada com “sentido pejorativo e injurioso”, como pontua Thales de Azevedo (1955, p. 28), e aplicada, no quando do seu estudo, “a uma jovem de cor que tem má reputação moral” (AZEVEDO, 1955, p. 28). Acredito que hoje a palavra seja usada não necessariamente com pessoas de cor ou estritamente com jovens, mas em geral com mulheres e sempre com conotação depreciativa. *Nigrinha* seria, pois, equivalente à vadia, safada, e carrega na sua raiz essa dimensão racial.

Para não aparentar uma *nigrinha*, quer dizer, para tornar-se confiável, “sério”, e, portanto, elegível para um posto de trabalho, Rafa acredita precisar cortar seu cabelo, moralizando assim o seu corpo, sua aparência, visto que nesta não há o “puramente físico”, mas o imediatamente lido “como índice de uma fisionomia ‘moral’, socialmente caracterizada, ou seja, estados de ânimos ‘vulgares’ ou ‘distintos’” (BOURDIEU, 2015, p. 183). Entrando em certo jogo de compensação de marcas corporais, Rafa antecipa o fato do racismo operar, conforme já assinalado, como mecanismo de seleção social (HASENBALG; SILVA, 1993), do atributo racial ser levado em conta no processo de admissão ocupacional³⁰. Como assinala Figueiredo (2004), “o cabelo é, dentre os fenótipos negros, aquele que pode e deve ser manipulado” (FIGUEIREDO, 2004, p. 225).

Seu anseio em ascender socialmente está ancorado em “uma noção de classe social ligada à normatividade de gênero” (HALBERSTAM, 2008, p. 7), constatação possível tanto a partir do afastamento das bichas da favela e das práticas a estas associadas, quanto da sua rechaça aos termos viado e bicha – a qual será explorada em seguida. Se pensarmos em algumas denominações correntes dentro do próprio segmento LGBT, encontramos por um lado a imagem da bicha pão com ovo, da bicha penosa, bicha quáquá e outras variações, em que feminilidade e pobreza se associam, e, por outro, a da lésbica caminhoneira, em que sugere-se a associação entre a masculinidade e categoria profissional/trabalho, reificando novamente o senso entre normas de gênero e classe social.

³⁰ Hasenbalg (1999) aponta discriminação racial tanto em termos de cargos e posições ocupadas no trabalho quanto em termos de salários alcançados quando se compara brancos e não brancos em condições semelhantes de escolaridade.

As amigas de Rafa parecem concordar com sua visão acerca das bichas da favela. Perguntei se havia gays em uma festa a qual fizeram menção e que ocorreria na Engomadeira, bairro popular em que reside uma de suas amigas e para onde Rafa estava indo frequentemente. Então ele e suas amigas começaram um diálogo:

“*Aff, é tanto viado baixo, que não dá pra conviver. Engomadeira, Pernambués, a maioria é tudo assim, é só o que tem*”, disse Rafa.

“*Desses que dança*”, explicou-me uma de suas amigas.

“*Que dança como? Que estica as perna?*”, curioso, perguntei.

“*Assim mermo!*”, confirmou a amiga.

“*Ah, eu acho uma graça...*”, revelei minha admiração por esses “viado que dança”.

“*Só dar pra rir mesmo, de pena*”, subverteu Rafa o sentido da graça a que havia me referido, reiterando seu desprezo pelo tipo.

Rafa costuma dizer que “*aqueles dali são tudo sem perspectiva*”, quer dizer, limitados, de horizontes restritos, carentes de um projeto de mobilidade, presos ao presente de pobreza. Talvez essa “limitação” que Rafa visualiza neles simbolize a imagem de anacronismo que é associado à mulher masculina de que nos fala Halberstam. Como ele³¹ argumenta:

Hoje em dia, nos Estados Unidos e na Europa, especialmente dentro das comunidades de gays e lésbicas brancos, «o mesmo sexo» é uma descrição tranquilizadora da estabilidade feliz do sistema sexo-gênero. (...) A identificação com o outro gênero será considerada como o fracasso de alguém em assimilar o gênero normativo e a moderna comunidade gay (HALBERSTAM, 2008, p. 11).

É difícil não lembrar um senso muito difundido de que até toleramos o gay, desde que ele não seja espalhafatoso. Ou “mas você não *precisa* vestir-se de mulher”, o que soa quase como um chamado a este tempo, supostamente acolhedor à diversidade sexual, mas para o qual não há espaço para (justamente pelo “acolhimento”) a desnecessária transitividade de gênero. Há aqui um modelo de *inversão* (em que viado e bicha é associado à feminilidade) substituído por um modelo de intransitividade de gênero (HALBERSTAM, 2008). Se ter perspectiva é “olhar para a frente”, vislumbrar o futuro (romper com o passado pobre), enfim ser moderno, e se ser gay (não “gay lá de cima”) é tudo isso, é para “onde” Rafa deseja rumar.

³¹ Atualmente Halberstam adota como seu primeiro nome não mais Judith, mas Jack.

1.3. Eu não sou viado

De acordo com o contexto em que Rafa me disse pela primeira vez já ter sido “travestis”, sê-lo é ainda pior do que andar empencado com gays e ter um grupinho de dança. Quando assim se considerava, entre treze e catorze anos, o cabelo de Rafa alcançava a cintura, vestia roupas femininas, mas não chegou a ingerir hormônio ou aplicar silicone, embora lhe incentivassem a fazer o último. No entanto, Rafa tinha medo “desses negócio”, por ter visto uma travesti que “explodiu”; o óleo correu o corpo todo, tendo, entretanto, mais adiante, viajado pra Itália e voltado “normal”, com peito de novo.

A mãe de Rafa não o aceitava como travesti, nem tampouco a mãe de quem hoje é sua melhor amiga (Milena), que, segundo ela, não a queria andando com ele. Quando lhe perguntei se ainda tinha fotos desse período, ele me disse que sua mãe rasgou todas. O que Rafa achou disso? Nem ligou, pois não estava mesmo bonito naquelas fotos; fotos que ele “*não queria que ninguém visse mesmo. Graças a Deus ninguém vai ver mais*”.

Fiquei curioso para saber se em casa ele também “se vestia”:

“Em casa eu me maquiava toda. Hoje eu ainda gosto de maquiage, mas eu uso só lápis de olho, assim... Eu sou um pouco vaidoso.”

“E nessa época, assim... Alguma coisa, sei lá, alguma coisa te fez ser travesti, algum desejo...?”

“Influência do povo, eu acho.”

“Porque? O que o povo dizia?”

“Falavam que eu tinha um rosto... Que meu cabelo é bonito. Porque meu cabelo sempre foi grande. Aí falaram pra eu botar roupa pra ver como ficava, botei. Aí comecei a vestir.”

“‘O povo’, cê diz seus amigos, o pessoal do bairro...?”

“Quem eu achava que era meu amigo.”

“Porque? Cê acha que não foi uma boa ideia...?”

“Não! Não, não!”, disse, veemente. “Eu num daria essa ideia pa ninguém. Eu vejo uma travesti, eu falo ‘faça isso não, faça isso com você não, cê num vai conseguir um trabalho pra se manter assim’. É muito difícil. A vida de um gay já é difícil, de um travestis é mais ainda. Eu sei disso, porque eu já vivi.”

Há um ponto de encontro aqui, ou pelo menos uma aproximação, que também verificar-se-á doravante, com a narrativa de Rodrigo, uma das pessoas acompanhadas por Tiago Duque (2011) na sua pesquisa com travestis adolescentes. Poucos meses antes de Duque encontrá-lo, Rodrigo identificava-se como travesti, vivendo depois, contudo, o que considerava uma fase mais boy – *ops*, corrige-se o jovem – gayrota: uma mistura de gay com garota. Na verdade Rodrigo tinha interesse em voltar a ser travesti, mas desencorajava-se alegando que conseguir emprego ou relacionamento amoroso como gay já estava dureza, imagina como travesti. Segundo Duque, reflexão semelhante por parte dos sujeitos etnográficos apareceu diversas vezes durante seu trabalho de campo. Qual Rodrigo, também Rafa conhece as privações de uma vida travesti.

“E quando você viveu [como travestis], você sentia muito preconceito?”, perguntei-lhe.

“Eu chegava no shopping, chamava atenção. Meu cabelo era preto, quando eu dava escova ficava lindo. Eu chamava muita atenção. Eu tive muita oportunidade como travestis de ir pra fora do país, mas eu era muito novo”.

“E você tinha vontade de ir pra fora?”

“Não”, respondeu com algum desdém. *“Não muito, mas tinha. Ainda tenho vontade de sair, mas agora com meu próprio dinheiro. Uma viagem, um cruzeiro... Uma viagem, um cruzeiro, ai, que lindo!”*, repetiu, cantarolando.

“Mas e aí, o que te fez desistir de ser travesti?”

“Sei lá, eu acho que foi... A vida. Preferi alguma coisa melhor pra mim.”

“Quando você deixou de ser travesti você cortou o cabelo?”

“Cortei. Todo”, disse enfaticamente. *“Meu cabelo tava pequenininho”,* e mostrou-me uma foto com o cabelo raspado.

“Aqui é você?!”, surpreendi-me. *“É outra pessoa!”*

“Eu corto meu cabelo, eu fico assim.”

“Você ainda corta seu cabelo assim?”

“Eu acho que eu tenho coragem.”

“Aham, mas você cortou só uma vez. Nessa época...”

“Eu trabalhava na Sertenge.”

“Na?”

“Sertenge, uma empresa de construção civil.”

“Você era operário?”, perguntei, ainda mais surpreso.

“Trabalhava no escritório.”

“Mas você foi obrigado a cortar o cabelo?”

“Eu quis. Aí depois deixei crescer.”

Reparem que, para Rafa, enquanto tornar-se “travestis” foi efeito de certa permissividade à tutela e arbítrio de outrem, do “povo” – este impessoal, anônimo por ora transfigurado em “amigos” –, cortar o cabelo, romper com a linha identitária que agora o repele, bem como, mais tarde, deixar o cabelo crescer novamente, sem, todavia, *sucumbir* à conversão em “travestis”, é uma atitude elaborada enquanto decisão de si mesmo, como se outrem, a quem possivelmente estava entregue outrora, não mais interferisse na sua própria assunção, desta vez dotada de “autenticidade”.

Cortar totalmente o cabelo, tomado aqui como *feitor* de gênero, cujo devir (cortar? manter? alisar?) torna-se solidário a um projeto de identidade feminina/masculina, parece, pois, ter-se constituído como um rito de passagem, marcando o trânsito para outra identidade – de “travestis” a gay, como diz o próprio Rafa. Lembro quando certa feita ele iria a uma entrevista de emprego para trabalhar como garçom em um restaurante que ficava na minha rua, mas disse ter desistido na última hora, pois achou que não teria chance de ser contratado por conta do tamanho do seu cabelo, com o qual ele era muito vaidoso.

O manejo do cabelo é muito importante também para as *crossdressers* da pesquisa de Vencato (2013), sobre a qual já me referi nesse texto. Aquelas que usam não perucas, mas o próprio cabelo (longo) na montagem³² os arranjam de modo diferente quando se apresentam no masculino, como sapos, ou no feminino, como princesas. Sapo e princesa são imagens tomadas de empréstimo aos contos de fadas pelas interlocutoras de Vencato para aludirem, de modo algo autoirônico e bem humorado, ao processo de transformação dos seus corpos.

“Mesmo os cabelos presos em rabo-de-cavalo”, pontua Vencato, “são apresentados de modo diverso: o cabelo do *sapo* é preso displicentemente, próximo ao início da nuca, enquanto o da *princesa* é preso no meio da cabeça, de forma mais apertada, *como as mulheres fazem*” (VENCATO, 2013, p. 202, grifos da autora). E acrescenta:

os cortes de cabelo para quem os usa longos, de modo geral, são retos para que no cotidiano possam passar um pouco mais despercebidos. É comum ouvir de algumas delas que têm vontade de fazer *um corte mais feminino*, mas

³² Inclusive algumas delas “resolveram deixar seus cabelos compridos para realizarem uma *montagem melhor*” (VENCATO, 2013, p. 195, grifos da autora).

que é uma mudança que não seria adequada às suas *vidas de sapo* (VENCATO, 2013, p. 72, grifos da autora).

Quando estávamos prestes a nos despedir na caminhada do povo de santo, Rafa me confessou que quase não sairia naquele dia pois o creme que passava no cabelo acabou e seu pai não lhe havia dado dinheiro para comprar um novo. Perguntei-lhe quanto custava o creme, e ele disse que dez reais. Então tirei do bolso o dinheiro e lhe dei, pedindo que, como era dezembro, considerasse uma lembrança de natal. Naquele dia ele falou que estaria louro no carnaval, dias depois repetiu no feminino: loura. Também os poucos pelos que tem nos braços e pernas eram louros, quer dizer, estavam louros, provavelmente por efeito do sol em contato com a água oxigenada espalhada por essas partes do corpo – prática muito comum em camadas populares de Salvador.

Se o som de afoxé na caminhada do povo de santo para a qual eu convidei Rafa lhe era um ritmo pouco convidativo (enquanto eu permitia que o meu corpo se embalasse com o som, Rafa apenas caminhava acompanhando o cortejo), o mesmo não acontecia nas calouradas do Rio Vermelho. Entusiasmado em determinada noite, Rafa apoiou suas mãos na lateral de um automóvel que estava estacionado e empinou a bunda, dançando melodicamente. Em outro momento, encostou suas costas no automóvel e, como que se deixando levar, movimentava seu corpo ritmicamente, cuja parte de trás roçava no carro.

Em outra noite, também no Rio Vermelho, estávamos atrás de um carro que, estacionado, tinha sobre seu capô uísque, água de coco, gelo e energético. Aquela imagem para nós traduzia tão bem uma palavra muito em voga atualmente: ostentação. Havia no nosso entorno, como de costume, algumas pessoas bebendo, ambulantes com seus isopores comercializando bebidas, e algumas poucas dançando. Claro: o som dos carros estava ligado nas alturas.

Na nossa frente, do outro lado, chegaram três meninas, todas “lindas e louras”. Como chamavam a atenção, possivelmente por estarem demasiado “arrumadas” se comparadas aos demais presentes, as olhei. Além disso, elas dançavam empinando bastante a bunda; pareciam de fato engajadas em atrair os olhares ao redor. Duas delas, as mais bonitas, usavam boné rosa e possuíam cabelos lisos e louros, sendo que uma estava calçada de tênis e outra de sandália com salto bem fino e alto. As três trajavam bermudas jeans bem curtas e uma espécie de “top”, que lhe cobria apenas os seios, deixando quase todo o abdômen e as costas despidos. De repente, ainda na sua chegada, Rafa comenta:

“Olha as bicha!”

“Sério?”, perguntei surpreso, pois realmente não tinha percebido que eram travestis.

“Oxe, sério, tudo travesti ali. Tu não conhece travesti não, é?”

Pouco depois, Rafa colocou-se em rivalidade com elas, embora estivesse muito mais comedido, vestido na sua camisa de manga longa em um cor-de-rosa desbotado (a noite estava um pouco fria) e numa justa bermuda jeans. Em verdade Rafa dançava pouco quando tocava pagode, porém quando começou a tocar funk ele se soltou muito mais, e, do outro lado, as meninas ficaram paradas. Rafa então comentou *“ô, no funk cê num bate em mim não, viu?!”,* querendo dizer que elas podem até superar sua performance no pagodão, mas que no funk “quem domina” é ele.

No sábado seguinte fomos mais uma vez ao Mercado do Peixe. Havíamos combinado de nos encontrar em um pequeno largo próximo ao prédio em que eu morava. Olhava para onde Rafa disse que estaria e não o encontrava. De repente vi duas pessoas, que julguei serem travestis, sentadas em um banco. Como não havia nem sinal de Rafa e o local estava pouco iluminado, decidi olhar mais atentamente para aquelas que achei serem travestis, e, na verdade, lá estava Rafa. Não o tinha reconhecido porque seu cabelo encaracolado estava totalmente liso. Ele havia dado escova. O cabelo estava preso com uma discreta presilha rosa e com um penteado que colocava o rabo-de-cavalo voltado para cima.

Já tinha visto no facebook e isso me permitiu reconhecê-lo, porém, como ainda não havia estado com ele pessoalmente depois do novo visual, não o identifiquei à primeira vista. Acho que também porque jamais havia imaginado que, até onde conhecia Rafa e lhe tinha escutado falar sobre travestis e bichas da favela, ele poderia estar acompanhado justamente de uma travesti. Aliás, ao me aproximar, lhes cumprimentar e ir caminhando com elas, percebi que se tratava de uma mulher, não de uma travesti. O que me deixou em dúvida foi apenas o fato dos seus seios serem bastante pequenos; ora, mas há mulheres assim. Suspendi a incerteza e assumi que a amiga de Rafa, Gabriela, era mulher.

Negra, Gabriela vestia uma saia curta, uma blusa tomara-que-caia, e tinha um cabelo bastante liso, preto, brilhoso e curto. Face pequena e afilada, voz aguda, e corpo tão delgado quanto o de Rafa. Diferenciava-se deste principalmente devido a uma acentuada lordose, que conferia certo realce ao seu bumbum, sobretudo quando andava. Caminhávamos em direção ao Largo da Dinha, pois naquele horário ainda se via pouca gente no Mercado do Peixe – quero

dizer, o público do nosso interesse. Não me refiro ao pessoal que sentava nas mesas, a clientela dos bares, mas as pessoas que, como nós, ficavam em pé rodeando os carros com os sons automotivos, consumindo geralmente nos ambulantes com seus isopores.

Como as calçadas da via principal que liga o Mercado do Peixe à Dinha era ocupada por veículos (estacionados), os pedestres caminhavam beirando o meio-fio, bem próximos aos carros que, por sua vez, passavam bastante devagar, em virtude do congestionamento rotineiro das noites de sexta e sábado, dias em que os bares, restaurantes e largos do Rio Vermelho, conhecido por sua tradicional boemia, estão repletos. Enquanto caminhávamos, passava um taxista escutando um reggae e Rafa logo mexeu com ele:

“Êa, Jah! Ó meu tio curtindo um regão, só faltou um beque, um basedão na boca pra ficar de boa”.

“Ele tá dirigindo, não ia prestar não”, retrucou Gabriela.

“Oxe, aí que ia ser bom, que ele ia dirigir ótimo!”

Eu, que não fazia mais que rir da situação, percebi que o cara estava todo compenetrado apoiando seus antebraços no volante, embora, na verdade, sustentar a seriedade parecia lhe demandar algum esforço, pois algo na sua expressão deixava escapar o fato de que ele estava como que prendendo o riso. Mas eis que, de repente, como se tivesse se dado conta de que estavam procurando brincadeira, sua face toda se descontraíu e ele virou o carro um pouco à esquerda, onde estávamos (aproximando, assim, o veículo de nós), e levantou os dedos indicadores dizendo e sorrindo, todo gaiato, *“Aí ó!”*, ao passo que aumentou o volume do som, como quem assente, quem deseja jogar o jogo.

Enquanto põe o automóvel na nossa direção, Gabriela se aproxima e coloca a cabeça dentro do carro, dizendo *“Venha cá, seu vagabundo!”*, e tasca uma mordida na orelha dele. Nesse ínterim, já havia um colega do homem que, pilotando outro táxi, buzinava e gozava da situação. Foi quando Gabriela tirou o pescoço do carro e veio ao nosso encontro toda risonha, arrastando a sandália pela calçada sem perder o reboledo. Várias vezes durante a noite nos perguntávamos por ela, pois, como alguém que é muito dada ao mundo, se emancipava dos seus e ia trocar palavras e gracejos com um e com outro. Parecia íntima de todos; é certo que alguns ela conhecia, mas nem todos, e era difícil supor até que ponto havia esse conhecimento prévio.

Chegando na Dinha, enquanto bebíamos em pé, como várias outras pessoas ao longo do largo, Gabriela foi surpreendida por um rapaz que parecia ter seus dezenove anos, de cabelo curto e encaracolado, estatura baixa, um pouco gordinho, vestido com uma jaqueta jeans e com óculos de aro grosso (cara de nerd, como disse Rafa). Esse rapaz a viu de repente e apontou para Gabriela, dizendo *“Ei, eu lembro de você!”*. Gabriela, sempre de antena ligada e movimento rápido, saiu correndo em disparada, mas não sem rir. O rapaz foi atrás dela. Eu e Rafa (acho que eu mais que Rafa) ficamos sem entender como um rapazinho daquele pôde botar medo em Gabriela, aparentemente tão dona de si. Quando ela voltou, ria nervosamente sem conseguir falar qualquer coisa e escondia-se atrás de Rafa, que insistia para que ela explicasse a situação, a nós tão confusa e estranha. Depois do “esconde-esconde”, ambos relaxaram e o rapaz não mais tentou qualquer aproximação a ela.

A cerca de cinco metros de nós, apenas a olhava vez ou outra. Esperei enfim que Gabriela sossegasse os ânimos, conversasse sobre outros assuntos, para então pontuar minha curiosidade sobre a situação. Gabriela disse-me: *“Né não, é porque eu sou garota de programa, e uma vez saí com ele e uns primos dele e eles não tinham dinheiro pra pagar, então peguei o celular de um deles.”*

Mais adiante, ainda que decidíssemos voltar para casa, ao nos aproximarmos do Mercado do Peixe, que parecia mais cheio do que mais cedo, sugeri que déssemos uma “passadinha” apenas para vermos o movimento, “passadinha” essa que se estendeu até a madrugada. Já ao chegarmos no Mercado fomos recepcionados por um jovem negro, de boné com “aba reta”, bermuda e sandália, que nos disse: *“Eta porra, não guento ver viado que minha rola fica logo dura.”*

Como o jovem nos era pouco atraente, nem interrompemos nosso caminhar. Paramos em frente a alguns rapazes que estavam dançando pagodão de modo coreografado. Aqueles, sim, valiam a procrastinação do nosso regresso. Começamos a beber, quando resolvo sacar do bolso meu celular e começar a fazer um vídeo dos meninos, que pareciam ter seu vigor intensificado ao se perceberem filmados. Rafa logo comentou: *“Ih, agora já começaram a se aparecer porque viram a câmera.”*

Fui pegar cerveja pra gente e quando voltei um dos garotos que dançavam veio falar comigo. Como não o tinha visto, dei-lhe as costas sem querer e ele desistiu de cumprimentar-me. Foi então que Rafa me disse o que se passou, e eu lhe contei:

“Oh... Eu conheço ele, já o peguei”, e adiantei meu parecer: “Ele é muito fofo, tem um corpo incrível, mas o pinto é pequeno; não quis repetir a dose.”

“Ah, mas sei lá, às vezes pode fazer gostoso. Ele tem cara de que gosta de extorquir. Num gosta não?”

“Não, nem é. Apenas acaba com sua despensa”, e rimos juntos.

Falamos com dois dos rapazes que estavam com ele, que pareciam gostar daquela situação de ser desejados, ainda que por viados. Mas logo eles saíram, aparentemente para dar uma volta pelo Mercado do Peixe, e Rafa sentenciou: *“Procurando mulher. Depois num acha e vem atrás de mim.”*

Rafa e Gabriela precisaram ir ao banheiro, aproveitei e fui também. Rafa, como que querendo explicar a razão pela qual iria ao sanitário feminino, me disse: *“Mas vou no feminino, porque tem espelho”*. Quando voltamos e fui pegar mais cervejas pra gente, ao entregar a cerveja de Gabriela, ela disse: *“Pera, vou pegar um canudinho pra dar um charme na boca!”*. Enquanto buscava seu canudinho, comentei com Rafa que, a princípio, logo que a vi, achei que Gabriela fosse travesti. Qual não foi minha surpresa quando Rafa afirmou: *“Uxe, ela é travestis!”*. Pouco depois a própria voltou, e eu fiz questão de compartilhar minha surpresa com ela (já ciente de que muitas trans consideram elogioso saber-se “passar por mulher”):

“Menina, não sabia que você é travesti.”

“Sim, sou travestis!”

“Pois é, achei que cê tivesse nascido mulher...”

“Tá vendo?! Quando digo que nasci pra isso... Meu dom.”

Como estávamos em pé (e não numa mesa), o que possibilita nos movimentarmos a todo tempo, resolvemos dar uma volta ali mesmo no Mercado do Peixe para vermos o que estava rolando nas cercanias. Ao atravessarmos uma pequena rua na qual os carros contornavam o Mercado, um motorista que a cruzava naquele momento interpelou Rafa em tom intimista, como se se reportasse a uma moça (o humor para esses rapazes – acredito – consiste nisso):

“Vai pra onde, amor?”

“Pra sua casa!”, responde Rafa.

“Ô, se cê for pra minha casa cê não guenta não, amore.”

Partimos sem olhar para trás, mas arrastamos conosco muitos olhares ao circularmos em uma parte do Mercado do Peixe em que não havia bares ou mesmo calçamento. Naquela noite havia ali carros estacionados, alguns com seus sons nas alturas, como é de praxe, e pessoas ao redor, além de ambulantes com isopor vendendo cervejas. Paramos num determinado ponto. Na nossa frente, do outro lado, a cerca de trinta metros de distância, tinha duas jovens e corpulentas travestis “fechando”. Com bermudas jeans bastante curtas – a de uma delas, que parecia ser a mais desinibida, inclusive estava “toda enfiada” – se atiravam no chão, como que de bruços, e sacolejavam suas flácidas bundas em movimentos frenéticos e ritmados segundo a música. Os passantes, boquiabertos com a cena, se divertiam do lugar de espectadores. Dois deles, cujo carro estava estacionado ao nosso lado, chegaram para pegar o veículo e ir embora do Mercado. Olhavam para as travestis e riam, dizendo:

“Que onda, viu?!”

“Cuidado, que é traveco, moço!”, advertia Rafa, em um tom que mesclava rechaço e recalque.

Rafa insistia tanto em “desmascarar” as trans para os rapazes – como se o fato delas serem trans já não estivesse claro – que Gabriela, constrangida com a atitude de Rafa, chegou a repreendê-la, ainda que em tom amigável, falando que parasse. Como argumentam Pelúcio e Duque (2013), “as identidades podem se tornar lugares de resistência, mas também de reiteração de convenções, servindo, por vezes, para balizar as distâncias entre o ‘eu’ e o ‘outro’ apontado, conforme o contexto, como o verdadeiro desviante” (PELÚCIO; DUQUE, 2013, p. 15). Esta situação é exemplar no sentido que apontam os autores, uma vez que o que autoriza Rafa a denunciar que as travestis são falsas mulheres, é sua convicção de que ele é diferente delas. Não apenas é o que autoriza como também o que funda a própria diferença entre seu “eu” e elas. É a partir da suposta (e radical) inautenticidade do gênero esboçada pelas travestis – *inconformadas* com a verdade de um sexo dimórfico e estanque – que Rafa assegura-se de sua superioridade moral em relação a elas.

Aqui é interessante pensar também – e eu não poderia me furtar disso – em uma discussão muito contemporânea acerca da novidade conceitual produzida por transfeministas, a saber, o termo cisgênero, que designa pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no quando do seu nascimento. Bem sabemos que, no cotidiano, durante o processo de

(re)conhecimento visual do corpo de alguém, não lhe é pedido seu passaporte, ou seja, não se indaga esse sujeito sobre como este se sente em termos de gênero. Como ilustra a cena do acesso ao banheiro descrita acima, o fato de vir a se identificar como homem ou algo próximo a isso (porque, como numa paleta de tintas, há diversas gradações que não podem ser ignoradas), não anula os efeitos de dissidência de gênero produzidos por seu corpo, porém o habilita a mobilizar um discurso transfóbico no dia-a-dia. Uma espécie de *transconveniência*.

Concordo com Halberstam quando ele argumenta que “é o momento de complicar (...) os modelos transexuais que assinalam o desvio de gênero só a corpos transexuais e a normatividade de gênero aos demais corpos” (HALBERSTAM, 2008, p. 178). Há que nos perguntarmos que corpo é esse que em tese pode ser abrigado debaixo do guarda-chuva “cisgênero”. Não podemos esquecer que Rafa considera sua inadequação ao sistema sexo/gênero – o cabelo grande (associado a uma gestualidade feminina) – um obstáculo para acessar o mercado de trabalho, violação ao direito ao trabalho que muitas travestis e transexuais vivenciam. Entretanto, a manutenção de um corpo borrado e pouco acabado a título de gênero, que pode até fazer com que ele *passse por* trans em determinadas situações, o permite também acionar um discurso que sustenta que ele não é um dissidente de gênero; como já foi dito, bradar “cuidado, que é traveco, moço!” é também falar sobre si. Esse discurso não está disponível a pessoas trans.

Retomando a cena etnográfica, Rafa começou a se soltar mais nas suas danças; quanto a Gabriela, não a vi dançar uma única vez na noite. Por mais que Rafa dançasse, o que chamava mesmo a nossa atenção era a performance das meninas do outro lado. E Rafa, um pouco inquieta com isso, interrompeu momentaneamente sua dança e perguntou a Gabriela:

“*Elas tão fechando mais do que eu, é?*”

“*Ói lá!*”, disse Gabi, como se estivesse se referindo a uma evidência irrefutável.

“*Êta disgrama, vou fingir que é piada, que elas tão melhor que eu (risos)*”, disse Rafa com a cabeça erguida e ar de superioridade e desprezo para com aquelas travestis.

Um tempo depois, para a minha surpresa, as meninas que dançavam do outro lado já não estavam na nossa frente a uma distância considerável, mas do nosso lado direito, ainda dançando, mantendo agora uma distância mínima, que não resistiria a qualquer iniciativa de interação seja de cá seja de lá. Provavelmente por terem se identificado com o nosso trio, as meninas se aproximaram da gente. Aos poucos de fato começaram a interagir conosco, mas só

senti que formávamos realmente um grupo quando, enquanto as duas travestis “fechavam”, cerca de quatro rapazes pararam na nossa frente, embora a alguns metros de distância, e um deles disse:

“Vou encher de pau esses viado!”

“O único viado que tou vendo aqui é ele”, comentou conosco uma das trans.

Aquela cena de transfobia causou indignação em nós todas, que comentávamos o ocorrido em busca de uma réplica à altura para aqueles homens. A verdade é que antes disso já havia se formado quase uma fileira de homens na nossa frente para observar a performance das travestis “arrastando a tcheca no chão”, como canta a música. Não houve resposta alguma, nenhuma represália da nossa parte tão forte quanto a ameaça e agressão verbal daqueles rapazes que tinham acabado de chegar e assistido à cena das travestis dançando e chamando a atenção dos presentes. Embora eu não tivesse imaginado, uma delas comentou que aqueles homens eram todos gays e que o que proferiu a ameaça é cheio da grana, dono de um salão “estourado” no centro da cidade. Seja como for, o fato foi que aquela desagradável situação parece ter dissipado qualquer distância que podia ainda se interpor na nossa aproximação. Em pouco tempo, éramos não mais três, mas cinco.

De repente o lugar em que estávamos já não estava interessante, e uma das trans que se juntou a nós chamou Rafa, que estava dançando do outro lado do carro: *“Vem pra cá, viado!”*. Porém Rafa não atendeu seu chamado e Gabi falou com ele: *“Vem, ela tá chamando”*, ao que ele, fazendo pouco caso, respondeu: *“Eu não vou, eu não sou viado!”³³*. Lá fiquei com Rafa até que, dois ou três minutos depois, ele deixou de birra e acompanhou as meninas. Uma delas dava dicas a respeito de hormônios para Gabriela, enquanto a outra olhava para o cabelo já um tanto assanhado de Rafa, cujos fios escapavam do seu penteado, e disse: *“Ajeita o cabelo, mona; tá parecendo uma maloqueira”*.

Rafa saiu em seguida e pouco depois fui à sua procura, pois fiquei preocupado em como ela interpretou aquele “toque” que a trans lhe deu. Quando o encontrei ele estava em frente ao retrovisor de um carro arrumando o cabelo. Perguntei-lhe se estava tudo bem e se era de boa pra ela estar com as meninas, até porque – pensei eu – minutos antes Rafa estava debochando delas. Rafa me disse que sim, que já as conhecia. Então lembrei-me que pouco antes dele ter se

³³ Guardemos por ora esta afirmativa.

afastado para arrumar seu cabelo, a mesma trans que criticou a rebeldia das suas madeixas a perguntou: “*E aí, conseguiu resolver aquele problema com o okô³⁴?*”. Não sei, afinal, de que problema se tratava e confesso ter ficado um pouco constrangido para perguntar-lhe, assim como fiquei curioso para saber de onde Rafa conhecia as meninas. Ele parecia constrangido em relatar alguma espécie de vínculo com elas.

Quando voltamos para onde estávamos com as meninas, elas já não se encontravam lá. Procuramos, demos algumas voltas, mas nem sinal delas. Rafa então começou a ficar nervosa pois havia deixado com Gabi seu estojo rosa, onde guarda, além de algum documento (talvez) ou dinheiro, seu celular. Então a emprestei o meu para que ela pudesse ligar pro seu número, entretanto Gabi atendia e em seguida a ligação caía. Depois de muitas tentativas frustradas de falar com ela pelo celular e de muito circular por aquele Mercado, já estávamos cogitando a possibilidade de Gabriela ter ido embora do Mercado do Peixe para, juntos com as duas outras meninas, fazer programa com uns rapazes que as tinham cortejado.

De repente tivemos a ideia de ir na ala dos banheiros do Mercado. Quando chegamos quase na porta do banheiro feminino, havia umas três travestis saindo dele e entoando um unísono “*Êêêêêê*”. Logo percebemos que não eram só três, mas seis ou sete e todas gritando bastante sabe-se lá porque, inclusive Gabriela e as outras duas que conosco estavam. Parecia sempre uma festa quando elas se encontravam no Mercado do Peixe. Ao vermos Gabriela, fizemos coro à algazarra das meninas e gritamos todas. Para mim foi o ápice da noite!

Nunca vi tantas travestis tão eufóricas reunidas, ainda mais em um espaço não marcadamente *friendly* como o Mercado do Peixe. Rafa entrou no banheiro e minutos depois também eu queria entrar, pois desejava saber afinal o que despertou tamanho frisson nas meninas. Entretanto, fui amigavelmente barrado pela servente, que não estava menos curiosa do que eu com a cena: “*Ain, você não pode! Você não tem cabelo*”. Ela mesma parecia lamentar o interdito promulgado e, com expressão facial maliciosa, torcendo um poucos os lábios para o lado esquerdo, respondia em tom de gracejo e ironia a uma colega que se aproximou e lhe perguntou quem estava fazendo aquela algazarra: “*São as meninas...*”

Mais uma vez, e, como de resto – creio eu – em todo o trabalho de campo, o cabelo aparece como feitor de gênero. A funcionária do complexo de bares e restaurantes, o Mercado do Peixe, reconhece que Rafa, por exemplo, não era propriamente “travestis”; para dizer o mínimo, não vestia roupas associadas ao feminino, como as demais. Entretanto, ter cabelo

³⁴ Okô, no pajubá, significa homem.

grande, estar com o cabelo alisado, e com o penteado que estava, associado a uma gestualidade mais “fechativa” que a minha, a colocava, de certa forma, no limiar entre menino e menina, ou melhor, entre gay e travesti. Seguindo essa lógica de reconhecimento (da ordem do visual), atributos que eu não tinha, como cabelo grande, e a existência no meu rosto de uma barba por fazer, tornava-me inlegível para obter, qual Rafa, a credencial que me permitiria acessar o banheiro feminino³⁵, embora naquele momento eu lá também quisesse estar. Enfim, Rafa tinha *passabilidade trans*.

Ocorrido o apoteótico encontro no banheiro já não éramos mais três nem cinco, mas umas sete ou oito. Todos os motoristas e passageiros dos carros que vagorosamente chegavam e passavam para estacionar no Mercado do Peixe paravam para observar as meninas, muitas vezes trocando qualquer piada com elas. Um motorista jovem, branquinho e atraente foi passando e, ao reparar na nossa lasciva olhadela (minha e de Rafa) para ele, fechou o vidro. Como também este teve de passar vagorosamente, pois o movimento àquela hora, já duas ou três da manhã, não cessava, Rafa começou a dizer-lhe coisas obscenas, mas, impassível, segurando no volante, fingia que nada escutava, enquanto Rafa, este, impossível, persistia: *“Não adianta fingir, sei que você tá ouvindo!”*

Ali ficamos por muito tempo bebendo, fumando, interagindo com os boys que passavam, e dançando, quer dizer, exceto eu, Gabi e uma ou outra trans. As duas que estavam mais eufóricas no início assim permaneceram, sobretudo uma delas, um tanto gordinha, que àquela altura já estava suada feito um cuscuz. Um trans que se juntaram ao grupo a partir do episódio do banheiro também com elas dançavam, mas de modo mais tímido. Essa fazia mais a linha ninfetinha³⁶ – corpo mais delgado, traços mais finos. Em determinado momento, tentando acompanhar os passos das duas primeiras e se colocando ao seu lado, observou: *“Ai, gente, que cuzão! Eu não tenho corpo nenhum perto delas (risos)”*. A menos eufórica das duas, que também arrastara a tcheca no chão segundo a música diversas vezes, em dado momento percebeu a formação em torno de si de uma roda, inclusive de algumas mulheres que a admiravam e observavam atentamente seus passos, como se desejassem aprender. Foi quando, olhando rapidamente ao redor, ela interrompeu sua dança dizendo e olhando pra trás e ao redor

³⁵ Halberstam considera o banheiro paradigmático para pensarmos na distância entre “o esquema do gênero binário e as experiências vividas desde múltiplos gêneros” (HALBERTSAM, 2008, p. 47).

³⁶ Segundo Pelúcio (2005), em contraposição com a “traveção”, que remete ao exagero e protuberância, a ninfetinha, “estilo valorizado atualmente” (PELÚCIO, 2005, p. 227), é “mais natural – curvas mais enxutas, seios menos exagerados, roupas mais ao gosto das adolescentes” (PELÚCIO, 2005, p. 227).

rapidamente: *“Meu Deus, todo mundo olhando, ai que vergonha!”*. Mas a verdade é que ela não parecia nada envergonhada em atrair tantos olhares.

A noite ficou também muito interessante quando se somou ao grupo um viadinho que devia ter no máximo um metro e meio de altura, mas que é possível que tivesse ainda menos. Longe de qualquer sentido depreciativo, digo viadinho porque, embora ele dissesse ter quinze anos, nem de longe aparentava essa idade. Aliás, ele disse sua idade corrigindo uma travesti que já o conhecia e afirmou que o rapazinho tinha doze anos. O fato é que seria impossível constatar quantos anos exatamente o garoto tinha; o que posso dizer é que, para mim, seu corpo era de uma criança prepúbere. De aparência franzina e pueril, sem qualquer pelo no corpo, usava uma bermuda, sandálias de dedo, um boné preto por sobre o seu cabelo raspado, e tinha o pequeno abdômen coberto por uma regata um quão justa e cheia de brilho, que parecia veste de dançarino.

“Alongada”, ou “flexível”, como se referem às bichas, em geral de classe popular, que desenvolvem a fascinante habilidade de alongar suas pernas para muito além dos limites daqueles que não praticam certos exercícios físicos, ele já chegou escalando no chão. Palmas da mão no solo, pernas totalmente esticadas formando um ângulo de cento e oitenta graus, movimentava em sobe-e-desce sua bunda (bunda, digamos) contra o chão, enquanto muitas vezes colocava sua linguinha pra fora, de onde brotava esperta a pequenita esfera metálica do seu piercing. Pequeno, nem por isso menos notável, ou talvez por isso ainda mais notável naquela noite, anunciava assim sua chegada. Quando, ao tocar com os dedos seu piercing, a bolinha caiu no chão, ele pausava sua obstinada procura arreganhando as pernas no solo, como se evitasse o tédio e a irritação de uma busca aparentemente vã.

O guri nos disse que havia saído durante toda a tarde e noite, que já estava pronto para dormir quando seus amigos, ainda menores que eles, chegaram na sua casa e disseram:

“Bora, viado, pro Mercado do Peixe”.

“Viado? Sua mãe deixa que te chamem assim, é?”, emitiu Rafa sua represália.

“Não...”

“Não deixe que te chamem assim, não! Viado é uma palavra que nem no dicionário tem.”

Acredito que dicionário possa aqui funcionar como metáfora do próprio espaço social, que, com suas normas tantas vezes inflexíveis, como de uma língua na sua acepção mais polida

ou mesmo “civilizada”, autoriza, reconhece, incorpora ou rejeita determinados vocábulos, identidades, modos de ser e viver, de se nomear e de ser nomeado. No lugar onde vive e entre muitos amigos Rafa é conhecido como Mimi. Porque? Porque certa feita uma amiga o chamou de viado, como vocativo, forma de tratamento, e ele, carinhosamente, pediu-lhe que não o chamasse assim, que é feio. E sugeriu que o chamasse de Mimi. E foi como ficou conhecido.

É certo que Mimi, enquanto um apelido, não é um termo que consta no dicionário, mas foi uma palavra que, de conotação afetuosa, ele atribuiu a si mesmo, como que recusando a carga histórica de insulto e clandestinidade que para ele carrega o “viado”, léxico que no campo quase nunca o vi resignificar ou deslocar das relações de poder em que originalmente se produziu essa categoria. Há uma exceção, porém, que menciono abaixo, e que contudo não partiu de si mesmo, mas de suas colegas. Geralmente Rafa só usava “viado” e termos afins, como “bichas”, para referir-se a quem julgava inferior a ele; torpes, e que, portanto, fazia jus à alcunha: os “viado baixo lá da rua” e travestis. Por outro lado, embora seja possível haver, jamais conheci rapaz algum cujo apelido era Mimi, quer dizer, Rafa parece à vontade em responder por um apelido convencionalmente feminino. Também não deixa de ser curioso como, em vez de chamá-lo de Rafa, um apelido mais óbvio para seu nome, o chamem de Mimi, nome ao mesmo tempo pouco usual.

Verdade é que cerca de um ano depois, ao escutar as mensagens em áudio enviadas para Rafa por suas amigas mais próximas no grupo do whatsapp “Os Aliados”, observei que muitas vezes elas se reportavam a ele como viado ou bicha, e Rafa respondia prontamente. Isso é relevante na medida em que torna manifesto justamente o caráter contingente, situacional e às vezes estratégico dessas categorias enquanto modos de falar (e falarem) de si (VENCATO, 2013). O público, o tom e o contexto fazem toda a diferença; é diferente posicionar-se ante amigos íntimos – uma intimidade (e confiança) que autoriza e esvazia de qualquer sentido agressivo essas palavras (OLIVEIRA, 2006), com conhecidos ou com pessoas desconhecidas.

Mais ou menos nesse período lembro-me de ter encontrado com Rafa e Milena, sua melhor amiga, no Largo da Mariquita, no Rio Vermelho, para comermos um acarajé. Rafa demorou um pouco para chegar e eu comecei a flertar com um rapaz, que pouco depois acabou sentando na nossa mesa. Em dado momento eu me queixei da fome que estava sentindo e o tal rapaz disse:

“Vai comer, viado!”

“Viado?!”, retrucaram simultaneamente Rafa e Milena, com estranhamento, quase indignados em ver tratada assim uma pessoa por quem têm consideração.

Eu, que estava longe de me incomodar com o uso do termo (e Rafa sabia disso), sobretudo em uma situação em que para mim estava claro não ser acionado como uma injúria, desconversei e fui comprar acarajé para a gente. Pouco mais tarde Rafa mencionou para o rapaz, que aliás vive em um dos quatro bairros que compõem o “complexo” Nordeste de Amaralina, que tinha um cara na favela que promovia anualmente um desfile de *drags*, e quando revelei meu interesse em ir, ele disse que não gostava porque – falou ao ser inquirido pelo jovem que estava conosco – ia muita gente com quem ele não simpatizava lá de cima, que “*ali não é nem gay, é viado mesmo*”.

Neste caso, as categorias gays e viado/bicha, longe de serem acionadas enquanto sinônimos, confrontam-se em certo jogo de status, informando quem é digno de respeito e quem não é. Muito mais que classificar aqueles homens que se relacionam afetivo e sexualmente com outros homens, elas podem dizer algo sobre sua postura cultural e seu comportamento, e se calhar sobre sua classe, que – como nas entrelinhas tenho apontado – não se restringe à renda. Essas categorias servem a “formas de distinção entre diferentes grupos e pessoas e, eventualmente, formas de hierarquização entre eles (ou seja, além do falar de si, possibilita falar sobre o outro, assim como se diferenciar ou aproximar dele)” (VENCATO, 2013, p. 140).

Retornando à cena da noite no Mercado do Peixe, o garoto com quem falávamos olhava para as travestis com certo encanto, e comentou que logo deixaria o cabelo crescer. “*Faça isso não! Ai, meu Deus, eu tou me vendo nele!*”, bradou Rafa, com certo entusiasmo. “*Eu já fui travestis, pergunte a ela*”, e apontou para Gabi, para que esta confirmasse. “*Mas não faça isso não, menino, seu cabelo tá lindo assim. Eu mesmo vou cortar o meu todo.*”

Como o cabelo de Rafa estava preso e liso, ele pegou o celular para mostrar as fotos de como era seu cabelo sem essas intervenções cosméticas. Surpreso, o jovenzinho achou lindo os seus cachos e disse que seria loucura dele cortá-los. De minha parte, confesso não ter levado a sério esse plano de Rafa.

Começamos a falar de homem e Rafa novamente fez seu discurso pró-versatilidade, argumentando que um executivo com alto cargo na empresa em que trabalhou gostava que ele o comesse. “*Abençoada com um pau de vinte centímetros (obrigado, meu Deus!)*”, Rafa queria nos convencer de que ser versátil abre-nos portas, ou pelo menos lhe abriu.

“Você é o quê?”, interpelou Rafa.

“Versátil”, respondeu o rapazinho.

“Ah sim”, disse como quem diz “muito bem!”, como quem entende que está tudo no seu devido lugar.

Passou por nós um senhor e uma mulher loura, a qual, sorridente, cumprimentou Rafa perguntando “*Tá por aqui hoje, é?*”, tendo Rafa respondido também com simpatia. Pouco depois que ela se distanciou com seu par, ele comentou: “*O marido dela me levou foi pro Del Rey*³⁷”. Depois Rafa começou a mostrar-nos as fotos dos seus pretendentes no whatsapp. Um deles, igualmente casado, tinha uma imagem na piscina com uma criança nos braços. Rafa comentou: “*Ó ele com a filha. Larga a filha com a mãe e vem comer a mim*”.

Esse capítulo expõe, no plano das interações, uma série de recursos muitas vezes acionados por Rafa para borrar ou minar aproximações entre ele e as travestis, cuja imagem considera moralmente comprometida e com a qual concorre a partir de sua própria experiência. Seu passado de *travestis* confere-lhe legitimidade e propriedade para modular diferenças entre projetos de vida, cuja eleição encontra eco nas clivagens subjacentes ao domínio das próprias identidades à baila – viado, gay, travestis – enquanto categorias respeitáveis ou não.

Outro ponto igualmente interessante diz respeito a uma atitude assumida por Rafa que vai de encontro àquela que batizou a teoria queer, a qual aposta e propõe a reelaboração da historicidade específica desse termo (BUTLER, 2002); o *queer* – xingamento que, em português, seria semelhante à “bicha”. Como se vê, Rafa em geral recusa tal denominação para si ao passo que a atribui negativamente a outrem, pessoas que para ele não podem ser identificadas como gays, identidade mais canônica.

Disse-me Rafa certa feita, refletindo sobre o abandono da identidade travesti: “*Se você já nasce com um poder aquisitivo, já é uma bicha, exemplo, que tem uma condiçõzinha melhor, que os familiares, mesmo com sua opção, fez que você estudasse, que você crescesse como... Como pessoa... Aquilo ali cê já não vai ter tanto preconceito, porque, querendo ou não, você é... É gay, é, é... Travesti, mas, porém é... Graduado. É travesti, mas... É dono de um salão, dono de um SPA. É... É... Filho de não-sei-quem (...)*”. Talvez, portanto, pareça uma mais simples a operação de abraçar a churria das ruas para as pessoas que contam com alguns

³⁷ Motel de luxo de Salvador, sempre presente no discurso de Rafa, mesmo que a título de aspiração (“*Romper o ano no Del Rey!*”).

privilégios. Ou para aquelas que, diferente de Rafa, não têm expectativa de ascender socialmente.

2. DESVENTURAS EM CAMPO

Cada dispositivo de poder é um código-território complexo (não se aproximem do meu território, sou eu quem manda aqui...). M. de Charlus arruina-se em casa de Mme Verdurin porque se aventurou fora do seu território e o seu código já não funciona (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 156).

Antes de iniciar este capítulo propriamente preciso abrir parênteses para compartilhar a minha surpresa ao acessar o facebook e, acompanhando as atualizações disponibilizadas na minha *timeline*, deparar-me com a foto de Rafa com seu cabelo agora em corte militar. Sim, Rafa raspou o cabelo, e em certo sentido parecia outra pessoa, como parecia outra pessoa quando tinha alisado seu cabelo. A legenda que acompanhou a postagem, a qual só mais adiante detalharei (a fim de entrelaçá-la a outra reflexão), foi em um tom algo leve, como se se tratasse de uma amenidade.

Mas não foi de modo ameno que eu – e poderia arriscar que também outras pessoas da sua rede – recebeu a novidade. Decerto que foi um choque (que, da minha parte, não pode ser confundido com uma decepção!) para todos que estavam habituados com as suas madeixas e que até mesmo se haviam afeiçoado a elas no rostinho de Rafa. Deus, que bicha dramática sou. Devo deixar claro que o seu novo *look* não foi de forma alguma conjugado com uma mudança no seu comportamento gestual, ou com um policiamento por parte de Rafa nesse sentido, quer dizer, de tornar seus movimentos corporais – se bem que agora despido do sacolejar dos cachos – mais contidos e masculinos.

Todavia isso não é o mesmo que minimizar o corte do seu cabelo. Algo mudou. Tanto mudou que, nesse passado editável que possibilitam as redes sociais, seus perfis de facebook e instagram foram deletados; já não há fotos do Rafa que até então conhecemos. Estou com Latour quando ele assevera que para uma pesquisa “*tudo são dados*” (LATOURE, 2012, p. 195, grifos do autor), quer dizer, nada pode ser descartado a priori, pois afinal muitas coisas podem ser significativas. Eu acrescentaria: (tudo são dados,) inclusive o apagamento de dados. Novos dados foram produzidos, novos perfis nas redes sociais foram criados.

Lembremos que cortar o cabelo foi apontado por Rafa como um imperativo, uma condição para alcançar seu objetivo: conseguir um emprego. Luís Felipe Rios (2004) defende que:

É no próprio âmbito das carreiras profissionais, quando interagem com o galgar das idades, que gostaria de localizar a explicação para o fenômeno: observo que parece haver uma tendência – e mesmo uma pressão – para uma mudança nas performances de gênero à medida que os homens caminham para a adultez. Uma espécie de “ajustamento” ou “adequação” às regras sociais hegemônicas, como forma de, inclusive, terem mais acesso ao mundo do trabalho (RIOS, 2004, p. 134-5).

Quando encontrei Rafa por um acaso pelo Rio Vermelho após o corte do cabelo, ele disse pretender um dia voltar a cultivar cabelo grande, porém só quando estiver com o seu diploma na mão. Ou seja, Rafa acredita que contar com um nível reconhecido de capital escolar garantir-lhe-á mais liberdade em termos corporais e de gênero.

Era oito da noite de um sábado quando recebi uma mensagem em áudio de Rafa no whatsapp. *“Amigo, vai ter uma festa aqui no bairro massa, velho, você tá onde? Queria te trazer pra cá, você ia adorar”*. Ele parecia falar de um lugar barulhento – possivelmente estava já na festa. Como na maior parte das vezes estive com ele no Rio Vermelho, na orla e não na favela, ainda que com pessoas de sua comunidade, eu aguardava há muito um convite seu para subir o morro. Queria que meu namorado me acompanhasse, pois acreditava que assim me sentiria mais seguro, porém ele se dizia cansado e preferiu ficar em casa. Acho que foi melhor assim.

Como só vi a mensagem de Rafa cerca de uma hora depois que ele me enviara, Rafa insistiu, desta vez por escrito: *“Amigo??”*. Respondi perguntando se pagava para entrar na festa (pois estava sem muito dinheiro), e ele disse que não, que era de graça, que se tratava de um forró que acontecia todo ano, acrescentando, em áudio: *“Bem diversificado, pa você que gosta de conhecer novos lugares. É aqui no bairro da Santa Cruz. É... Comunidade normal, né amigo, tem muita gente de bairro, muita gente de fora também, é seguro”*.

Decidido a juntar-me a Rafa na tal festa, tomei um ônibus para o fim de linha do Nordeste de Amaralina – o ponto de encontro combinado – que não ficava tão próximo ao local, mas era onde eu sabia chegar. Como se tratava de um forró, queria ir vestido numa camisa quadriculada, e eu só tinha camisas quadriculadas de manga comprida. Pedi a opinião de meu

namorado e chegamos à conclusão de que não seria interessante vestir-me de camisa de botão, pois possivelmente isso me tornaria ainda mais distinto entre os presentes, tendo ele, inclusive, me sugerido ir de bermuda (ainda conforme a ideia de distinguir-me o menos possível). Como era noite e sou um pouco friorento, preferi vestir calça jeans. Já no fim de linha do Nordeste, depois de alguns minutos, recebo uma mensagem de Rafa dizendo-me que ter tomado a liberdade de pegar um carro para ir me buscar, esperando não haver problema nisso (deixando tácito que eu custearia o transporte). Rafa estava acompanhado de mais um rapaz, que estava sentado no banco traseiro, e foi até mim não de taxi, como imaginei, mas provavelmente com algum senhor que fazia esse tipo de serviço (informal) no seu próprio automóvel.

Já no início do trajeto Rafa vibrava eufórico: *“Amigo, tu vai conhecer minha realidade!”*. Ambos tínhamos ciência, é verdade, que só até certo ponto compartilhávamos um mesmo mundo, e por isso eu era ali um estrangeiro na “sua realidade” de cores, sabores e olores diferentes da minha. Rafa parecia muito contente em poder me apresentar o lugar em que vivia, que estava longe de se caracterizar como um local neutro, mas cheio de significados, teias, relações, e só nesta condição poderia ser apropriado enquanto realidade de alguém. Ser diferente, singular, fazer sentido. Mas o que cabe, afinal, numa realidade?

À medida que o carro avançava eu sentia a estranha impressão de estar cada vez mais *in*, em um lugar muito mais estreito do que eu estava habituado, o que, somado ao fato de ser noite, me fazia sentir destituído da liberdade de poder dali sair quando bem entendesse. Me senti ligeiramente menos dono de mim mesmo, mas não estava exatamente incomodado com isso, pois com boas expectativas e acompanhado de Rafa, amigo em quem confiava. Rafa interrompeu meus pensamentos chamando minha atenção com seu efusivo entusiasmo: *“Amigo, tu tá descendo a favela, amigo!!!”*. Não sei se por eu ter tido um dia cansativo, não sei se por Rafa àquela altura já ter bebido algumas cervejas, mas para ele de fato aquilo parecia mais extraordinário do que para mim, e eu, como em tantas outras vezes, não conseguia acompanhar seu arrebatamento, até por não me sentir à vontade com os outros rapazes que estavam no carro.

Ao chegarmos ao local da festa, a primeira advertência que recebo de Rafa: *“Olha, aqui você pode andar com seu celular até na cabeça, que ninguém vai te tomar, você só não pode tirar foto”*. Ele explicou-me que por ser uma área dominada pelo tráfico de drogas havia na festa muitos homens procurados pela polícia. Soube dias depois por um taxista que o Forró da Sucupira, nome do evento, acontece anualmente há cerca de duas décadas, sempre nas proximidades do dia de São Pedro. Segundo o taxista, a festa é financiada pelo tráfico, inclusive

os banheiros químicos instalados no local: “*Não há apoio do poder público*”, frisou, deixando transparecer certa admiração pelos homens do tráfico, enquanto o “poder público” parece ignorar aquela região da cidade. Rafa me disse que o lucro dos traficantes locais durante o evento é muito grande, que o estoque de cocaína sempre esgota e que as pessoas precisam recorrer a outras bocas.

Embora o evento fosse batizado como um forró, lá também escutava-se funk, pagodão e arrocha. Não havia um palco montado ou um centro difusor de música; o som mecânico rolava em diversos pontos da festa, distribuído entre as vielas. Barracas de bebida e comida, ambulantes com isopor vendendo cervejas, gambiarras iluminando o espaço e bandeirolas verdes e amarelas, em clima de Copa do Mundo, o adornando. Muita gente e pouco ou nenhum espaço para dançar; poucas pessoas efetivamente dançando.

Aparentemente, e logo isso se mostrará bastante relevante, eu era o único “de fora”, tanto em termos de cor, quanto em vestimenta, e possivelmente em gestualidade; portanto, em termos de corporeidade, de modo geral. As amigas de Rafa, sempre muito gentis e receptivas, agiam inicialmente como se eu estivesse intranquilo, insistindo que ali era “de boa”, que eu poderia me sentir seguro etc. Apesar de eu ainda estar me ambientando, acredito que eu não aparentava desconforto, bem como não me sentia assim, mas em virtude de não ser “da área”, entendi a preocupação cuidadosa das meninas em proporcionar-me o maior senso de segurança possível.

Como passamos um tempo parados em um lugar específico e eu tinha o interesse de conhecer mais o espaço, disse que daria uma volta sozinho, afinal me sentia seguro para isso, ou apenas despreocupado. Havia muita gente e as ruazinhas eram demasiado estreitas, qualidade maximizada com as barracas alocadas tanto de um lado como de outro. O espaço para transitar era comprimido, o que fazia com que amigos que estavam ali juntos se dispusessem em fileira quando decidiam mover-se de um canto a outro da festa.

Meu primeiro estranhamento ou sobressalto naquele espaço foi quando um jovem que era o primeiro de uma dessas fileiras passou com um revólver em punho – dono de um metálico quase cintilante, inconfundível. Calmo mas intrépido, ele dizia “*bora, bora*”, ao passo que movimentava a mão desocupada como quem solicitava que dessem licença para que ele e seus pares passassem. A cena não me assustou tanto por conhecer narrativas, em linguagens tanto etnográficas quanto cinematográficas, de bailes funks em favelas cariocas. Porém não deixou de chamar minha atenção no sentido de me situar em relação ao espaço, que àquela altura constituía-se decididamente enquanto um espaço *outro* para mim.

Ainda caminhando sozinho, apenas observando, encontrei Gabriela (pós-megahair) com outra amiga, também travesti. Nos cumprimentamos com muito alvoroço e fizemos uma linda foto com o meu celular, na qual, fazendo troça, ela empinava a bunda pra mim e abria um enorme sorriso com os dentes alvíssimos, que contrastavam com sua pele escura. Pouco depois, acompanhado de Gabriela, voltei ao encontro de Rafa que, ao ver-nos juntos, brincou: “*Pronto, já se achou!*”, convencido naquele momento de que, tendo eu ali até mesmo conhecidos, já me sentia à vontade na festa.

Perguntei a Rafa se ele paquerava no forró e ele disse que não, que o pessoal tem preconceito e que às vezes se a pessoa procura frete querem logo bater. Na ocasião ele não deixou claro se ao falar “a pessoa” estava aludindo a um rapaz afeminado. Eu estava interessado em sondar em que medida estabeleciam-se naquele território específicos espaços mais acolhedores à diversidade e espaços interditos, como tem sido documentado nas etnografias que entrelaçam homossexualidades e favela³⁸.

Cheguei a perguntá-lo em outra oportunidade, mas deslocado deste contexto, se “*era de boa andar de mãos dadas com outro rapaz na favela*”, e ele disse que sim. Não satisfeito com a resposta monossilábica, quase evasiva (aliás, o meu gosto pela observação participante é que, em cena, o ator está quase que inevitavelmente motivado, interessado, disposto), perguntei-lhe se era de boa em qualquer lugar (da favela). Só então ele me respondeu, como se estivesse eu buscando saber uma obviedade: “*Em qualquer lugar não, né amigo?!*”

A minha pergunta, feita muito tempo depois do campo na favela, baseava-se em uma suspeita do entrelaçamento entre classe (consumo) e identidade gay, pensando em quanto esta identidade é sustentada a partir da visibilidade de relacionamento afetivo em certos espaços. Isso se deve a um comentário de Rafa (que se verá no próximo capítulo) sobre andar de mãos dadas com o seu namorado em um shopping da cidade, localizado em um bairro nobre. Quer dizer, ele se sentia seguro naquele ambiente para afirmar sua sexualidade e desafiar possíveis represálias expressas, por exemplo, no olhar dos passantes.

Eu estive no shopping com Rafa, mas não mais o acompanhei em outras festas em favela, nem mesmo escutei qualquer relato seu que se aproximasse de demonstração pública de afeto em zona periférica. Não deixa de ser interessante (e acredito que este trabalho torne compreensível) o fato de Rafa aliar-se na favela quase que unicamente às mulheres. Se em festas na favela só se fazem presentes enquanto parceiros declarada e presumidamente

³⁸ Cf., por exemplo, os trabalhos de Silvia Aguião (2011) e Paulo Victor Leite Lopes (2011).

potenciais bichas e viados (“*as bichas que já chegam escalando*”) – portanto, desprezíveis – isso implica em supor que festa em favela não é ambiente propício para conhecer possíveis parceiros. Usemos aplicativos, redes sociais online ou qualquer plataforma que o valha; na favela contentemo-nos a nos divertir com as amigas.

Em dado momento da festa em cujo relato precisei abrir parênteses, após Rafa e os amigos buscarem um lugar deserto para grelhar³⁹, sentiram vontade de mijar. Descemos algumas escadas ou ladeira – já nem me lembro ao certo – até onde havia instalados dois banheiros públicos. Rafa urrava enquanto esperava na fila, daí um rapaz, conhecido seu, que tinha acabado de usar o banheiro, o inquiriu: “*Tá passando mal, bicha?*”. Rafa então me disse que a pessoa naquele espaço tem que “ter visão⁴⁰ pra não levar uma *“maquiagem definitiva*”. Não entendi o que quis dizer com “*maquiagem definitiva*” e, como Rafa tinha acabado de adentrar o banheiro, seu amigo me explicou: “*Uns cascudos na sua cabeça toda lindinha*”.

Eles me disseram então que era proibido mijar em qualquer lugar durante a festa, que isso só podia ser feito nos banheiros químicos, bem como era proibido brigar ou roubar. Alguns dias depois comentei com um jovem que vive naquele bairro e ele disse que os traficantes locais estão cada vez mais inflexíveis quanto às infrações aos códigos de conduta impostos por eles; que com relação àqueles que roubam *na área “não tão nem mais batendo, já tão matando*”. Ou seja, os bandidos garantem “a inviolabilidade de sua área” (ZALUAR, 1985, p. 143).

O tráfico de drogas instaura na comunidade, como se pode ver, um sistema moral particular, que funciona como dispositivo de controle social, o qual por sua vez exige todo um autocontrole por parte dos sujeitos, cientes das sanções que podem desencadear a prática de uma conduta proibida. O repertório de interditos varia desde o que pode ser considerado trivial por alguns, como urinar em qualquer lugar, principalmente em uma situação de festa (prática muito comum nos eventos de rua da Bahia), a uma ação judicialmente criminalizada, como roubar alguém. De caráter ordenador, a violência aparece enquanto um padrão de referência familiar e cotidiano (ROCHA, 1999), e também, em sua forma sumária, como resolutória de conflitos (ROCHA, 1999; FELTRAN, 2007), e as pessoas que estão submetidas ao juízo da facção local tem “de aprender a conviver com as formas despóticas de poder” (ZALUAR, 2012, p. 332).

³⁹ Gíria que designa cheirar pó, inalar cocaína.

⁴⁰ A expressão “pega visão” ou “toma visão” pode ser traduzida como uma advertência do tipo “se liga!”. Prescreve atenção e cautela.

Depois de utilizarmos o banheiro voltamos para onde estávamos inicialmente. Rafa e suas amigas queriam circular, enquanto eu preferi ficar parado fumando um cigarro. Leila, amiga de Rafa, sob o argumento de que as pessoas estavam fumando por toda parte e que não havia problema que eu caminhasse fumando, tentou persuadir-me a seguir com eles, todavia eu realmente não estava com disposição de ficar com a mão estendida ao alto (a fim de não atingir alguém com a chama do cigarro). Rafa insistiu em ficar comigo, contudo, embora primeiramente tenha resistido à ideia de deixar-me só, o convenci a ir com as meninas, pois percebi que ele queria circular um pouco pela festa. Então Rafa me disse para eu ficar com o seu amigo, o mesmo que estava no carro com ele quando foram me buscar no fim de linha do Nordeste, e que permanecia conosco.

Acontece que pouco depois de Rafa sair para dar uma volta com suas amigas o rapaz resolveu ir embora e lá fiquei sozinho. Ora, ficar sozinho nunca foi um problema para mim, pois tenho muito gosto em engajar-me na atividade de observação. Lembro que cheguei a fazer foto de um boyzinho que estava dançando por perto, mas discretamente: fingia fazer alguma ligação telefônica quando na verdade pressionava um botão na lateral do celular que disparava o registro fotográfico (sem *flash*), ou simplesmente simulava a escrita de uma mensagem quando na verdade o fotografava. Depois de passar um bom tempo sozinho, fumando e bebendo, decidi-me por sair à procura de Rafa na direção que ele seguira com suas amigas. Não o liguei, pois, como me havia dito Leila, àquela altura todos os celulares estavam já descarregados.

Ao chegar especialmente ao fim da festa e não encontrar nem Rafa nem suas amigas, parei em um lugar em que havia algumas garotas dançando funk. Achei a cena bonita, fiz umas duas fotos, ainda de modo discreto – também sem acionar o *flash*, evidentemente. Fui então surpreendido com a chegada de um homem muito bruto, que devia beirar os trinta, barba por fazer, forte, tatuado e com corrente prateada no pescoço, do estilo “batidão”: “*Tá fazendo foto do que aqui, mermão? Vá, me dê esse celular aí*”, interpelou-me. Estremeci.

Só nesse momento lembrei da primeira coisa que Rafa me dissera quando cheguei na festa. Na minha memória escutei ele – já conhecedor desse meu hábito – novamente dizer: “*aqui você só não pode fazer foto*”. Aos poucos vi se aproximar um, dois, três, quatro homens junto ao primeiro, e lá estava eu, mirradinho, e com medo me vendo ainda mais diminuto do que já sou, agora diante desses homens muito homens, enormes com seus revólveres e correntes. Estávamos um pouco afastados do restante do público da festa, que, fosse quem fosse, nada podia com eles. Quando viram seu comparsa me interrogando com um celular na mão,

entenderam de pronto que eu estava fazendo registros fotográficos da festa, dispensando qualquer contextualização por parte do primeiro.

Logo de cara levei dois fortes socos nas costas de um brutamontes que se colocou atrás de mim – não forte o bastante, é verdade, para deixar a região dolorida por mais tempo. Mas uma dor aguda e instantânea. Como que instintivamente afastei-me, dando dois passos à frente, porém me aproximando mais de um outro homem que tinha se posicionado na minha frente: eu estava rodeado, totalmente ilhado. O que me agrediu disse com certo cinismo: *“Ei, volte, não vá se saindo não”*. Então voltei atrás com um, dois tímidos passos, e ele deu a voz: *“Aqui não pode tirar foto, não!”*. E eu, fazendo o desavisado, disse com voz mansa de coitadíssimo: *“Pois é, desculpa, eu não sabia disso...”*

O primeiro a me interpelar, agora já visualizando as fotos que eu tinha feito na festa, disse, certamente ao ver as fotografias das meninas dançando: *“Ah... Você é donzelo, né?”*. E os outros riram, enquanto eu, já com o coração saindo pela boca, nada respondi. Ao passar a outra foto e deparar-se com o boyzinho que cliquei, ele disse: *“Hum, na verdade você é viado, né?”*. Então o rapaz que estava na minha frente, de cabelo um pouco grande e encaracolado, meio tingido de louro, com um dente podre na boca, batidão de prata no pescoço, disse: *“Vem cá, se você é viado então eu posso enfiar o cano no seu cu, né?”*. Ao que respondi temeroso: *“Não, velho...”*. E ele continuou: *“Mas o cano que tou falando é o cano do revólver.”*

O interrogatório continuou: *“Você tem cara de que é do Bocão⁴¹, né?”*. E eu respondi, pensando que realmente, com meus oclinhos de aro grosso, devia estar a cara do jornalista: *“Não pô, eu odeio o Bocão!”*. Depois ele perguntou: *“Você tem cara que queria mandar foto pra polícia, que é amigo de polícia”*. Me sentindo ainda mais “ofendido” em ser associado com essa instituição, falei: *“Não, velho, eu odeio polícia!”*. E ele, possivelmente incrédulo: *“Ó, não traga suas putas⁴² pra cá não, que a gente vai queimar todas elas.”*. Enquanto que o amigo que estava na sua frente disse: *“É, e a gente vai te queimar também, e te matar”*. Foi quando aplicou-me dois socos no abdômen, provocando qualquer dor que não me era facultado sentir. E eu senti tanto ou tão pouco como os primeiros golpes. De repente ele sacou do bolso um spray qualquer e um pedaço de estopa, e me ocorreu que eles pretendiam me desacordar ou mesmo me queimar.

Nestór Perlongher, refletindo sobre a constituição da alteridade na antropologia (enquanto uma “ciência do outro”), brinda-nos com o trecho seguinte, cuja reprodução na

⁴¹ Referência ao *Se Liga, Bocão!*, programa televisivo policial da Bahia de cunho assaz sensacionalista.

⁴² Em conversa com Rafa e suas amigas a posteriori descobri que “putas” deve ser entendido como policiais.

íntegra é útil para pensarmos de que lado inevitavelmente eu estava alocado naquela situação etnográfica:

Imaginemos uma cena de um filme que poderia chamar-se algo assim como ‘Tempestade no Paraíso’: ilha polinésia, vendaval, coqueiros agitando-se, nativos dançando seminus estilo ‘Tabu’ e uma comitiva ocidental desembarcando no porto: o administrador colonial, de roupa de linho branco e chapéu Panamá, o soldado de uniforme, às vezes o padre de batina, e, à parte, meio marginal, ‘quase brechtiano’, um personagem estranho, de óculos: o antropólogo.

Nessa situação estritamente imaginária fica claro de que lado está o antropólogo – do lado da autoridade – e está claro quem são os outros: os nativos polinésios (PERLONGHER, 1993, p. 2)

A verdade é que pouco me deixavam explicar qualquer coisa ou me estender nos argumentos que em vão ensaiava. E talvez, nervoso que eu estava diante daquela situação tão inédita quanto inusitada, nem mesmo estivesse em condição de elaborar um discurso que pudesse resultar na minha absolvição, na minha escapatória. Eis que, finalmente – acredito que para a minha grande sorte – o primeiro a me abordar vê minha foto com Gabriela:

“Ó aquela bicha...”

“Gabriela...”, disse o outro.

“Sim pô, ela que me convidou pra vir pra cá. Nós somos amigos”, aproveitei a “deixa”.

O interrogatório deve ter continuado um pouco mais, e eu, querendo negociar e antecipar minha liberdade, disse: “Podem ficar com o celular” – todavia fui interrompido pelo homem de dente podre que estava na minha frente: “Mano, ninguém aqui quer seu celular não, aqui todo mundo tem tudo” – e levantou a camiseta, estando do lado direito da sua cintura um revólver e do outro um smartphone, que ele puxou e me apresentou. Não sou um exímio conhecedor de novidades tecnológicas, mas arriscaria dizer que o dispositivo devia se tratar de um dos últimos lançamentos. Se eu achava que me veria livre acionando esse modo corriqueiro de nos livrar de bandidos, entregando de uma vez o celular, estava redondamente enganado. Então mandaram eu tirar o cartão de memória do aparelho (deixando para trás os registros), porém para o meu desespero meu celular nem cartão de memória tinha. Só depois do ocorrido, reflexivamente pensei que o fato de eu ter feito a tal foto das garotas de modo discreto colocou-me ainda mais em suspeição.

Passado um tempo, eles afinal disseram, entregando-me de volta o celular: “*Vai, vaza daqui*” – e me deram um empurrão. Saí daquela rodinha aos prantos e, já depois de meter-me na multidão, onde me senti solitariamente acolhido no meu tormento, dois colegas com quem já tinha curtido uma ou duas noites no Mercado do Peixe – um deles gay e a outra bissexual – encontraram-me no auge do meu desafoço e perguntaram o que tinha acontecido. Mal conseguia explicar-me quando apareceu Rafa dizendo: “*Meu Deus, aquilo que eu mais temia aconteceu*”. A festa evidentemente acabara ali, ao menos para nós. Rafa me levou para a casa de uma amiga onde ele estava hospedado, e nos acompanharam Leila, os dois colegas que me encontraram e mais uma amiga de Rafa.

Embora essa situação tenha sido bem mais dramática, lembrei-me de Wacquant; na sua pesquisa em clubes de boxe no subúrbio de Chicago, igualmente munido de uma tecnologia produtora de registro – mas, no seu caso, apenas de áudio (um gravador) – fora recomendado por seus colaboradores de pesquisa a ser discreto com o instrumento, porque, diz ele:

os marginais que agem na área poderiam achar que eu sou um policial undercover ou um agente do FBI. Percebi que o técnico do Woodlawn não estava brincando alguns dias depois dessa reunião, quando Jack Cowen voltou ao assunto, numa conversa no *gym*: “Louie deve estar correndo altos riscos com esse gravador, com todos esses gatunos que andam por aí. Se ele continuar passeando assim com esse gravador, uma manhã dessas pode ser que a gente encontre um cadáver do outro lado da estrada de ferro” (WACQUANT, 2002, p. 212).

Outros casos que, como o que ocorreu comigo, merecem uma reflexão ética por parte de nós, antropólogos, são relatados por Larissa Fontes (2015) no seu trabalho, e dizem também respeito a feitura de fotografia, mas em contexto religioso, nomeadamente no candomblé. Um deles é um depoimento extraído da obra de Vagner Silva, concedido pelo antropólogo Roberto Motta, que diz: “numa obrigação de *Balé* que Manuel [pai-de-santo] não me deixou olhar, eu abri a porta e tirei um retrato. E quatro meses depois eu tive um diagnóstico de um problema na vista tão sério que eu fiquei achando que era castigo. Até hoje eu acho que foi castigo” (SILVA, 2006 *apud* FONTES, 2015).

Mais adiante ela nos traz a fala da antropóloga Janecléia Rogério, que, como Roberto Motta, atribui o que sucedeu à sua “teimosia” à agência de uma entidade: “as fotos saíram pretas. Eu estava com uma câmera digital e outra analógica. Não tem explicação. A dona da casa [a ialorixá] disse que a entidade tinha dito que não podia fotografar. Eu fotografei de teimosia. Você sabe, às vezes a gente faz isso...” (FONTES, 2015, p. 72). Segundo Fontes e sua

leitura de autores tão diversos quanto Susan Sontag, Jérôme Souty e Lisa Castillo, em suma as ressalvas do candomblé em relação à fotografia teria relação com o poder que o fotógrafo estabelece com o objeto da fotografia (seja em termos propriamente mágicos – quer dizer, de feitiço – seja em relação a um contexto repressivo mais amplo), em que o sujeito fotografado não detém o controle da imagem.

Castillo argumenta que “não é apenas pelo fato de existir um registro. Mais importante ainda é a questão de onde irá circular e quem terá acesso” (CASTILLO, 2013, p. 59). Assim, as restrições à fotografia nesse contexto visa garantir o controle da comunidade religiosa no que tange à produção e circulação de imagens (CASTILLO, 2013). Mais uma vez aqui, guardadas as devidas proporções, podemos encontrar paralelo com a proibição da fotografia no local em que estive; sobretudo em tempos de conectividade, em que, no limite, nem a própria pessoa que fotografa controla facilmente a circulação e concomitante repercussão da imagem produzida. Devo de resto dizer que diversos trabalhos (ver, por exemplo: OPIPARI; TIMBERT, 2014, p. 388-9) sinalizam certo acautelamento para introdução de câmeras em localidades controladas por facção de tráfico de drogas.

Bom, o fato é que depois de me terem levado para fora da festa, fomos para a casa em que onde vive uma amiga de Rafa com o respectivo tio. Ele costuma pernoitar nessa casa quando sai para curtir, a fim de evitar chegar em sua própria casa com aparência de drogado e desapontar sua mãe (“*evangélica*”). Primeiramente ofereceram-me água, que gelava numa garrafa plástica verde, originalmente de refrigerante. O quarto estava meio caótico, como o de um folião em pleno carnaval, que mal tem tempo ou disposição de pôr ordem no espaço: dorme, acorda, parte pra rua, volta, dorme outra vez. Paredes um pouco sujas, papelão na janela servindo de cortina, um caco de espelho jogado em algum canto do quarto, um pequeno e pouco acabado apanhador de sonhos atrás da porta, que no momento servia para pendurar uma toalha de banho que secava, um ventilador cuja hélice já não era coberta por uma capa: foi onde me senti mais seguro e confortável naquela noite.

Sentia-me entre amigos, pessoas que se importavam comigo, e o fato de o quarto ter poucos metros quadrados só expandia a sensação de ninho, de proteção do “mundo lá fora”. A cama box era tão dura quanto a minha de então, também ortopédica, onde me sentei e vez ou outra, ainda bastante fragilizado, deitava enquanto escutava com interesse os casos de Rafa e de seus amigos.

Leila disse que na área dela ela badala, mas que em área dos outros ela prefere nem se mexer, “*pra não ficar com tapa tomado, ainda mais que mulher é tudo recalçada*”. “*Até*

porque”, acrescentou, “*eu gosto de vestir minhas roupas de piriguete. Em área dos outros eu me planto, porque camarão que dorme a onda leva*”. E Rafa toma a palavra: “*Eu também já fui vítima da favela*”. Em seguida abaixa sua cabeça e me mostra uma cicatriz um pouco acima da nuca.

A acepção de favela não é só de espaço. Como de resto, partindo da premissa de que espaço é sempre espaço *para* alguém – por exemplo, para quem o habita – não é possível falarmos de um espaço desprovido de sentido, ou, pelo menos, que não seja primordialmente relacional. Portanto, favela é, sim, um espaço, mas um espaço tal qual parece a Rafa, e que a ela faz menção quase como um sujeito. Assim o sendo, a favela, palavra que aqui sintetiza a configuração de um sem-número de relações sociais marcadamente assimétricas e hierárquicas, *territorializadas*, é passível de, enquanto algoz, na perspectiva de Rafa, causar dano a alguém.

Rafa contou-me que na época em que era “*travestis*” chegou a trabalhar para o tráfico. Durante um carnaval, perdeu a droga que estava com ele (e que deveria ser vendida). “*Ainda bem que você não levou uma coreada*”, disse. Coreada foi o que lhe rendeu a cicatriz na cabeça. Segundo ele, “*coreada*”⁴³ é quando pegam o cano do revólver e o vão afundando na cabeça do sujeito, sem contudo atirar. Ele disse que na ocasião a companheira do traficante queria que Rafa fosse morto, que ele só não morreu porque implorou no celular para o “*chefão*” que lhe deixassem vivo, e ele assim ordenou aos seus subalternos.

Depois dessa situação Rafa precisou cortar o cabelo no lugar em que fora machucado a fim de que a ferida aberta na sua cabeça pudesse cicatrizar. Naquele período se afastou da cidade e se instalou na casa de amigos de seus familiares no distrito de Menino Jesus, no município de Candeias, a cerca de 50 km de Salvador. Cortou todo o cabelo também para, segundo ele, poder se socializar com mais facilidade na sua nova morada. Esse momento pode ser uma espécie de marco na sua vida, pois se conjuga com o abandono da identidade “*travestis*”. É possível perceber que já não nasce cabelo na parte da cabeça em que está localizada a cicatriz, uma das razões pelas quais, mais tarde e a fim de escondê-la, Rafa voltou a deixar o cabelo crescer.

Rafa e seus amigos chegaram à conclusão de que os homens do tráfico ficaram com pena de mim, mas que “*se fosse outro...*”. Uma das meninas que estava conosco, a que primeiro me encontrou junto com um amigo, comentou que ela também já havia sofrido com o domínio do tráfico, pois violara a regra de moradores não poderem brigar entre si, sob pena de serem chamados a prestar contas. Ela havia brigado com uma menina, então os homens bateram nela.

⁴³ Recentemente li a palavra “*coronhada*” na página policial de algum jornal. Me soou familiar. Ao buscar significado no dicionário, percebi se tratar da nomeação do mesmo ato.

Todavia, de acordo com a garota, ela “*deu sorte*” que não lhe cortaram o cabelo, pois eles costumam fazer isso em represália às mulheres que infligem suas leis. A punição aqui, comum em diversos lugares e épocas históricas, atenta contra algo extremamente significativo em termos de identidade, e de identidade de gênero: o cabelo, o cabelo como construtor de feminilidades (e de masculinidades também), de modo que cortá-lo a contragosto do seu portador pode ser bastante significativo⁴⁴.

O relato corrobora com a descrição da facção local como a “instância normativa e fiscal das regras de convívio” (CUNHA; FELTRAN, 2013, p. 11) na favela. A facção goza deste reconhecimento entre os moradores que, muitas vezes, antes de (ou sem) recorrer a uma intervenção policial, comunica seus conflitos à “boca”, grupos armados do crime local que “assumem o papel da força de coerção” (FELTRAN, 2007, p. 22) que normatizam tais regras. Um exemplo disso nos mostra Mattos (2014) quando uma colaboradora da sua pesquisa que sofre agressões físicas do marido a ponto de ser hospitalizada, cogita acionar a Lei Maria da Penha, mas, receosa de retaliações por parte dos agentes do tráfico, resolve dirigir-se a eles para que a apoiem contra o perpetrador.

Se pensarmos bem, as próprias regras de convívio (como não roubar ou brigar com pessoas na comunidade) parecem coibir conflitos que demandariam a presença da polícia, a qual está longe de ser bem-vinda pela facção, uma vez que atrapalharia a rotina de venda de drogas e de controle territorial (MATTOS, 2014). O não cumprimento desses “códigos de boas maneiras que presidem as relações entre indivíduos e grupos nas áreas ‘informais’ ou ‘marginalizadas’ da cidade” (ZALUAR, 2012, p. 332) acabam por repercutir em constrangimentos físicos, morais, e na violação da integridade física e psíquica (ROCHA, 1999).

Naquele momento em que eu escutava aquelas narrativas minhas lágrimas não cessavam de rolar. Leila disse que seu atual namorado trabalhava no tráfico, mas que chegou um momento que ambos decidiram que seria melhor ele largar, pois, embora esse trabalho lhes rendesse bastante dinheiro, este não custeava a falta de paz nas suas vidas. Isso porque, quando o bagulho que você passa é bom – e o do seu namorado era muito bom –, as pessoas *ligam* “até de

⁴⁴ Quando aborda o ritual iniciático no candomblé (a “raspagem”), Fontes (2015) faz menção a um pai-de-santo que associa o cabelo à beleza e ao sentimento de vaidade e, de certa forma – conclui Fontes – de poder. Deste modo, cortar o cabelo estaria relacionado, grosso modo, à perda do que se vêm chamando de “capital erótico” (HAKIM, 2010), “capital estético” (SINGLY, 2007, p. 59), ou ainda “capital corporal” (PELÚCIO, 2009, p. 99), embora esse último termo esteja sendo particularmente apropriado pelos estudos sobre atividades esportivas, não estando em tal contexto estritamente relacionado ao atributo do belo.

madrugada” para comprar, e você fica na mira dos homens das outras bocas. Durante a festa, antes do terrível incidente, Leila havia comentado que aquele lugar em que rolava o forró parecia PU⁴⁵, uma favela que ela visitou no Rio de Janeiro. Mas só ali no quarto lhe perguntei o porquê. Ela disse que também lá os rapazes andavam armados, mas que havia uma diferença clara entre a Santa Cruz, onde estávamos, e PU: em PU eles caminhavam com metralhadora e *“nem atender celular você pode”*.

Como de costume, mais uma vez Rafa ressalta sua autonomia diante das drogas de que faz uso: *“Tá vendo isso aqui?”*, diz ele, e pega entre os dedos o papel enroladinho que lhe serve de instrumento para transportar o pó até a narina, *“Cheirar agora só no ano novo. Agora é hora de procurar trabalho”*.

Ficamos mais um pouco naquele quarto enquanto aguardávamos o ponteiro do relógio marcar cinco da manhã, tempo o bastante para que o público da festa regressasse às suas casas, as ruas estivessem menos escuras, e também por conta do ônibus, que começava a passar nesse horário. Ao deixarmos a casa em que estávamos e descermos uma ladeira, passamos por Gabriela e sua amiga, que conversavam ao pé da porta de uma casa, mas apenas as cumprimentamos e nada dissemos sobre o ocorrido. Chegando ao Rio Vermelho, aguardamos o ônibus de Leila passar, o qual a conduziria à sua casa, na Cidade Baixa. Segundo a própria, ela e a avó, com quem mora, são as únicas negras no condomínio em que residem – disse-me, provavelmente querendo ressaltar que vive entre pessoas com maior poder aquisitivo.

Aliás, naquela noite um valor levado em consideração por Rafa e Leila parecia emergir. Enquanto Leila disse *“Lá onde eu moro vizinho nenhum me vê, cê bota fé?”*, Rafa comentou, virando-se pra mim: *“Lembra na festa quando aquelas mulheres viram meu cabelo?”⁴⁶ É porque nem ali eu ando*. É importante recordarmos que em um evento no seu bairro, já narrado anteriormente, Rafa comentara sobre não ser benquisto por alguns gays que são seus vizinhos: *“dá osadia a esse povo pra depois tá falando de mim”*. Se expressam nessas palavras uma valorização de um modo de vida e conduta mais reservado, que parte de uma desconfiança acerca do comportamento, olhar e julgo de outrem.

Lembro-me aqui do trabalho de Lobato (2011), que fez pesquisa em uma favela de Belo Horizonte, em que ela descreve uma de suas interlocutoras da seguinte forma: “Bruna é uma pessoa reservada e relativamente tímida, porém costuma nos surpreender com brincadeiras e

⁴⁵ Acrônimo de Parque União, Complexo da Maré.

⁴⁶ As mulheres que ele menciona ficaram chocadas ao verem que Rafa estava de cabelo com corte militar.

divertidas gargalhadas. Parte dessa reserva, parece ser uma estratégia de evitar *conversa fiada* da vizinhança” (LOBATO, 2011, p. 107, grifos da autora).

Antes de sairmos da casa em que estávamos, eu e Rafa olhamo-nos ainda com certo pesar por conta do que ocorrera comigo, e eu lhe disse:

“Ô, meu bem, continuaremos a nos ver, viu? Mas lá embaixo”, brinquei.

“Como eu gosto; não ando por aqui. Agora que você viu como minha realidade é terrível...”, respondeu.

Embora Rafa nesta situação pontual – provocada por mim – tenha reduzido sua experiência de favela a algo hostil, poderíamos lembrar das tantas noites nas quais nos divertimos em ambientes em que a próprio sentido de orla era subvertido por quem estava presente. Não quero dizer que o Mercado do Peixe se transformava exatamente em favela, mas tampouco poderia assumir que as práticas do seu público deixavam incólume a identidade do lugar, cujo já conhecido acolhimento às classes populares parecia potencializado em tais ocasiões, a despeito das frequentes batidas policiais. Também nos divertimos na caminhada do povo de santo e, além disso, o próprio Rafa, como se verá logo a seguir, frequenta festas em outra favela da cidade. Ou seja, sua prática revela um entendimento de que esses lugares não são apenas terríveis. E aqui me ressinto por ter provocado esse desgosto no meu anfitrião, e por precisar interromper de modo tão precoce e incontornável minhas deambulações pela favela.

Intuo, por outro lado, que, ainda que de modo bastante pontual – vide o “*agora que você viu como minha realidade é terrível*” –, experimentei estar submetido às regras impostas pela facção, bem como possíveis implicações (talvez não a menos branda, mas nem por isso pouco violenta) de descumprir os códigos de conduta vigentes. O dissabor por que passei, e que teve ressonância em Rafa, parece ter suscitado algum nível de aproximação entre mim e os moradores do lugar, que também já foram vítimas ou que pelo menos entendem com muita propriedade o que é viver sob o jugo do crime organizado. Neste sentido são sintomáticas todas as narrativas desencadeadas por minha desventura, as quais de outro modo (caso o etnógrafo tivesse respeitado a orientação do seu colaborador) não teriam emergido. Todavia, ao reconhecer que o meu deslize acabou por ser produtivo e revelar certas nuances – trazer à tona eventos pessoais da vida de Rafa e da sua rede de amigos e vizinhos –, não quero poupar a gravidade da minha irresponsabilidade.

Mesmo que eu tivesse, enfim, sido visto pelos traficantes como “alguém de fora”, naquele momento eu ocupava o lugar de assujeitamento a determinada lei. Essa “comunicação específica” que se abriu “com os nativos” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 159) talvez seja indício de que, ainda que à minha revelia, ou seja, de modo não voluntário e não intencional, eu fui afetado. Quero dizer com isso que não escolhi ser afetado nesses termos. Rafa, ao me encontrar e ver-me tomado pelo choro, reconhece que eu havia transposto uma barreira entre mim e eles; naquele momento já não havia distância, eu tinha experimentado a face cruel da vida na favela: “*Aquilo que eu mais temia aconteceu*”. O uso da câmera, que me posicionava em um lugar algo cômodo de observador, terminou por suscitar de modo violento a minha efetiva participação: no fundo, ao fazer recurso à câmera eu já estava agindo.

Naquela noite levei Rafa para dormir na minha casa. Antes mesmo da festa ele tinha me pedido vinte reais emprestado para pagar a matrícula em um curso de gestão gratuito, mas que cobra uma taxa de matrícula, e eu lhe dei o dinheiro. Talvez o dinheiro tenha sido usado apenas para ajudar-lhe nos custos de sua noite de sábado, e sinceramente não me importei com isso. Lá em casa ele fez questão de dizer que aproveitou minha internet para buscar vagas de emprego em um centro que oferece estágios para estudantes. Mais que isso: mostrou-me um *print*⁴⁷ que havia dado em duas vagas que lhe interessaram, como se quisesse provar que está em busca de emprego. À tarde enviou-me uma mensagem no whatsapp se desculpando novamente por ter me exposto àquela situação. E eu lhe escrevi uma longa mensagem que dizia não haver culpados, e que, aliás, se houvesse, o culpado seria eu, que segui sua recomendação, tendo ainda por cima ficado sozinho a seu contragosto.

Mais de um ano depois desse episódio fui a uma praia com Rafa. Nós sempre tivemos vontade de pegar uma praia juntos, mas ainda não havíamos conseguido ajustar as agendas. Como sua folga coincidiu de cair num sábado, combinamos de ir à praia do Buracão nesse dia, no Rio Vermelho. Rafa chegou se desculpando pelo atraso causado; segundo ele, pela comitiva do prefeito, que estava no seu bairro. “*Você sabe, né, já querendo voto pro próximo ano*”. Para completar, tinham matado duas pessoas no bairro naquele dia.

Ele chegou acompanhado de duas simpáticas amigas: uma delas trabalha em um hotel na Pituba, bairro nobre da cidade, e a outra “trabalha em casa de família” no mesmo bairro. Quando me perguntaram qual curso eu estudava na UFBA, eu disse que fazia mestrado em sociologia (para fins de entendimento mais rápido que “ciências sociais” ou “antropologia”).

⁴⁷ *Print screen* é uma tecla que, em teclados de computador, captura em forma de imagem tudo o que está na tela quando a tecla é pressionada. Na ocasião, Rafa disse “dei até *print*”.

Elas me parabenizaram e eu me senti um pouco constrangido com a assimetria que fazia-se evidente. Ao exporem seus corpos ao sol, neles aplicando loção bronzeadora, perguntaram se Rafa não tomaria também banho de sol, que respondeu: “*Eu já sou preto, só se for pra eu virar carvão* (risos)”.

Logo mais, à noite, aconteceria um “paredão” – grosso modo, festa caracterizada pelo acoplamento de muitas caixas de som, disposição esta semelhante a uma parede – no bairro da Engomadeira, favela de Salvador. Declinei do convite, pois, conforme lhes contei – até para não posar de “o amigo burguesinho de Rafa” –, havia pouco mais de um ano que meu namorado e eu havíamos sofremos agressão física no Mercado do Peixe, em um episódio em que, embora o local estivesse situado na orla, “só tinha favela”.

Não se tratava naquele caso simplesmente de uma agressão homofóbica – vale dizer que uma das injúrias que nos foi imputada por quem perpetrou a violência foi “viado” – pois não éramos os únicos na ocasião (além de viados, lá se encontravam também travestis). Acredito que a agressão tenha sido motivada também por um não pertencimento em termos de cor e classe, ambas corporalmente marcadas, à festa. Como aponta Sansone, “existem (...) lugares que ‘pertencem’ a diferentes tipos raciais” (SANSONE, 2004, p. 160), lugares pesados em que ser ou não negro é uma questão relevante. Neste espaço que descrevo, bem como no do episódio na favela, não ser negro e não ser pobre revelou-se desvantajoso (SANSONE, 2004), pois ali, ao contrário de muitos outros espaços, “os negros estão no comando e são os não negros (...) que devem tomar cuidado com sua participação” (SANSONE, 2004, p. 81).

O Mercado do Peixe era um dos locais privilegiados desta pesquisa, permitindo-me acesso, ainda que muito parcial, via orla à gente da favela, mas era também um dos espaços de lazer que mais me agradava na cidade, justamente por isso: estava a um quarteirão da minha casa e era frequentado por pessoas com quem eu gostava de interagir, alheias ao circuito “classe média alternativa/intelectualizada” de Salvador.

A orla era tão subvertida naquelas noites que, certa feita, acompanhado por uma colaboradora de pesquisa e suas amigas, eu era objeto de demasiado cuidado por elas naquele lugar, atenção que me era dispensada nitidamente por eu ser “de fora”. Eis que naquela mesma ocasião vi-me sozinho no meio de vários rapazes performando suas ostensivas (para não dizer agressivas) masculinidades. Aquilo fez-me lembrar o trágico episódio que eu e meu namorado vivemos no Mercado do Peixe e de repente fui tomado por uma crise de pânico, quando despedi-me desajeitado e rapidamente, percebendo que eu não me sentia psicologicamente preparado para

certas misturas, que a mim pareciam explosivas. Sentia-me só e temia por minha integridade física.

Me lembro de ter relatado a situação da agressão para Rafa, quando deram um soco na nuca do meu namorado formando uma protuberância tão saliente que decidimos ir de imediato a um pronto-socorro. Como se não bastasse, tomaram-me os óculos a fim de atingir-me os olhos e eu fugi desesperado. Até hoje não sei onde encontrei tanta perna. Na época Rafa ficou indignado ao escutar o relato e com o roubo dos meus óculos, e disse que procuraria o objeto lá na boca, que sempre que sumia alguma coisa ia parar lá. Ele, como me disse, não tem problema algum em ir ao local, onde chega logo dizendo “*eu sou trabalhador, entendeu?*”, o que denota como a identidade de trabalhador é fonte de honra e respeito, construindo-se “em parte por oposição a bandidos e vagabundos que não trabalham” (ZALUAR, 1985, p. 132).

O valor do mundo do trabalho também é observado na pesquisa de outros autores, como Feltran (2007) e Sansone (2004). Gabriel Feltran (2007) observa uma família composta por “trabalhadores” e “bandidos”, na qual, embora os segundos sejam de fato os provedores materiais da família, são os primeiros que a sustentam simbolicamente, dando orgulho à mãe. Já Lívio Sansone (2004) encontrou uma polaridade presente em Caminho de Areia, bairro da Cidade Baixa de Salvador, entre “batalhadores” e “vagabundos”, o que para ele parecia consistir numa versão menos extremada daquela encontrada por Zaluvar (1985) em um bairro da Cidade de Deus, do Rio de Janeiro. Aliás, Zaluvar observa na sua pesquisa como há um senso de que “um bandido ‘formado’ não mexe com o trabalhador de sua área, mas o respeita e o defende” (ZALUAR, 1985, p. 138)⁴⁸, e parece ser isso o que fundamenta a iniciativa de Rafa em dirigir-se à facção; a certeza de que, sendo um morador trabalhador, conta com respeito por parte dos bandidos.

Além deste caso, contei também às meninas sobre o episódio do forró:

“*E daí eles me viram fazendo a foto...*”, disse eu, narrando a história que o leitor já conhece.

“*Desgraçados...*”, concluiu uma delas.

“*E como eles sabiam que eu não era de lá...*”, falei.

⁴⁸ “Bandido formado” estaria em oposição às categorias “bandido sanguinário”, “bandido porco” e “pivete”, os quais traem ao que Zaluvar (1985) considera uma “moral de classe”, em que “um roubo é condenado ou não segundo quem é roubado: um pobre ou um ‘grande’, um trabalhador ou uma empresa” (ZALUAR, 1985, p. 148).

“Eles sabem. Vê você, todo branquinho⁴⁹, com essa pinta de jornalista...”, disse a outra amiga de Rafa.

“Oxe, essa festa mesmo na Engomadeira, eles dizem logo no início, no microfone: nada de selfie aqui, viu, meninas?”, falou a primeira, referindo-se à ordem dos traficantes que financiam o “paredão”⁵⁰. “Mas assim, eu mesmo não sou de ir em favela sem tá com alguém que é da área. Nessa festa mesmo só vou porque tem nossa amiga que é de lá. Não é perigoso só pra você que é homem, não. Até com a gente, que é mulher, é ruim, porque as de lá já ficam achando que a gente quer roubar os marido dela. Se você for a alguma festa onde ela mora”, disse, fazendo menção à amiga que estava conosco, “você vai tranquilo com ela, que ninguém mexe. Na próxima que tiver a gente vai te chamar”.

“É, eu queria ir a alguma no Nordeste [de Amaralina], pois também é mais próximo da minha casa, me sinto mais seguro pra ir. Mas na Engomadeira é muito distante, fico cabreiro...”, respondi.

Tanto no relato produzido por Leila, amiga de Rafa, após o episódio em que eu fora interceptado por traficantes, quanto o enunciado por essa outra amiga, observa-se a existência de certos padrões de sociabilidade orquestrados pela violência, que traduz-se, por exemplo, em não ir em “área dos outros” desacompanhada por quem é “da área”. Isso porque a violência produz uma nova leitura da cidade e de sua organização espacial, conforme pontuado na oitava edição da revista Sexta-Feira em que consta a íntegra do instigante debate sobre pobreza e criminalidade.

Neste sentido, as áreas periféricas muitas vezes são concebidas enquanto do domínio de um grupo, o que orienta toda uma dinâmica de antecipação do risco (LOPES, 2011). Pode ser sujeito a esse risco alguém que não é letrado nos “códigos de circulação do território” (AGUIÃO, 2011, p. 76) e que é desconhecido no local, ou seja, que é “de fora”. Isso torna seu trânsito pelo território muito mais tolhido do que a circulação dos “locais” (AGUIÃO, 2011) – vide a sentença “em área dos outros eu me planto”, que nos faz conceber atitude de reserva, (auto)vigilância e ajustamento no portar-se. Os relatos sugerem ainda que as tramas cujo

⁴⁹ Eu jamais descreveria a mim mesmo como “branquinho”, talvez no máximo como branco. Suponho que é operada aqui uma associação entre identificação racial e características socioeconômicas (“pobreza escurece”, assim como “riqueza embranquece”) (HASENBALG, 1994).

⁵⁰ O fato de ser “*tudo free*”, quer dizer, da cerveja ser de graça, as deixam (e a Rafa) ainda mais entusiasmadas em participarem.

desfecho culminam em sanções, bem como as sanções em si, não são indiferentes com relação ao gênero da pessoa visada.

2.1. No cemitério

Depois de um período sem ver Rafa com tanta assiduidade, o convidei para almoçar. Ao nos sentarmos no pequeno e aconchegante restaurante, cujo preço cabia ligeiramente no bolso de um bolsista de mestrado, ele foi logo dizendo, sorridente e entusiasmado, que tinha muita coisa para me contar. “*Você lembra de Anderson?*”. Assenti com a cabeça. Anderson era o jovem com quem Rafa tivera um romance, relatado no primeiro capítulo. “*Ele morreu, amigo*”.

Fiquei visivelmente chocado, primeiro porque – como se já não conhecesse Rafa – não esperava que notícia tão trágica pudesse ser precedida por entusiasmo. Esse entusiasmo, acredito eu, estava relacionado ao poder contar, falar sobre si e sua vida e saber-se atentamente ouvido – um entusiasmo, portanto, que responde ao meu próprio interesse em saber o que lhe passa. Depois porque, afinal, cheguei a conhecer, mesmo que muito rapidamente, o jovem rapaz. Se colorido pelas histórias de Rafa e por tantas outras que escutamos falar sobre os pobres que se envolvem com o “mundo do crime”, me ocorreu que a notícia de sua morte prematura no fundo não podia ser exatamente chocante.

Mas o fato é que Anderson havia morrido. No início de fevereiro, antes do carnaval, divisor do calendário baiano. O entusiasmo de Rafa aos poucos cedia lugar ao semblante de alguém que se esforça para conter a tristeza, as lágrimas que logo interromperiam o seu relato, mas dava também espaço à face de alguém que se engaja em demonstrar este esforço. Havia ali uma expressão de firmeza sustentada por certo conformismo.

O espanto que a notícia pode ter provocado em Rafa era amortecido por suas próprias expectativas: “*Investigar pra que? Morreu porque aprontou... Você sabe que é assim que funciona*” – disse-me, quando perguntei se afinal haviam descoberto quem assassinou o rapaz, ou se pelo menos haviam investigado. Ele expõe ciência, assim, da avaliação moral que é sempre debitária do *quem* foi morto: “o ato de matar uma pessoa”, afinal, “não é julgado *a priori* como um crime, segundo uma concepção universal de justiça” (ZALUAR, 1985, p. 143, grifos da autora).

Anderson foi morto nas proximidades de um colégio do centro da cidade. Montado numa moto, um homem se aproximou, disparou um tiro e fugiu. E Rafa que tantas vezes o advertiu do risco que corria, e só o via afundar cada vez mais. Primeiro Anderson deu pra

roubar. Pequenos furtos, de vez em quando. Até aí tudo bem. Mas certa feita, ao partir para assaltar um estabelecimento comercial no bairro da Mata Escura, Anderson matou o segurança da loja, ato que, ao contar para Rafa, este mudou decisivamente a imagem que tinha do seu fraterno amigo, ou amante.

“Era uma relação como a que você tem com Felipe, amigo, meio de amigo, meio de namorado” – comparou Rafa, isso porque, ainda que já não mantivessem relações sexuais, havia um afeto que não era típico de uma amizade. Pois bem, acontece que Anderson agora – pensava insistentemente Rafa – era capaz de matar uma pessoa: *“Mas ele teve coragem de matar alguém...”*. Essa apreensão denota a “condenação moral entre os trabalhadores pobres de algumas atividades, embora não de todas, nem na mesma intensidade em todas” (ZALUAR, 2012, p. 332), quer dizer, diferenças de avaliação moral acerca das ações classificadas sob o guarda-chuva de crime (ZALUAR, 2012).

Na nossa conversa Rafa falou isso tantas vezes, como quem demarca um divisor de águas quase intransponível, que cheguei a perguntar-lhe se, a partir desse fato, ele chegou a reexaminar sua proximidade com Anderson, quer dizer, se em algum momento lhe ocorreu que Anderson seria capaz de matá-lo, como ao segurança da loja. *“Não, não!”*, Rafa não titubeou, e começou a elencar o que admirava em Anderson, que, por mais que tivesse dado um passo irreparável – tirar a vida de alguém –, nutria por Rafa muito afeto.

Ainda que houvesse homofobia por onde andavam, itinerários que incluíam bocas de fumo no bairro da Gamboa – “aventura” (em toda sua semântica de risco) que, com Anderson, Rafa se permitiu –, Anderson jamais renegou sua companhia. Muito pelo contrário, ante a discriminação o assumia: *“É meu amigo!”*. Essa atitude, vista por Rafa como respeitosa e valorosa à sua pessoa, na medida em que parecia ignorar ou mesmo se contrapor ao estigma que poderia ser acoplado a Anderson quando era acompanhado por Rafa, o diferenciava de muitos rapazes que eram socialmente reconhecidos como héteros e que mantinham relações com viados. O fato dele não sentir vergonha dos seus pares por estar com talvez consistisse em uma das atitudes mais reveladoras da estima que reservava a Rafa.

Ainda assim, a partir do momento em que Rafa enxerga em Anderson não mais um “ladrãozinho” mas “um cara que tem coragem de matar alguém”, seu contato com ele se reduzia paulatinamente. Falavam-se em caráter esporádico por telefone, mas Rafa começou a evitar encontros pessoais com Anderson, porque afinal projetava um futuro diverso para si; existiam ali projetos conflituosos. E eu minimizei sua preocupação, lhe dizendo não entendê-la muito bem, pois via seu perfil, sua conduta tão distante daquela assumida por Anderson. Foi quando

Rafa me corrigiu, alegando que eu estava equivocado em pensar dessa forma, rebatendo minha observação com sua própria perspectiva: “*Você vê assim, mas no meio que a gente vive, passar pro outro lado [“o mundo do crime”] é ó*”, e fez um estalo de dedos como quem indica instantaneidade, “*daqui prali.*”

Rafa aponta, assim, como são tênues, por vezes plásticas, nas periferias⁵¹, ou mais especificamente com quem, como ele, já teve ou tem algum intercurso no tráfico (seja como cliente contumaz da boca, seja como agente da facção), as fronteiras entre o “cidadão direito”, trabalhador, e o “bandido”. Se por um lado, Anderson, enquanto bandido que tem disposição para matar, passa a pertencer para Rafa a uma outra categoria de pessoa (lembramos dos novinhos favelados com “*capacidade de fazer homicídio*”), por outro lado a distância e oposição entre eles é relativizada e estes são então (re)aproximados, talvez enquanto pessoas submetidas às mesmas condições de vida (ZALUAR, 1985). Essa fronteira precária pode reclamar autovigilância àqueles que não desejam, e mesmo batalham, traçam estratégias, para não serem identificados como bandidos – o que para alguns implicaria fadar-se ao fracasso pessoal, cuja exposição à morte prematura talvez seja sua expressão mais gritante.

É quando, mais uma vez, Rafa se refere ao consumo de psicotrópicos, uma atividade rotineira que é bastante investida de estigma. Neste ponto ele esboça um elogio à discricção no uso, a fim de não ferir o ideal de respeitabilidade predominante, bem como a importância do (auto)controle na dosagem, com o intuito de não tornar-se um trapo e resguardar sua capacidade de agência. Assim, em seus próprios termos, é ele quem faz uso da droga e não o contrário (“*Droga: eu uso; não deixo que ela me use*” é uma máxima de Rafa) – o que ressalta o valor que atribui à autonomia, sem desprezar o apelo que as substâncias podem exercer sobre as pessoas.

Essa ética da cautela relacionada ao uso de drogas corrobora com a visão do drogado como alguém “que foge às suas obrigações ou a cumpre mal, sendo, portanto, um elemento improdutivo e parasitário. Acredita-se que a droga incapacita ou diminui vontade e competência” (VELHO, 2004, p. 63). Lembro-me que na primeira vez que nos encontramos Rafa me disse que havia curtido a vida intensamente, sustentando essa afirmativa com a diversidade do cardápio de substâncias ilícitas que ingeriu. Circunscrever naquele relato o “curtir a vida” com tais experimentações e também com uma idade pregressa revela uma tensão

⁵¹ Feltran (2007) expõe fatos dramáticos que denotam como muitas vezes nas operações policiais (quer dizer, na interação com agentes externos à favela) feitas nas periferias, todos os homens jovens são considerados bandidos até que se prove o contrário.

aparente entre o consumo de drogas e seu próprio projeto, que neste momento da vida requer, em termos prospectivos, lugar para mais disciplina.

Rafa mostrou-se desacreditado quando a amiga o noticiou sobre o assassinato de Anderson, o recomendando então que ele “olhasse na internet”, onde provavelmente o episódio já aparecia na página policial de algum portal de notícias. No dia da morte de Anderson, Rafa trabalhava e, por mais que se tivesse apressado, não conseguiu chegar a tempo de participar do funeral. Ao pisar no cemitério, o corpo de Anderson já estava sepultado. Aos prantos, beirando o túmulo, não deixou de achar graça quando ouviu o segurança do cemitério comentar em voz alta: *“Eta, que esse cara tinha era mulher!”*

Uma semana após o almoço em que Rafa me contou sobre o assassinato de Anderson, sentado em um ônibus, sinto alguém tocar-me o ombro. Ao olhar para trás, vejo Rafa, sempre sorridente, dois assentos atrás do meu. Como havia alguém ao meu lado, troquei de lugar para o banco à sua frente para jogarmos conversa fora, até porque o trajeto levaria uns vinte minutos. Rafa foi logo me dizendo, simulando choro em tom bem humorado, que era seu último dia de folga, e que estava indo ver Anderson. E entendi que ele iria ao cemitério Campo Santo, até porque fazia parte do roteiro da linha de ônibus no qual estávamos.

Confesso que desejei ir com Rafa, mas, além de estar demasiado cansado e de não achar cemitério um lugar propriamente convidativo a se ir, pensei que porventura poderia ser inconveniente fazer-me presente em um momento tão íntimo. Ao mesmo tempo me ocorreu que seria amistoso da minha parte oferecer-lhe companhia naquela que, certamente, seria uma ocasião dolorida para o meu amigo. Ainda assim, nada disse. Mas eis que Rafa comenta que falou com uma amiga que iria visitar o jovem morto e ela o inquiriu com certa surpresa: *“Sozinho?”*. Entendi que era uma “deixa” para que eu o oferecesse companhia, algo que ele aceitou de bom grado, comentando em seguida: *“Lembro que antes eu ficava doido querendo saber onde Anderson tava, agora já sei onde encontrar quando eu quiser ver ele.”*

Antes de entrarmos no cemitério perguntei-lhe se ele não gostaria de levar uma rosa, ficando muito contente por eu ter lhe dado cinco reais para que comprasse a flor, pois ele estava sem dinheiro. Ao adentrarmos o Campo Santo, cemitério tradicional da cidade de Salvador, eu disse que nunca havia visto o túmulo de ACM (Antonio Carlos Magalhães, proeminente político baiano). Era sobre aquela lendária figura na Bahia mítica sobre quem íamos comentando parte do caminho. Nos dirigimos ao túmulo da “Família Antonio Carlos Magalhães”, conforme grafado, e Rafa comentou, surpreso com o tamanho: *“Nossa! É quase um apartamento”*.

Naquela ala havia capelas erguidas para guardar restos mortais de famílias nobres, sepulturas com artes sacras e muita ostentação, por mais mórbido o contexto para se usar esta palavra. À medida em que avançávamos e nos distanciávamos da entrada do cemitério os jazigos se iam apresentando mais modestos, e Rafa observava que até mesmo na morte as “moradias” eram diferenciadas segundo a classe social. Eu me espantava com a enormidade do cemitério; quem passa apenas pela frente não pode imaginar sua real dimensão.

Ao chegarmos à quadra em que estava localizada a “gaveta” na qual jazia Anderson, Rafa notou que a mãe do rapaz já havia preparado uma placa de mármore com os seus dados biográficos. Rafa colocava a flor enquanto eu me afastava alguns metros a fim de proporcionar-lhe uma situação mais reservada. Em não mais que cinco minutos Rafa veio até a mim com um rosto que expressava certa satisfação de “dever cumprido”. Na saída do cemitério, ainda em certo clima de consternação comentei:

“Tão jovem... É uma tristeza acabar desse jeito.”

“É, mas eu não tenho pena dele não, ele sabia que isso ia acontecer”, disse Rafa com tom de despreendimento. “Você vê... Não construiu nada. Por isso quero dar a volta por cima, conseguir vencer na vida.”

No trabalho de Alba Zaluar, em que ela observa que “todo mundo sabe o fim dos bandidos pobres: morrer antes dos 25 anos” (ZALUAR, 1985, p. 153), há uma máxima entre seus interlocutores: “bandido (...) é quem arma a sua própria morte” (ZALUAR, 1985, p. 149). Anderson é importante para a própria trajetória e caminhos pelos quais Rafa decidira enveredar, isso porque a formulação de projetos, como assinalam Gonçalves e Knauth (2006), é uma ação que se realiza em interação com as pessoas nos diferentes espaços sociais em que os sujeitos circulam. Neste sentido, Anderson, embora Rafa já estivesse trabalhando quando ele morreu, aparece enquanto mais uma referência nas definições do seu projeto de vida.

É ainda interessante notar que tanto o crime como o trabalho são vistos como *opção*, como “escolha individual – e cada escolha leva a um conjunto de consequências” (FELTRAN, 2007, p. 22). Lembro-me que um dos fatos que inquietavam Rafa com relação a Anderson, e que suscitava e corroborava com sua crença de que ele enveredou deliberadamente pelo mundo do crime, era a profissão do seu pai: polícia federal – cuja remuneração supostamente não impunha à família um cotidiano de escassez material.

É o *background* do eu passível de deliberar conscientemente, ainda que imerso em certo campo de possibilidades (VELHO, 2003)⁵², que possibilita a emergência de projetos pessoais, os quais respondem ao “dilema de *mudar* ou *permanecer*” (VELHO, 2004, p. 108). É dessa forma, desde a crença no indivíduo-sujeito – cuja afirmação expressa-se na existência de projeto –, que pessoas oriundas de realidades semelhantes em termos econômicos e culturais podem ainda optar por estilos de vida contrastantes (VELHO, 2003).

Ao considerar que Anderson nada construía, Rafa deixa implícito o ideal algo meritocrático que sustenta sua avaliação, a partir do qual as pessoas seriam definidas por realizações cumulativas (MILLER, 2013). Tanto em relação a Anderson como às outras personagens conceituadas por Rafa o que muitas vezes está em questão é o empenho pessoal, igualmente a justa medida para que Rafa se autorrealize, consoante a certa obrigação moral de superar sua realidade de privações.

⁵² Gilberto Velho afirma que “a própria existência de projeto é a afirmação de uma crença no indivíduo-sujeito” (VELHO, 2003, p. 104).

3. COMPOR E INCORPORAR PROJETOS

Desde que nos conhecemos Rafa manifesta seu sonho em fazer uma faculdade de arquitetura, em dar continuidade a seus estudos, agora em uma instituição de ensino superior. Ele tem muito arraigada a crença de que a UFBA, acrônimo da Universidade Federal da Bahia, que goza de prestígio como uma das mais qualificadas universidades do estado, “não é para ele”. Para Bourdieu, dizer que “‘isso não é para nós’, é dizer mais do que ‘não temos meios para isso’” (BOURDIEU, 2010, p. 47), exprimindo, “ao mesmo tempo, uma impossibilidade e uma interdição” (BOURDIEU, 2010, p. 47).

O que o autor considera uma aparente auto-eliminação – exclusão que parece ainda mais forte simbolicamente quando se expressa dessa forma (BOURDIEU; PASSERON, 1975) –, seria resultado de um ajuste, uma sintonia entre aspirações e condições objetivas, e termina por excluir “a possibilidade de desejar o impossível” (BOURDIEU, 2010, p. 47). É neste sentido que podemos compreender o argumento de Gilberto Velho (2003) quando pontua que os projetos não se dão num vácuo, mas em determinado campo de possibilidades a partir do qual é formulado, respondendo por sua gênese e viabilidade (VELHO, 2004).

Ao refletir sobre o sistema de ensino, Bourdieu conclui que este transmuta de modo sofisticado hierarquia social em hierarquia escolar, e assim perpetua as relações de classe. Para Bourdieu “a ação homogeneizante da escola” não faz senão “reduzir as diferenças” (BOURDIEU, 2010, p. 45), diferenças que se traduzem, por exemplo, na facilidade em assimilar a cultura escolar e na propensão para adquiri-la. Ou, em outras palavras, todo um *habitus*, um conjunto de apreciações e atitudes incorporadas diante da escola. A escola serve muito bem ao ideal democrático e à ideologia de mobilidade social: já não se transmite cargos e funções hereditariamente, mas via certificação escolar, ou seja, desde uma premissa de equidade formal.

Todavia, a aparente neutralidade de sua função técnica encobre desigualdades de origem, e por isso Bourdieu e Passeron (1975) criticam Weber ao superestimar a burocracia moderna pela forma de recrutamento e seleção, agora através de “sentenças formalmente irrepreensíveis” (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 49). Mas o fato é que existem certas preliminares (de origem) que tornam o estudante mais ou menos apto a alcançar êxito na vida escolar.

Vejamos, e.g., o estudo de Karruz (2015), que trabalha com uma base de dados cujos indicadores demonstram a pertinência da escolaridade dos pais enquanto variável importante

para a nota do ENEM do candidato, ou o postulado de Jessé Souza (2012) – um dos sociólogos brasileiros que mais tem se apropriado do postulado de Bourdieu para pensar a desigualdade brasileira – em que ele designa de “capital familiar” toda essa cultura extra-escolar que circula na esfera domiciliar. Finalmente, a conclusão a que chega Bourdieu é que:

A Escola tem apenas por função assegurar a sucessão discreta a direitos de burguesia que não poderiam mais se transmitir de uma maneira direta e declarada. Instrumento privilegiado da sociodicéia burguesa que confere aos privilegiados o privilégio supremo de não aparecer como privilegiados, ela consegue tanto mais facilmente convencer os deserdados que eles devem seu destino escolar e social à sua ausência de dons ou de méritos (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 218).

Compreendendo a educação como um processo contínuo de seleção e eliminação, subjacente à sua função técnica de produção e comprovação de qualificações (a qual, de acordo com Bourdieu, dissimula sua função social de legitimação das diferenças de classe), é fácil entender porque ele utiliza fartamente certa linguagem demográfica, como esperança de vida escolar, mortalidade escolar e sobrevivência escolar.

Engajado no intento teórico que persegue em toda sua obra de solapar (ou seria reconciliar?) a dicotomia entre estrutura e agente social, Bourdieu lança mão do conceito de “esperança subjetiva”, tributária da interiorização das condições objetivas, ou, a bem dizer, das “oportunidades objetivas de êxito próprias às suas categorias” (BOURDIEU; PASSERON, [1970] 1975, p. 166) – por exemplo, a categoria de jovem pobre, estudante de escola pública. Trata-se aqui de uma retroalimentação. Se a esperança subjetiva advém desse “senso de jogo” – em que o sujeito conhece as regras, bem como sua *posição* no jogo (estrutura que abre e fecha horizontes), dispondo de um conhecimento que, antes de abstrato, é prático – a esperança (aspirações, antecipações, etc.), enquanto orientadora de conduta em relação ao futuro, colabora para a realização efetiva dessas probabilidades objetivas.

Interessado na temática de projetos de modo mais geral, Alfred Schutz ([1945] 2012), cerca de duas décadas antes, falou também em “chance subjetiva” e em “probabilidade objetiva” (SCHUTZ, 2012, p. 159) ao pensar na razoabilidade daquilo a que poderíamos denominar de esperança. E na correspondência, orquestração e compatibilidade entre os projetos e o estoque de conhecimento do ator – o que asseguraria a consistência do primeiro. O estoque de conhecimento seria justamente o “senso de jogo” e forneceria “elementos típicos da situação que, de acordo com nossa experiência no momento da projeção, garantiram a

viabilidade ou mesmo o sucesso das ações *tipicamente* similares no passado” (SCHUTZ, 2012, p. 158, grifos do autor).

Rafa se reconhece como alguém que não dispõe de capital escolar suficiente para ser aprovado em uma seleção pública que faculta acesso à UFBA. Foi uma das primeiras coisas que me disse quando, em um dia qualquer, chegou à minha casa e o apresentei à minha orientadora, que estava comigo no momento. Diante da professora universitária fez questão de mostrar seu interesse em prosseguir nos estudos, ressaltando, contudo, os poucos recursos que pode mobilizar. Longe de entender como naturais suas limitações para galgar posições que considera superiores – como ser estudante da UFBA – Rafa completa, partindo do pressuposto de que não está contando nenhum fato desconhecido pelo interlocutor: “*Você sabe, né, escola pública...*”

Assim, em uma experiência escolar que é sempre cumulativa, Rafa atribui suas limitações atuais à condição de estudante da rede pública de ensino, a qual, se goza de reconhecimento e credibilidade no ensino superior, é percebida como deficitária no ensino básico. Este passado escolar pesa e se interpõe na sua trajetória como mais um obstáculo que precisa ser superado com garra e força de vontade, expressões afirmativas que correntemente aparecem no discurso de Rafa, inclusive no facebook.

Mas certamente não é apenas à condição de estudante de escola pública que Rafa atribui suas limitações, mas também, como se verá no diálogo que reproduzo abaixo, às suas próprias experiências de sucessos e derrotas nesta escola, dado que atuam durante toda a vida escolar mecanismos de eliminação (BOURDIEU, 2010). Estes mecanismos, por sua vez, contribuem para compor – e gozam de legitimidade para tal – para a própria imagem que o indivíduo tem de si mesmo (sua própria apreciação escolar) enquanto apto ou não para a escola e a cultura dominante que ela se ocupa em reproduzir.

Rafa estava se dedicando aos estudos para se submeter aos exames supletivos, conhecido popularmente por CPA, sigla de Comissões Permanentes de Avaliação – responsáveis pela realização das provas –, a fim de obter o grau de Ensino Médio. Por necessidade financeira ele abandonou o segundo ano do Ensino Médio, deixando a escola para trabalhar.

Em uma das vezes em que fui visitá-lo no shopping, Rafa comentou estar tenso com os exames (matemática, por exemplo). Sua colega de trabalho lhe perguntou qual a média – a nota mínima que precisa alcançar para ser aprovado:

“Cinco.”

“Ah, cinco é pouco, Rafa, você passa”, disse a amiga.

“Ai, gente, não sei, às vezes eu acho que sou inteligente, mas às vezes me acho burro”, respondeu Rafa com apreensão amenizada pelo tom bem humorado.

Ele me conta que *“sempre quis botar a escola como prioridade”*, mas que sempre se deixou levar pela “juventude”. Juventude pode ser lida aqui principalmente como “curtição”, decorrente dos apelos exercidos pela descoberta de substâncias psicoativas: *“Eu tive um ensino fundamental muito da droga. Foi logo o que tava em cartaz: maconha, cocaína... Eu nunca usei o crack, mas de todas eu já usei várias”*. E também pelas primeiras experimentações sexuais, pelo fazer “cachorrada” nos corredores do colégio e no banheiro, em um tempo em que Anderson ainda era vivo. Mesmo quando era travestis, Rafa não relata situação de preconceito na escola, pelo contrário: *“os meninos super que adorava”*.

Em uma contabilidade um tanto confusa que envolve duas interrupções (*“joguei a escola pa cima”*) e cinco ou seis reprovações/repetência de ano letivo, Rafa calcula que precisou recuperar cerca de oito anos de defasagem escolar. Contudo, antes de fazer esses cálculos, ele ressalta aos risos que não precisou deixar a escola exatamente para dela evadir-se: *“Eu tava na escola e abandonando ela, dentro da escola. (...) Continuei abandonado den'da escola. Eu ia pa escola, mas num estava na sala. Eu ficava no corredor do colégio sentado. No Colégio Jorge Amado à noite eles não mandam ir pa sala.”*

A verdade é que Rafa me havia pedido ajuda para as provas das exatas, mas eu estava longe de ser uma pessoa apta a lhe ensinar tais componentes curriculares, tendo passado sempre “arrastado” nestas disciplinas. Pude perceber quão frágil tem sido a formação escolar (não redutível às “exatas”) de Rafa quando ele me perguntou o que foi a ditadura militar, quem estava no poder, etc.

Ao mesmo tempo era não apenas constrangedor como triste, trágico imaginar que, provavelmente, assim como Rafa, há milhões de jovens brasileiros que desconhecem a história do seu próprio país. Ou ainda mais desolador é dar-se conta da existência de uma formação escolar tão deficitária, a qual não lhes habilita a saber o que parece haver de mais elementar. Embora se reconheça os avanços alcançados pela América Latina em geral no que concerne à cobertura da educação, também são consideráveis as “carências que ainda se registram em termos de equidade e qualidade” (CASTRO; ABRAMOVAY; RODRIGUEZ, 2004, p. 33).

Nem mesmo as cotas raciais, política aliás que Rafa desconhecia – o que não deixa de ser sintomático, visto que diz respeito ao acesso a instituições que gozam de prestígio – são capazes de constituir um horizonte de viabilidade de ingresso na UFBA. A crença de que a UFBA não é da sua alçada parece a interiorização da legitimidade de sua exclusão (BOURDIEU; PASSERON, 1975), exclusão que impõe “o reconhecimento, por aqueles que ela relega a ensinos de segunda ordem, da inferioridade desses ensinos e daqueles que o recebem” (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 52).

Segundo Bourdieu e Passeron, que atentam para disposições diferenciais ante a cultura escolar segundo as classes sociais e, assim, à interseção entre o sistema de ensino e o sistema de estruturas de classes, se as camadas populares, quando não são condenadas à auto-eliminação, “se resigna a um tipo desvalorizado de estudos” (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 164), há classes para quem a eliminação só pode advir de um revés no exame.

Preciso frisar novamente que, face à experiência de Rafa, exímio conhecedor de sua condição de classe, é urgente, contudo, pôr em revista a tese demasiado categórica de Bourdieu que defende que os atores naturalizam aquilo que é eminentemente social, ou que são iludidos pela estrutura social, como se estes fossem incapazes de reconhecer certas relações de poder. Observemos que quando Rafa entende que a UFBA não é para ele (em virtude do nível de exigência escolar para acessar e/ou permanecer), antes de atribuir tal interdição a uma ausência de dons (individual), ele se situa enquanto beneficiário de um sistema educacional (social) em geral deficitário, “a escola pública”. Inclusive Rafa já chegou a afirmar que o ENEM é injusto, quer dizer, que o processo de admissão em diversas universidades ignora a condição originária de desigualdade dos postulantes. Há que relativizarmos, portanto, a inculcação bourdieusiana da “ideologia do dom”, explicada como a:

chave do sistema escolar e do sistema social, contribui para encerrar os membros das classes desfavorecidas no destino que a sociedade lhes assinala, levando-os a *perceberem como inaptidões naturais o que não é senão efeito de uma condição inferior*, e persuadindo-os de que eles devem o seu destino social (cada vez mais estreitamente ligado ao seu destino escolar, à medida que a sociedade se racionaliza) – *à sua natureza individual e à sua falta de dons*. O sucesso excepcional de alguns indivíduos que escapam ao destino coletivo dá uma aparência de legitimidade à seleção escolar, e dá crédito ao mito da escola libertadora junto àqueles próprios indivíduos que ela eliminou, *fazendo crer que o sucesso é uma simples questão de trabalho e dons* (BOURDIEU, 2010, p. 59, grifos meus).

Recentemente Rafa descobriu que a graduação em arquitetura é muito dispendiosa financeiramente, e que o apoio do ProUni⁵³ não cobre mais do que 50% dos estudos, ou seja, o Programa não oferece bolsa integral para este curso. Rafa já teria, mesmo que com bolsa integral, de trabalhar e estudar simultaneamente. Tais condições dificultariam ainda mais cursar a graduação que tanto almeja.

Ele tem se revelado um tanto incerto quanto ao futuro, à escolha de qual graduação fazer diante da inviabilidade de estudar arquitetura. A título de segunda opção cogitou fazer publicidade e propaganda e tem buscado alguns testes vocacionais que de repente possam despertar-lhe alguma ideia nova, porém considerou muito bobas as questões dos testes que encontrou disponíveis gratuitamente online, os quais não lhe têm inspirado confiança.

Ao perguntar se ele faria o ENEM naquele ano, Rafa me disse que sim, porém estava pensando em fazer um curso de técnico de radiologia, ou buscaria algum outro cujas oportunidades de ingresso no mercado de trabalho fossem amplas. Além de um curso técnico ser mais curto (este duraria três anos, pelo que me disse) do que uma graduação, a inserção no mercado era mais garantida. Há que lembrarmos que os diplomas acadêmicos “ainda terão de ser trocados no mercado de trabalho, correndo o risco de ter surpresas ruins” (SINGLY, 2007, p. 62). Como todo projeto, que se distingue da mera fantasia em virtude da sua limitação a um quadro dado, há aí elementos da situação que estão fora do controle do ator, exigindo, assim, que probabilidade e riscos sejam ponderados (SCHUTZ, 2012).

Para Rafa, a profissão de técnico em radiologia, embora não seja tão bem remunerada quanto vislumbra enquanto profissão em que pretende se estabelecer futuramente (segundo ele, “dá no máximo para comprar um carrinho, que nem é o do ano”), apresenta como vantagem o regime especial de aposentadoria. Isso porque a exposição continuada à radiação ionizante pode comprometer a saúde do profissional, então ele se aposenta com quinze anos de serviço. Ainda assim, Rafa ressalva que precisa pesquisar melhor sobre qual curso técnico fazer.

Vê-se aqui uma tensão entre o projeto de vida profissional e as possibilidades efetivas de ascensão social (GONÇALVES; KNAUTH, 2006), tensão permeada por questões como: o mercado de trabalho para o curso que desejo fazer está saturado? Qual rendimento este ou aquele curso irá me oferecer? O projeto, escreve Gilberto Velho, “implica algum tipo de avaliação, uma estratégia, um plano para realizar certas metas”, bem como “uma noção de tempo” (VELHO, 2004, p. 69). Como podemos observar, ele é contingente, não se configura

⁵³ O ProUni – Programa Universidade para Todos – é um programa do Governo Federal que concede bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições privadas de ensino superior.

linearmente, sem hesitações, não sendo tampouco monolítico (há possibilidade de coexistência de projetos diferentes).

Desnecessário dizer, por outro lado, que Rafa apenas parcialmente se enquadra no fenômeno de prolongamento da juventude apontado pelos estudos sobre juventudes no sentido de ingresso tardio no mercado de trabalho (associado à continuidade dos estudos em instituição de ensino superior), mas apenas em coabitar, enquanto jovem adulto, na casa da família de origem (LINS DE BARROS, 2010).

Por um lado, Rafa opõe desejos e interesses que considera inerentes (produtores de juventude) à idade em que estava a um projeto acadêmico sempre adiado, não conseguindo conciliar estes projetos que se rivalizam. Por outro, como durante parte de sua trajetória escolar conjugou, na condição de “jovem aprendiz”, trabalho e estudo, e em outro momento simplesmente “jogou a escola pra cima” para dedicar-se com exclusividade ao trabalho (aliás, mesmo que sua mãe não cobrasse que ele “ajudasse em casa” financeiramente, tampouco poderia dar-lhe dinheiro), podemos dizer que o perfil de Rafa se afina ao de uma juventude que mal tem tempo – e tempo aqui deve ser pensado como oportunidade – de concluir os ensinamentos fundamental e médio para que buscasse um trabalho (GONÇALVES; KNAUTH, 2006).

De acordo com Novaes (2006), “a indagação sobre quando e como um jovem começa ou termina de estudar ou trabalhar expõe as fissuras de classe presentes na sociedade brasileira” (NOVAES, 2006, p. 106), sendo ainda importante, segundo a autora, distinguirmos “o estudante que trabalha do trabalhador que estuda” (NOVAES, 2006, p. 114).

3.1. De domingo a domingo

O convidei para almoçar e combinamos de, em seguida, irmos juntos ao seu trabalho, pois ele precisava entregar um atestado médico que, para a sua alegria, outorgaria sua dispensa do serviço por quase uma semana. Falamos no telefone; ele avisou que já havia chegado em Ondina. Era sempre difícil responder à altura de tamanha – mais que boa vontade – euforia: um libertador e efusivo “*amigooooo*” que não tinha mais fim. Contagante, me era uma injeção de ânimo nos dias pouco enérgicos. Me sentia tão querido quanto ele se sentia importante ao ver as anotações que eu tecia sobre a sua pessoa, e por tudo isso havia qualquer coisa de muito caloroso nos nossos encontros.

No caminho rumo ao seu trabalho passamos pela Barra, um dos bairros mais frequentados pelos moradores da cidade que buscam lazer, e também por turistas. Da janela do

ônibus víamos corpos descamisados e sarados, pessoas na beira da praia, e Rafa comentou o quanto gostaria de que, em plena tarde durante a semana (um dia útil), houvesse quem lhe pagasse o dia de trabalho para que lá pudesse estar. *“Tenho raiva porque não estudei antes”*, resmungou algo ressentido.

Verdade que *“de domingo a domingo”* tornou-se um jargão seu desde que começou a trabalhar em shopping center. A expressão poderia ser de *“segunda à segunda”*, mas o recurso ao domingo alude à lida justamente aos fins de semana, tão caro para o descanso e o entretenimento. Em decorrência dessa privação, Rafa argumenta que quer trabalhar *para que* possa curtir a vida; que quer um trabalho com que se ocupe de segunda à sexta, ou seja, um trabalho que não seja incessante, que não lhe absorva o bastante a ponto de não restar-lhe tempo para se divertir.

Nas suas próprias palavras, via whatsapp: *“Eu preciso melhor⁵⁴ De vida tenho quê estudar pra poder ter condição de curtir a vida pq eu acho quê não curto minha vida e trabalho Sem vida Social pra Eu Sair de minha rotina pesada eu adoraria estudar e poder proporcionar um trabalho com Horários flexíveis pq de domingo a domingo e Muito exaustivo :(”*

Assim, um trabalho de segunda à sexta, que pode parecer algo dado para muitos, para Rafa, que aspira um trabalho que lhe proporcione satisfação pessoal, e lhe permita *“curtir a vida”*, ao combinar boa remuneração e carga horária menos extenuante, é algo a ser conquistado. E acredita que nessa conquista pode contar com um importante aliado: o investimento na educação formal.

Em grupos focais realizados com jovens de camadas populares e médias do Rio de Janeiro, Scalon e Oliveira (2012) perceberam que, ao contrário dos jovens de classes mais favorecidas, que se mostraram mais céticos a esse respeito, os mais pobres apresentaram bastante confiança no esforço pessoal e nos títulos escolares (meritocracia) para ascender socialmente. Ou seja, em características adquiridas, até pelo fato de não disporem de recursos outros, como uma rede de contatos e uma família mais abastada, para garantir-lhes um posto de trabalho bem remunerado. Esses jovens acreditam que fracasso ou sucesso – e sucesso aqui pode ser traduzido em mobilidade social ascendente – pertencem à seara da conquista individual.

⁵⁴ Para que fique claro, Rafa quis dizer *“melhorar”* ao escrever *“melhor”*. Embora possa obscurecer a compreensão da passagem, optei – ressaltado novamente – por manter a sentença no original, tão descuidada e despojada quanto pode ser uma mensagem instantânea.

Como havia dito, no dia que o convidei para almoçar, fomos ao seu local de trabalho para que ele lá deixasse um atestado médico em virtude da extração cirúrgica de alguns dentes. Almoçamos em um restaurante próximo à minha casa e pedi que lá passássemos antes de irmos para o ponto de ônibus, pois fazia calor e eu queria tomar um banho antes de partir. Rafa não conhecia meu novo apartamento. Ficou encantado com o espaço e chegou a fazer algumas *selfies* (autorretratos) no meu quarto, com vista para o mar.

Enquanto eu me aprontava, Rafa lia com muito gosto o material que eu escrevi sobre ele, e que fora apreciado pela banca de qualificação do mestrado. Do meu quarto escutava seu riso em diversos momentos e perguntava em que trecho ele estava. Seu riso parecia advir do inusitado, de não imaginar que a minha narrativa contemplava os pormenores, muitas vezes jocosos, vividos por nós, e provavelmente também da memória despertada pela leitura. Surpreso, exclamava: “*Você colocou isso, amigo!*”

Neste mesmo dia, quando já não estávamos juntos, Rafa enviou-me uma mensagem através do whatsapp dizendo que estava pensando seriamente em morar só ou dividir um espaço com Milena. Ela há muito tempo quer sair de casa por conta de problemas de convivência com sua irmã, que muitas vezes usa suas roupas novas sem esta nunca ter usado, e sem pedir sua permissão. Já Rafa tem problemas de convivência com seu padrasto; eles não conseguem se entender, mas, segundo Rafa, nada relacionado especificamente à sua orientação sexual. Ultimamente ele providenciou uma televisão como mais uma forma de evitar, por exemplo, estar na sala e precisar interagir com o padrasto, e tem ponderado colocar uma porta no seu quarto.

Na mensagem me dizia estar cogitando alugar um quarto “tipo como eu fazia”, numa espécie de república (de estudantes). Na verdade gostaria que eu desse minha opinião sobre isso, sobre o seu interesse, me considerando uma pessoa bastante ponderada – o que notei quando ele falou que queria a minha ajuda “*nessa parte de controle financeiro responsabilidade sabe amigo*”. Eu já tinha emitido meu juízo; que ele podia começar pesquisando, e que há casas e apartamentos de valores variados, a depender do tamanho, da localização, e que é possível alugar até mesmo já mobiliado ou adquirir uma mobília seminova a preços mais razoáveis.

Mas vale aqui pensar que ser importunado no espaço doméstico o impõe à esta altura da vida um planejamento (ele me disse que “*não vai ser precoce*” e que precisa avaliar), pois que demanda dispêndio financeiro, um compromisso nas suas finanças com o qual ele não está habituado. Ele acredita que o sacrifício de parte de sua renda será compensador com o resultado vindouro. Não deixa de ser um dado interessante que o local em que ele queria alugar uma casa

era uma região do Nordeste de Amaralina situada praticamente na divisa entre o Rio Vermelho e o bairro da Amaralina. Ou seja, um entre-lugar, a preço de favela (mas não de qualquer favela), quase na orla.

Deixamos a minha casa e, chegando ao shopping, algumas pessoas, inclusive que trabalhavam em outras lojas, cumprimentaram Rafa, figura notadamente popular. Muito educado, Rafa fazia questão de me apresentar a todos com quem trocava alguma palavra. Me parece que naquela semana celebrava-se as Forças Armadas e nos deparamos com uma exposição do exército, que preparou com os seus “meninos” uma apresentação cuidadosamente coreografada para os passantes.

Eu e Rafa, embevecidos com a demonstração de tanto vigor e viralidade dos mancebos, cuja marcha fazia o piso do shopping tremer, ficamos por alguns minutos os prestigiando. Uma amiga aproximou-se dele e comentou: “*Desgraçada, só olhando os homi!*”. Lá pelas tantas, eu ainda absorto com a apresentação, como quem sutilmente pergunta “já não basta?”, Rafa perguntou-me: “*Você ainda quer ficar aqui?*”. Até que seguimos adiante.

Ele conseguira emprego em uma loja de *games*, porém curiosamente Rafa não trabalha na parte dos jogos, mas na sessão destinada à realização de festas infantis, no segundo piso da loja. Digo curiosamente porque me parece um trabalho cuja habilidade do profissional deve ser mensurada, entre outras características, pelo entusiasmo e euforia, uma vez que lida com crianças que estão comemorando seu aniversário ou dos seus coleguinhas. A quase todas as pessoas com quem cruzamos no shopping Rafa perguntava se camarão era remoso, relatando o prato do nosso almoço⁵⁵. Isso aconteceu com suas colegas de trabalho, que blasfemavam contra Rafa como que em gracejo, pelo fato de não considerá-lo exatamente doente a ponto de ser justo que se ausentasse do serviço.

Havia também outra razão para o praguejar das meninas: a ausência de Rafa implicava em mais trabalho para elas, que teriam de dar conta de todas as atividades com o desfalque de uma pessoa. Enquanto Rafa encontrava a gerente da loja para entregá-la o atestado, fui conhecer o espaço das festas, onde suas colegas tentavam compor um cacho com balões de soprar.

Tanto eu quanto as colegas que Rafa encontrou no shopping antes de dirigirmo-nos à loja em que trabalha, recomendamos que ele ocultasse um pouco a descomedida alegria esbanjada na sua face quando fosse entregar o atestado a seu “superior”, ainda que o documento

⁵⁵ Só depois de almoçarmos Rafa se deu conta de que o cardápio que havíamos escolhido podia prejudicar sua recuperação, porque o prato tinha camarão como ingrediente principal e camarão é considerado uma comida remosa, que pode inflamar o local que sofreu intervenção cirúrgica.

fizesse menção a repouso pós-cirúrgico e não a uma enfermidade propriamente. Ao subirmos a escada para o piso em que ele trabalha, eis que ele respira fundo, coloca seus óculos escuros e me lança um olhar como quem quer mostrar que sabe fazer a linha doente.

Mas ao descer os degraus, já após a entrega do atestado médico, disse em tom jocoso às colegas de trabalho, para fazer-lhes raiva, que no sábado estaria na praia da Barra sendo escaldado pelo sol. Elas riram, praguejaram uma vez mais contra o suposto impostor (“*viado malvado!*”), mas recomendaram cautela, alegando que o sol poderia prejudicar sua recuperação. Rafa disse:

“Oxe, é bom piorar, que aí volto na doutora e peço outro atestado a ela. Eu senti vontade de dar um beijo de sangue na boca da dentista!”

“Eca, que horror”, disseram as meninas.

Ao deixarmos a loja de games finalmente encontramos o bendito colega de trabalho por quem Rafa nutre forte desejo. Não lhe achei exatamente bonito, mas tampouco o achei feio. Foi só quando ele levantou a camisa para mostrar a Rafa a grande tatuagem feita recentemente no abdômen que me senti algo atraído por ele, a quem fui apresentado da seguinte forma: *“Meu amigo é crânio, faz UFBA.”*

Sáímos por uma das portas que dá acesso ao estacionamento do shopping para eles fumarem um baseado. Naquele fim de tarde de clima formidável subíamos as largas rampas pelas quais passam os automóveis. O movimento parecia pouco intenso. Seu amigo ofereceu-me um cigarro de maconha que revezavam entre eles e eu recusei. Ele pediu desculpas. Com receio de parecer careta, nerd ou algo que o valha, disse que já fumei muito mas atualmente, em virtude da “onda bater errada”, já não fumava.

Lá de cima víamos de um lado o Horto Bela Vista, novo bairro nobre planejado da cidade e do outro lado o Pernambués, bairro de moradias precárias. Seu amigo foi o primeiro a comentar sobre a manifesta desigualdade de condições de vida da população, evocando a recorrente dicotomia orla/asfalto *versus* favela. Comentamos que aqueles alvos e lustrosos condomínios residenciais pareciam ter sido projetados com a intenção de que os moradores necessitassem sair o mínimo possível da redoma: conta-se com piscina, academia, entre outros equipamentos modernos.

Acho que Rafa tinha a seu favor o auxílio da maconha para dar conta da correria do trabalho, mesmo que recentemente tenha comentado sobre sua vontade de, em virtude dos

estudos, deixar de fumar. Ele acredita que a droga dificulta sua concentração e a apreensão do conteúdo, podendo a curto ou a longo prazo vir a prejudicá-lo. Porém, sempre que eu tentava aproveitar seus setenta e cinco minutos de intervalo no trabalho para conversarmos, Rafa queria, antes de mais nada, “*queimar um mato*” – metáfora para fumar um cigarro de maconha usada por ele no grupo do whatsapp em que se encontram suas amigas mais próximas.

O ponto do desejo de Rafa em deixar de fumar é interessante pois revela que para ele não basta apenas contar com recursos educacionais de qualidade, mas trilhar um caminho que considera exitoso depende também de certo trabalho sobre si. Esse é um dos pontos para que chama atenção François de Singly ao discutir a teoria bourdieusiana da educação a partir da metáfora dos “herdeiros”. Segundo Singly (2007) devemos nos acautelar ao pensarmos a rica analogia entre herança econômica e herança cultural, a fim de que não automatizarmos aquilo que na verdade, para se concretizar, depende de um árduo trabalho dos sujeitos. Em um mundo de grande competição escolar não se pode:

vencer o concurso sem muito investimento pessoal. Uma leitura “moral” (próxima à denúncia de privilégios) dos termos da herança tende a ocultar a transformação do capital de origem em capital pessoal exige também um trabalho específico. Não se adquire capital cultural dormindo ou comendo (...). Se os livros da biblioteca familiar não são abertos, eles perdem sua eficácia. Os jovens que se beneficiam de tal meio devem, se quiserem “herdar”, consagrar o tempo necessário a essa atividade e sacrificar outras (...) (SINGLY, 2007, p. 33-4)

Certa feita nos dirigimos a uma das saídas do shopping (não a principal) e uma colega de trabalho que estava conosco perguntou-lhe: “*Tu não disse que não ia mais fumar?*”. Rafa explicou-me que estava tendo problemas com os seguranças do shopping por conta disso. Entretanto deve ter conseguido contorná-los, pois é habitual enviar fotos feitas nos arredores do shopping para o tal grupo de mensagens instantâneas, geralmente munido de óculos escuros, com o rosto embaçado de fumaça, sinalizando para as amigas estar de boa. “*Amigas esto zen*”, dizia uma das legendas. As garotas, que celebram as fotos, vez ou outra também enviam imagens nesse espírito, e quase sempre, além da celebração, alguém que está desprovido de maconha no momento manifesta certa inveja bem-humorada, ou então o assunto é direcionado para “*e aí, quando vamo botar fogo na Babilônia?*”

A colega que em tom de cobrança lhe perguntou se ele não mais iria deixar de fumar ela estava de sandália de dedo. Fiquei curioso e perguntei se era permitido trabalhar de sandália, e

ela me respondeu que na verdade não, mas que estava tentando ser demitida. Poucos meses depois soube que alguns colegas de Rafa foram demitidos, sob alegação da crise econômica enfrentada pelo país, mas que sua colega permanece no quadro de funcionários.

Enquanto lanchávamos na praça de alimentação do shopping ela explicou que já estava cheia daquele trabalho, que cansou de ser humilhada “lá dentro”, e narrou um dos episódios em que uma das muitas clientes arrogantes que frequentam a loja de jogos se incomodou com o tratamento dispensado por ela a seu filho e disse que a funcionária, responsável pela venda de fichas no balcão, o estava tratando “daquela maneira” por ele ser branco (sendo que a jovem é negra), supondo algo como uma discriminação às avessas. Diferente dela, Rafa afirmou não se deixar abalar, costumando devolver agressões com ironia e sarcasmo, bem à sua maneira de fazer-se altivo ante às intempéries e adversidades, resistindo à experiência de vergonha, que se vivencia como “uma espécie de rebaixamento do sentimento do próprio valor” (HONNETH, 2003, p. 222-3).

3.2. Consumido e consumindo

O shopping não faz parte do itinerário de Rafa apenas na condição de empregado, mas outrossim como consumidor – o que pode figurar como uma espécie de compensação por submeter-se a um trabalho que o ocupa de domingo a domingo. Também na pesquisa de Lobato (2011) com jovens da periferia é a partir do ingresso no mercado de trabalho que estes circulam para além do território em que residem, “realizando maior investimento financeiro em suas práticas de lazer” (LOBATO, 2011, p. 92). Estive deste modo em shoppings com Rafa em outras ocasiões, além das visitas nos seus corredos intervalos. No dia do seu aniversário de vinte e dois anos, um domingo que coincidiu com a sua folga, fui convidado por ele para comermos uma pizza no Shopping Barra. Ele aproveitaria a ocasião para me apresentar seu novo namorado.

A morte trágica de Anderson combinou com o momento em que, pela primeira vez, Rafa namorava um homossexual. “*Resolvi me dar uma chance de ser feliz*”. À época, porém, Rafa queixava-se do excesso de “grude” desse rapaz, que não lhe dava sossego. De fato, nas vezes em que estivemos juntos quando ele o namorava, foram incontáveis as ligações do rapaz para dizer nada a Rafa, ou para ficar reclamando atenção – quando não era eu próprio o foco do ciúme.

O intervalo de tempo entre uma ligação e outra era ínfimo, de modo que se eu não estivesse presente acharia um exagero de Rafa seu relato sobre a “hiperpresença” do namorado. Enquanto eu o achava simplesmente um chato, Rafa andava, e com razão, muito impaciente e aborrecido, e para mim ficou claro que aquilo não poderia durar. Revelando-se, a cada ligação ou alarme no whatsapp, importunado com o seu comportamento excessivo, a única observação que teceu sobre o rapaz, além de ele ser “somente passivo”, era de que não gostava dos seus amigos, que se tratavam no feminino (“*amiga*”) – o que tampouco agradava Rafa.

O recorrente elogio à versatilidade por parte de Rafa, desde quando o conheci, “pode ser interpretada como uma menor fixação dos papéis sexuais” (MONTEIRO; VARGAS; CECCHETTO, 2008, p. 8), optando deliberadamente pela *permeabilidade como marca identitária*. Neste sentido, suspeito que gabar-se por ser versátil diga respeito, para além dos meandros sexuais, a uma certa conduta de vida, sobretudo de uma vida com planos aparentemente vagos e trilhas imprecisas, para as quais definições estanques podem implicar em constrangimentos e limitações, estreitando ainda mais aquilo que já não parece tão largo⁵⁶.

Em vez disso, lança-se mão de um senso de oportunidade, um “jogo de cintura” apriorístico que garanta o próprio movimento e inserção do sujeito. Talvez seja a assunção desta postura que tenha permitido que Rafa cortasse o cabelo para ingressar no mercado de trabalho, mostrando ao mundo que pode mudar. E, mais que isso: que é desejável mudar, como sugere a legenda exclamativa e o tom afirmativo na foto que postou no facebook ao despedir-se das madeixas: “*Mudar um pouco o visual!!!*”. Novo visual que, como veremos, lhe ofereceu oportunidades para mais além do mercado de trabalho formal.

No plano sexual parece a Rafa pouco inteligente fixar de antemão uma posição na topografia da interação erótica. É com “*negro, versátil, sem restrições à idade*” que ele anuncia seus serviços sexuais. Rafa relata que seu desempenho surpreende os clientes, contando que certa feita em que fora melhor remunerado do que o combinado inicialmente. Nesta ocasião o cliente queria levá-lo a um motelzinho barato ao lado da Madeireira Brotas, na entrada de Pernambués, um bairro popular de Salvador. Rafa recusou-se, até o cliente se convencer a pagar algum motel com mais requinte.

É também sendo versátil que Rafa enreda-se em relações interclasse e interracialis, como quando pegou um jovem branquinho morador do Itaigara, cujo pai, engenheiro e oriundo de São Paulo, veio trabalhar em Salvador. Rafa foi ao seu apartamento e concluiu que se o rapaz

⁵⁶ Como argumenta Unger no prefácio à obra *Os batalhadores brasileiros*, de Jessé Souza, “para muitos membros dessa ralé [brasileira], a vida parece bloqueada” (UNGER, 2015, p. 10), privada de esperança (MARTINS, 1997).

ficou mais de uma vez com ele significa que gostou do “produto”, pois imagina que o jovem já deve ter ido várias vezes a motéis de luxo como o Del Rey, algo que Rafa está longe de poder proporcionar.

A partir da trajetória de dois jovens negros homossexuais da periferia carioca, Moutinho (2006) desmonta certas presunções ao observar como, via mediação do estereótipo de que uma pessoa de cor é *dotada* de uma performance sexual mais ostensiva – o que convertia esses jovens em objeto de desejo pelos gringos, por exemplo – eles conseguiam, muito mais do que mulheres, homens heterossexuais, lésbicas e travestis dos mesmos locais em que residiam, atravessar as linhas de classe da “Cidade Maravilhosa”.

Eles podiam valer-se, assim, dos horizontes e campos de possibilidades abertos pelas características que faziam-lhe subalternos e ampliar seu leque de experiências, agregando seus capitais cultural, econômico e social. Porém sinto falta no trabalho de Moutinho (2006) de uma descrição mais apurada da performance de gênero dos dois negros em cujas trajetórias ela se debruça. Isso porque há certo consenso de que “a posição dos negros que não se encaixam na figura do ‘negão’ [viril] seria a mais desvantajosa possível” (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010, p. 55-6), como se não houvesse lugar para estes no mercado sexual.

Rafa parece lançar mão nos seus anúncios, ainda que em uma variante gay, do que Osmundo Pinho (2015) vem considerando a versão periférica do antirracismo, que tenha talvez como expressão máxima uma icônica página do facebook intitulada *Pretinho do Poder*, que contava com mais de 7 milhões e meio de *likes*. O poder do pretinho seria justamente o poder sexual, subvertendo a potência estigmatizante do sexo e convertendo-a em trunfo, na própria avenida de emancipação dos jovens negros, como perspicazmente analisa Pinho, e como igualmente o faz Moutinho.

Sua gestualidade⁵⁷, isto é, o modo em que portava seu corpo e se apresentava ao mundo, seguia “afetada” entre amigos, com sua afilada face a sacudir mas já sem madeixas para acompanhar tais movimentos. Era distintivo na apresentação emergente de Rafa o relógio grande e dourado que ele usava. Distintivo porque era um acessório convencionalmente associado aos homens, e porque lembrei-me da descrição que tinha feito no meu caderno de campo quando o conheci: “ele usava um anel grande e feminino e um brinco em cada orelha com um olho grego. O pingente da sua corrente era um coração, também com um olho grego

⁵⁷ Como tenho observado, o repertório gestual (o que se chama “jeito”) é relevante “no processo de construção e percepção de si e do outro” (OLIVEIRA, 2006, p. 3). A avaliação destes gestos é um dos elementos que implicam na produção e reconhecimento das categorias generificadas “travesti”, “bicha”, etc. (OLIVEIRA, 2006).

no centro”. Vez ou outra, quando saíamos à noite, Rafa carregava um estojo desbotado cor-de-rosa, no qual guardava seus pertences (dinheiro, documento, celular).

Rafa já não tinha grandes madeixas, nem usava anel, brincos, muito menos pingente de coração com olho grego, nem tampouco estojo rosa. Agora Rafa quase não possuía cabelo, usava um imenso e lustroso relógio, que parecia masculinizar o seu corpo, e uma mochila preta nas costas. Estava em curso um processo de desfeminização, que contava com o recurso de um estimulante de apetite que lhe *“dava muita fome”*. Porém em poucos meses Rafa abandonou o *Buclina*, nome comercial do medicamento que estava consumindo – remédio que eu já tinha ouvido falar através de algumas amigas trans que faziam uso dele. Rafa interrompeu o consumo da substância ao perceber que as formas que o seu corpo estava ganhando, sobretudo os quadris, o feminilizava.

Apesar de admitir que quando tinha cabelo grande *“saía”* mais – isto é, fazia mais programa – foi com o cabelo em corte militar que ele, que *“nunca tinha saído da Bahia”*, começou a viajar, a ser contratado por homens que vivem em outras cidades. Hoje ele atribui a transformação não mais como um imperativo, um determinante para conseguir um emprego, mas a *“uma vontade de mudar meu estilo, de querer saber como é se comportar, estar como um homem. O que poderia me propor? Assim que eu mudei, o que foi me propor? Viajei. Comecei a viajar. Porque pessoas não gosta de contratar garoto de programa muito afeminado, porque, pra eles, eles pode achar qualquer afeminadinho desse... Na rua. Num é? (...) Mas eles querem uma pessoa... Sigilosa. Eles querem ficar deitando com um Homem... Maacho”*.

O fato da época em que tinha cabelo grande ser de mais bonança na prostituição estaria relacionada para ele não à preferência dos clientes por meninos afeminados, mas à crise econômica por que atravessa o país. *“Os clientes, eles vieram sumir a partir da crise pra cá. Realmente. A crise abalou a prostituição. Em cheio! A prostituição era tipo a sobremesa, nera? Nera obrigatório? Quem tem, tinha; você fazia questão, agora você não faz! Agora cê não faz porque o prato tá caro, e cê não vai querer comer sobremesa. Que é que cê vai fazer? Cê vai pegar o seu petisco de casa e vai comer. (...) Eu já tive cliente que falou pa mim ‘eu não tou mais podendo ter gasto desnecessário’. Eu era um gasto desnecessário!”*

Rafa, que afirmou *“porque normalmente eu percebi que num me encaixo muito com o perfil... afeminado. (...) Sendo que eu já ganhei muito dinheiro com isso, mas eu não me encaixo”*, mostrou-me, ao mimetizar como se porta ante os clientes, que masculiniza seus gestos quando com estes. Essa remodelação gestual foi fundamental para que Rafa conquistasse

espaço no – não menos concorrido – mercado do sexo. Talvez a sentença seguinte sintetize bem o modo como se autopolicia ao se relacionar com os homens: *“eu só vou ter uma postura normal. (...) Paro de ficar muito... Falando com gesto. Prendo mais as minhas mãos.”*

Ainda assim, ele reconhece que essa remodelação nunca é completa, que há algo de recalitrância no seu corpo, algo que escapa do seu controle, costumando advertir os clientes: *“Eu não sou totalmente duro. Mas eu me comporto.” Não tem porque eu estar quebrando a mão, e nem gritando, algazarra, fe-chando no mei da rua. Não precisa. (...) Como eu vejo aqui no Rio Vermelho mermo: ‘Viaaaaado’ [refere-se a vocativo utilizado entre amigos]. Não faça isso comigo... Não faça, não, amor, por favor. O único animal que tem aqui é você!”*. Rindose, ao narrar em seguida um episódio em que estava acompanhado de um namorado para quem *“fazia a linha ativo”* e ser surpreendido por um amigo o chamando por *“viaaaaado”*, sinalizou o constrangimento que sentiu, denotando que amizade com *“viado”* põe em risco a gestão que faz da sua imagem. Observemos como as emoções de vergonha e repulsa possuem suas raízes antes de mais em um interesse prático (SCHUTZ, 2012).

Retomando ao assunto do seu primeiro namorado grudento, encontrei Rafa casualmente em uma lanchonete no Rio Vermelho; ele estava de folga. Como eu estava acompanhado por alguns amigos, e ele por sua amiga Milena, combinamos de trocar uns dois dedos de prosa depois que eles recebessem o pedido que fizeram ao garçom. Assim, quando já estavam prestes a deixar a lanchonete, eles pintaram na nossa mesa – minha e dos meus amigos. Rafa já conhecia dois desses meus amigos, lhes cumprimentou e disse em seguida: *“Ai, Maycon: a única pessoa que me faz sentir importante”*. A fim de que o fluxo da conversa da nossa mesa não fosse interrompido, e para que Rafa pudesse se sentir mais à vontade, desloquei a minha cadeira e puxei mais duas, de modo que pudéssemos nem estar exatamente afastados do meu grupo mas também nem tão próximos assim.

Milena, sua amiga, que trabalha em uma pequena pizzaria no Rio Vermelho, estava com uma embalagem de presente da grife Calvin Klein. Sempre muito curioso, claro que não furtei-me de perguntar do que se tratava. Embora não tivéssemos intimidade, ela não demonstrou qualquer desconforto com a pergunta, dizendo-me que a sandália de dedo da Calvin Klein era para o seu namorado. Ainda não satisfeito, perguntei-lhe o valor e ela me respondeu que custara oitenta reais.

A verdade é que ela estava com uma fisionomia visivelmente indisposta, abatida pelo cansaço, porém Rafa pediu-lhe que aguardasse um pouco, que logo iriam para casa, mas como

havia alguns dias que não me encontrava, precisava me “colocar em dia” sobre algumas coisas. Mesmo que não parecesse feliz com a situação, balançando repetidamente as pernas com certa impaciência – até porque os fatos que escutava já deviam ser do seu conhecimento –, atendeu ao pedido do amigo. Rafa finalmente havia terminado o relacionamento com o jovem carente, que entretanto o estava ameaçando – conforme me mostrou suas mensagens no whatsapp.

Em meio àquela profusão de queixas, acusações de traição e de sentimento de decepção e agressões verbais, mas também a mensagens e fotos eróticas (*nudes*), e mesmo à declaração da saudade que já se precipitava no coração do jovem com relação à pica de Rafa, o rapaz deixava clara sua disposição em transformar a vida do ex-amante em um inferno: em persegui-lo e vingar-se. Segundo Rafa, que cogitava a possibilidade de ser vítima de algum feitiço, dado que o jovem era pai-de-santo, sua principal preocupação passava longe da magia.

Ele havia furtado um urso de pelúcia no seu local de trabalho, o qual estava disposto em uma dessas máquinas em que o jogador, após depositar uma ficha, tenta capturar o objeto com a garra de metal que obedece aos comandos acionados na máquina pelo jogador. De acordo com Rafa, aliás, “*quase nunca alguém consegue [capturar um bichinho]*”. Eis que o afável ursinho, deslocado do contexto de romantismo com que fora dado de presente ao seu então namorado, converteu-se em mediador de uma ameaça, a qual consistia em ir até a empresa em que Rafa trabalha e “desmascará-lo” para a sua patroa, apresentando-lhe o tal urso e mostrando a ela que, além de viado (e maconheiro – acrescentava), ele também era ladrão.

Ora, Rafa precisava do emprego, e estava muito aflito diante da ameaça do rapaz. Pensou em ir até a residência do seu ex-namorado entregar um dinheiro que lhe havia prometido emprestar (na verdade, o daria, assim como já havia deixado para trás outra quantia que o emprestara) e tomar o urso de volta, a fim de evitar possíveis chantagens. Antes de decidir afinal o que faria ao certo, pediu que eu e Milena o aconselhássemos. Para nós estava claro que o rapaz estava apenas tentando assustá-lo e que não levaria adiante sua ameaça – apostamos, em meio ao surto obsessivo do jovem, em algum resquício de sensatez. Rafa seguiu nossas recomendações e assim aconteceu, não precisando sequer bloqueá-lo no whatsapp para não mais receber suas mensagens.

Poucos dias depois era o aniversário de Rafa. Na dúvida do que lhe daria de presente, lembrei-me que comentei com ele uma vez sobre meu desejo em adquirir cuecas da marca Calvin Klein, símbolo de *status* entre gays. Ele me havia dito que conhecia um amigo que vendia peças originais desta grife a preços mais baratos do que aqueles do mercado, e que

gostaria de comprar. Receei, entretanto, em dar-lhe esta cueca de presente porque, em razão do prestígio que eu gozava com Rafa, poderia lhe influenciar com algo que não considero exatamente positivo, suscitando uma carga de identidade gay muito atrelada ao consumo – para mim, aliás, a cueca é emblemática neste sentido. Eu próprio não tenho camisetas ou calças de grife, mas tenho uma cueca. O porquê disso não saberia explicar com precisão, mas intuo que tenha relação com uma adesão minha, ainda que parcial, a certa identidade gay mais *mainstream* por assim dizer. Acredito que essa adesão seja estimulada pela cultura visual engendrada nos aplicativos de pegação ao circular fotos dos corpos neles disponíveis – corpos estes, que, não raro, vestem a marca, tornando-se modelos amadores, anônimos e gratuitos da mesma.

Após refletir sobre a presença da cueca no meu armário, e chegar à conclusão de que ele gostaria do presente, comprei-lhe a tal cueca. Optei pela cor branca a fim de contrastar com o tom da sua pele – contraste que particularmente admiro. Ele adorou o presente; tanto que a tal da cueca já apareceu algumas vezes no seu facebook, sendo que em uma delas, utilizada como uma sunga na praia, foi usada por Rafa como foto principal do perfil. Ao abrir a embalagem, disse-me em tom bem humorado: *“Amigo, lembrei quando você disse que todo gay que se preze tem uma cueca Calvin Klein”*.

No momento confesso ter ficado muito envergonhado de mim mesmo por ter pronunciado esta frase, a qual provavelmente disse em tom jocoso, mas que, até por ter comprado recentemente uma para mim, fez parecer que levo a sério tal assertiva. Fiquei passado, sem ação, até porque não me recordava de ter pronunciado isso, e confesso ter-me sentido algo culpado e levemente entristecido naquele momento. Encarei a sentença com gravidade. Ao mesmo tempo a situação alertou-me para o cuidado com o que dizemos em campo, em razão da relação de poder inerente às interações e vínculos que estabelecemos. Nós também, como de resto em qualquer interação, estamos sendo observados. Em todas elas, sempre a variar de onde e de quem é o nosso interlocutor, medimos as nossas palavras. Mas é certo que este “traquejo social” não diz respeito exatamente a um cálculo, quer dizer, trata-se de algo quase automatizado, e por isso mesmo não é possível estar sempre atento ou ter controle sobre as possíveis consequências do que é dito, produzido. A etnografia, enquanto busca o sujeito em sua prática da forma mais “natural” possível, mesmo que, lembrando Goffman (1995), o que parece mais natural jamais escapa à teatralização, também põe o pesquisador em tais condições, sobretudo quando se cria um vínculo afetivo e de amizade com o seu colaborador.

Já sentados à mesa na praça de alimentação do Shopping Barra, quando Rafa foi ao banheiro aproveitei para perguntar às suas amigas (uma delas, Milena) se também elas têm vontade de fazer faculdade. Milena respondeu: “*Ai, nem fale, Rafa aperta minha mente com isso, vive dizendo que a gente tem que fazer uma faculdade, que não sei o quê*”. Pelo tom e teor do que disse, reconhece as boas intenções e razão de Rafa em incentivá-la, o que faz senti-la pressionada, como algo que depende de um planejamento e engajamento prático com que não se mostra disposta. A outra amiga disse que, além de Rafa, é cobrada por seu irmão, que atualmente cursa um doutorado em agronomia.

Ao voltar do banheiro, Rafa mostrou-me sua novidade: um aparelho *iPhone*. Boquiaberto, sorri e disse:

“*Não acredito!*”

“*Pois é, resolvi me dar de presente de aniversário.*”

“*Oh, você merece!*”

“*Mas também, meu filho, dividi em oito vezes de R\$318!*”

Naquele momento entendi que o projeto de independência residencial havia por ora sido deixado de lado, uma vez que Rafa ganha pouco mais de R\$1000 por mês e acabara por sacrificar por oito meses cerca de 1/3 do seu salário. Como um restaurante que parece fino (e caro) demais e por isso você não se arrisca sequer a entrar e pedir o cardápio, apenas imaginava que o *iPhone* era caro, mas não tão caro, pois, neste senso de que “*não é pra mim*”, nunca cheguei a pesquisar seu preço. Assim, foi através de Rafa que tive conhecimento do valor de mercado do produto, embora já tivesse bastante noção do seu apelo – do qual não estou alheio.

Eu realmente não sei se Rafa em algum momento compartilhou deste senso de que um *iPhone* não era para ele, mas, ao menos na condição de proletário/assalariado, eu arriscaria dizer que não, pois enquanto priorizo fazer aquisições outras (como livros, por exemplo), há interesse por parte de Rafa – diferente de mim –, em produtos de grife: como perfume, relógio, celular, ou peças de vestuário. Intencionalmente ou não, o fato é que tais aquisições parecem (e aqui interesse-me mais pelos efeitos produzidos por suas ações do que propriamente pelas intenções do ator) subverter suas privações econômicas, desestabilizando, ainda que pontualmente, uma associação histórica entre pobreza e escassez material e raça e pobreza (MIZRAHI, 2015).

E talvez por isso seja importante dedicar algumas linhas para pensarmos a aquisição do *iPhone*. Abro parênteses, contudo, para reconhecer, já revelando um incômodo que senti ao

revisar o meu texto, que o etnógrafo desaparece nas linhas que seguem. Isto se dá pois acredito não ter facultado a possibilidade a Rafa de falar acerca de sua própria experiência, talvez a reduzindo – não sem o risco de fragilizar as interpretações que ofereço – como que a um pretexto para estabelecer certa discussão teórica, pelo que espero não maltratar em demasia o leitor com a mesma.

Pois bem, quem lhe vê com um *iPhone* saberá ou levará em conta em quantas parcelas o pagamento fora dividido? A quantidade de parcelas é um determinante de classe ou pessoas de estratos médios também o fazem? A compra é vista como audaciosa (“isso não é para ele”)? E quem a enxerga dessa forma?

Realmente não gostaria de tratar aqui a aquisição do *iPhone* por parte de Rafa, um rapaz pobre, como um problema, ou um absurdo a ser explicado, pois jamais estive ao lado daqueles que ficam abismados ao verem favelas cheias de casas com antenas de tevê por assinatura, por exemplo. Como afirmam Mary Douglas e Baron Isherwood (2013), os bens são hierarquizados e operam-se “juízos morais e sociais sobre os objetos de despesas” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 86), juízos que a meu ver recaem principalmente sobre pessoas de classes desfavorecidas⁵⁸.

Uma das premissas destes julgamentos repousam – para usar expressão de Douglas e Isherwood – em certo preconceito veterinário, inclusive sustentado por alguns economistas, que entendem, argumentam ironicamente os autores, que o que nos une ao gado é a comida e que, portanto, este é o bem a ser definido como necessário. É assim que concordam que “a comida é o que os pobres mais querem” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 148), de modo que “gastar em luxos é ligeiramente imoral” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 148).

Mas quem vai definir senão o próprio sujeito (envolto, evidentemente, nas suas redes), quais são necessidades de ordem básica, secundárias e quais lhe são indiferentes? São questões de valores – tudo bem, frase que a tudo pode ser aplicada e por isso perde sua potência pretensamente explicativa (mas que doravante incumbir-me-ei de qualificá-la). Quem tem recursos limitados – e quase todos temos, ainda que em diversas gradações – sempre precisa definir, com maior ou menor precisão, prioridades, operar recortes, selecionar.

Precisamos nos perguntar, por exemplo, o que significa para alguém aficionado por futebol, ter oportunidade de dispor de diversos canais que não estão habilitados ao acesso via tevê aberta. Ou, no caso de Rafa, uma pessoa que posta fotos diariamente em diversas redes

⁵⁸ Daniel Miller argumenta: “a devoção à indumentária (...) sempre foi encarada de modo muito mais severo, sobretudo em relação aos que não eram ricos” (MILLER, 2013, p. 25).

sociais online (facebook, *instagram*, etc.), o que significa ter um *iPhone*, cuja resolução da câmera frontal é uma das melhores do mercado para as *selfies* diárias por ele produzidas. Apontar para esse detalhe técnico levantado por Rafa ao fazermos uma *selfie* feliz no seu aniversário poderia nos levar a perguntar se então seria uma “mera” questão de funcionalidade. E logo perguntaríamos se haveria equipamentos com desempenhos tão excelentes como o *iPhone* e com um preço mais acessível, mas despido do investimento simbólico da maçãzinha mordida característica da *Apple*.

Definitivamente acho que isso não era uma questão para Rafa – arrisco dizer que era preciso *ser iPhone*. Um *iPhone* reúne tais funcionalidades e solidariza utilidade, estética, prestígio e distinção. Se a pedra de toque para avaliarmos o consumo é a *função* do objeto, sugiro que alarguemos e requalifiquemos o nosso entendimento sobre “função”, de modo que não a restrinjamos à instrumentalidade técnica do artefato tecnológico.

“O consumo começa onde termina o mercado”, asseveram Douglas e Isherwood (2013, p. 100). A uma antropologia do consumo interessaria pensar no que acontece “aos objetos materiais quando deixam o posto varejista e passam para as mãos dos consumidores finais” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 100), ou, em outras palavras, no “uso de posses materiais que está além do comércio” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 100).

Se concordarmos com os autores ao conceberem o consumo como atividade ritual, que produz sentido e estabelece marcações, e nos auxilia no processo de classificar pessoas e eventos, abandonaremos por definitivo a “linguagem corriqueira” que costuma associar consumo “a gastos inúteis e compulsões irracionais” (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 60). Tal associação desqualifica moral e intelectualmente o consumidor – influenciado pelas propagandas que incitariam “as massas a se lançarem irrefletidamente sobre os bens” (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 60).

As “tenebrosas” mãos do mercado que oferecem maçãs costumam seduzir inclusive a quem assim pensa (sobre o outro). Se entendermos que as mãos não se sustentam sozinhas, e que se o fizessem seriam acometidas por algo como uma lesão por esforços repetitivos, e portanto perderiam seu vigor em incitar, logo poderemos nos aventurar em uma leitura menos redutora sobre o consumo e mais razoável sobre o próprio consumidor, sua racionalidade, seu esquema interpretativo. De pronto podemos nos perguntar quão apelativa seria a aquisição de um *iPhone* sem a compulsória incitação ao mostrar-se na contemporaneidade, sem esse cotidiano extremamente midiaticizado, sem toda essa produção de imagens, sem a ávida

audiência a consumir a intimidade de outrem e sem essa “prioridade de atualização permanente” (SIBILIA, 2008, p. 116).

Pensemos em todos esses mediadores, tendões e ligaduras de tais mãos, em tudo o que é mobilizado para torna-las mais desenvoltas e habilidosas. Vivemos em um tempo em que cada vez menos estamos *offline*, e isso atravessa diferentes faixas geracionais (havendo certamente maior apelo para a juventude), bem como diversos estratos sociais, ainda que não de forma homogênea. Uma plataforma de comunicação em que consiste um smartphone abre um mundo.

Rafa trabalha no único shopping center da cidade de Salvador que atualmente disponibiliza acesso gratuito à internet (via wifi). Rafa não dispõe de um computador – seja notebook, seja desktop – na sua casa. Aliás, Rafa passa pelo menos cerca de 10 horas do seu dia fora de casa, durante seis dos sete dias da semana, isso para dizer o mínimo – quer dizer, da sua circulação para fins laborais. Dentre outras coisas, a partir do smartphone Rafa se comunica, através de diversas modalidades de linguagem (imagem, áudio, texto, audiovisual), com seus amigos (muitas vezes sem implicar em custos extras para tal, uma vez que em parte considerável do tempo utiliza a internet gratuita disponibilizada pelo shopping e o whatsapp), e interage também com potenciais parceiros sexuais.

Mas o que importa aqui é que não se trata de um smartphone qualquer. Nas suas costumeiras *selfies* em frente ao espelho, quer do banheiro chique do shopping, quer do elevador – muito provavelmente também do shopping (mas isso a foto não diz, exceto em uma delas onde ele aparece com um crachá pendurado no pescoço) – há uma outra “personagem”: o *iPhone*, que inaugura, sob o título de “iOS Photos⁵⁹”, um novo álbum no seu perfil de facebook. Considero também distintiva a quantidade de fotos feitas no elevador, que, ainda que seja um lugar de trânsito, e portanto breve, não é breve o bastante para que não reste tempo de fazer uma fotografia. Proliferam na rede fotos em automóveis de passeio (Rafa ainda não), com um *iPhone* diante do espelho, ou em elevadores... Mas não em ônibus coletivo, escadas ou demais cenários demasiado populares – o que sugere que “a lógica que rege a apropriação dos bens como objetos de distinção”, e aqui eu falaria não apenas de bens como de espaços, “não é a da satisfação de necessidades, mas sim a da (...) impossibilidade de que outros os possuam” (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 63).

⁵⁹ Vale destacar que o sistema operacional do *iPhone* identifica nas postagens de fotos no facebook, por exemplo, a origem de produção das mesmas, de modo que aqueles visualizam tais imagens, a depender de quão familiarizados estejam com as linguagens digitais, identificam que quem a postou possui um *iPhone*.

É fulcral, deste modo, atentarmos para a natureza das satisfações que a apropriação de determinado bem pode atender, e só o podemos fazê-lo se nos dispomos a pensar em toda a dinâmica na qual o objeto é inserido e que este, por sua vez, mobiliza. Duas características importantes do smartphone são sua versatilidade (além de celular, combina funções de computador) e sua portabilidade (JANSSON, 2014), de modo que o *iPhone* de Rafa o acompanha. Daniel Miller sugere que deixemos “de pensar em tecnologias da comunicação apenas como coisas, ou capacidades” e comecemos “a vê-las como análogas à arte da sedução: modos de nos fazer parecer atraentes para a pessoa com quem nos comunicamos” (MILLER, 2013, p. 170).

Me parece que o *iPhone* persiste sendo visto como um bem de camadas mais abastadas, como sugere uma página no facebook de críticos à “esquerda brasileira” intitulada “Socialista de *iPhone*”, página curtida por mais de 200 mil pessoas e cujo título consiste em uma ironia sustentada pela suposta contradição dos termos. As marcas dos produtos, pontua Featherstone, constituem em pistas usadas “no ato de classificar os outros” (FEATHERSTONE, 1995, p. 39), indícios que podem informar sobre seu “poder potencial, status e prestígio social” (FEATHERSTONE, 1995, p. 39). Entretanto, seria de fato o *iPhone* um indicador de classe? Bom, Mary Douglas e Baron Isherwood (2013) propõem, em substituição à distinção entre bens naturais (*básicos*) e bens espirituais (*acessórios, desnecessários ou frívolos*), carregada – conforme indicam os respectivos parênteses – por certa “nódoa moral” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 240), pensar em padrões de consumos.

Esses padrões seriam divididos em três gêneros: 1) pequena escala: alta proporção das despesas destinadas a alimentos; 2) média escala: proporção maior dos custos em tecnologia avançada; 3) larga escala: parcela substancial dos recursos financeiros dispendidos em informação. Reconhecendo que o primeiro gênero de consumo é definido pela renda, podemos deduzir que os outros dois variam segundo o capital cultural acumulado, não sendo dependentes, portanto, somente da variável renda. E, concluem os autores, se “em quase qualquer nível de renda encontraremos um conflito entre a compra de um novo bem durável, ou mesmo uma casa nova, e a manutenção de um certo padrão de serviços de informação”, este conflito nas classes mais favorecidas “será decidido pela preferência pela informação em relação à tecnologia” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 241). Seria este o padrão de consumo definidor destas classes. Segundo advogam, as pessoas que investem grande proporção dos seus recursos no conjunto de bens de informação, que podem ser entendidos

desde livros a cursos, possuem maior probabilidade de ganhos financeiros – pensando aqui na conversão de capital cultural em capital econômico.

Se os bens podem ser usados tanto como cercos quanto como pontes (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013), é compreensível que alguns homossexuais da periferia de São Paulo com quem Carvalho-Silva (2012) realizou sua pesquisa comprassem roupas de grife para escamotear o fato de que eram oriundos da favela. Se uma das regras de afiliação e afastamento de um grupo é dada pela aparência (CARVALHO-SILVA, 2012), importa investir em uma indumentária de grife, em smartphone da *Apple*.

Já afirmou Daniel Miller que “trecos importam. Sua presença ou ausência muitas vezes é a própria definição do que as pessoas experimentam como pobreza” (MILLER, 2013, p. 186). Sem longas madeixas, com grande relógio em punho, cueca *Calvin Klein* e *iPhone*, Rafa certamente já não parece “a cara da favela”. Além da corporeidade, também ela afetada pelo consumo, o próprio consumo se lhe parece o recurso mais à mão para distinguir-se dos seus vizinhos. Talvez tenha sido o maior investimento em um bem de consumo já feito por Rafa, e possivelmente a primeira oportunidade que efetivamente teve de fazê-lo.

Um tempo depois Rafa me disse, tratando a aquisição do *iPhone* como uma conquista pessoal (uma versão possível de superação), o quanto o desejou previamente. *iPhone? “Tudooo. A apple! Celular caro, normalmente pela classe mais... Pan! Que pode gastar tão caro num celular”*. E acrescenta: “*eu já tive cliente que falou: ‘eu não tenho condições de ter um iPhone, você tem. O plus!’*. *Aí eu falei: ‘você não teve condições porque você não quis. Porque tudo na vida é questão de querer. Você tem um carro. Né? Eu num tenho, não. E nem por isso eu acho que eu devo tomar seu carro’*”.

Muitas vezes em que juntos saímos eu paguei as contas, inclusive do almoço que mencionei, mas sobretudo das tantas cervejas que aqui e ali tomamos, muito embora nunca tenha sido um valor exorbitante, até por consumirmos mais através de ambulantes que propriamente em estabelecimentos comerciais. Algumas vezes que eu o convidava ele dizia-me estar sem dinheiro, e eu o pedia que não se preocupasse com isso, que ele era o meu convidado. Outras vezes eu simplesmente pagava e ele aceitava; ora, ele estava contribuindo decisivamente com o meu trabalho, sempre foi uma companhia agradável e vivia sem grana. Porém com o passar do tempo, finda a minha bolsa de mestrado e também a de um projeto de pesquisa para o qual trabalhei, enquanto meus recursos tornavam-se cada vez mais parcos, Rafa ingressava no circuito de consumo. Recentemente, inclusive, me disse que em março tirará férias, e me propôs fazermos uma viagem, irmos a alguma praia, hospedar-nos numa pousada...

Foi marcante uma das vezes em que fui encontrá-lo durante o intervalo do seu turno de trabalho no shopping, momento em que ele aproveita para fumar um baseado e fazer um lanche. Ofereceu-me um sanduíche, eu lhe agradei e disse que estava sem fome, mas ele percebeu que a minha suposta saciedade encobria falta de dinheiro, e insistiu em pagar para mim. Era início de mês e antes de nos dirigirmos à praça de alimentação passamos em um caixa eletrônico para que ele, eufórico em virtude do dinheiro “já ter caído [na sua conta bancária]” sacar parte do ordenado. Embora constrangido, pois não queria que Rafa gastasse seu suado dinheiro comigo, percebi que era importante para sua autoestima a possibilidade de pagar o lanche para mim: “Oxe, faço questão, amigo, nunca paguei nada pra você!”. Eu não podia recusar; é chover no molhado dizer que àquela altura a nossa relação extrapolava uma relação entre antropólogo e colaborador, e em uma relação de amizade operam-se dons e contradons, que obviamente não se limitam a transferências financeiras.

Mas não deixava de ser irônico ele pagar algo para mim, uma vez que, ainda que Rafa naquele momento dispusesse de um dinheiro que eu não tinha, não estávamos em pé de igualdade. É certo, entretanto, que aquela ocasião foi gratificante para ele, até pelo fato de que, em tese, eu contava com um poder aquisitivo maior. Estar naquele momento sem dinheiro significava que a minha família podia assegurar meu tempo “liberado da necessidade econômica (...) (tempo que pode ser avaliado como tempo em que se deixa de ganhar)” (BOURDIEU, 2010, p. 76). Essa relação com o tempo seria, para Jessé Souza, o que define a “verdadeira” classe média, que não experimenta a “necessidade de trabalho que se impõe desde cedo, paralelamente ao estudo, o qual deixa de ser percebido como atividade principal e única responsabilidade dos mais jovens” (SOUZA, 2012, p. 51). O privilégio da escolha, da opção de poder esperar (para só doravante fazer dinheiro), é uma decisão que demonstra a importância creditada ao futuro, que por sua vez não permite ser atropelado pelas urgências do presente. O futuro, conclui Souza, “é privilégio dessas classes e não um recurso universal” (SOUZA, 2012, p. 52).

Quando deixamos o shopping no dia do seu aniversário em direção ao ponto de ônibus, eu e Rafa estávamos alguns passos à frente do seu namorado e amigas, o que nos permitiu conversar de modo mais reservado. Rafa então comentou que estava caminhando no shopping de mãos dadas com o então namorado e que, diferente do “ex”, por quem agora nutria certo rechaço, não tinha vergonha dele, pois aquele, sim, “é apresentável, sabe apreciar as coisas boas”. Explicando-me em seguida o que queria dizer com isso, contou-me, já na presença dos demais, que na semana que passou o casal foi a um bar em frente ao Farol da Barra:

“O preço é ótimo, amigo! Eles inauguraram por agora, então tá em promoção. Uma pizza e dois chopps por trinta e cinco reais!”, disse-me como que recomendando o local.

“É, mas não aceita cartão [de crédito], lá é só no dinheiro”, advertiu-me o namorado.

Lembro-me novamente do trabalho de Guimarães (2004) em que seu interlocutor traça uma diferença entre o *homossexual* e a *bicha*. Enquanto o primeiro é “chique” e está associado à “apreciação de coisas boas” – o que na rede estudada pela autora refere-se ao gosto por arte e culinária –, a bicha é extravagante, excessiva, vulgar, e encarna por si só o “anti-requinte” (GUIMARÃES, 2004, p. 99)⁶⁰. Para Rafa, isso implica em alguém não apresentável, com quem não é possível (seja pela condição econômica, seja pelo *mau gosto*, ou ainda pela interseção entre ambos) desfrutar de bens simbólicos de lazer.

Depois de Anderson, Rafa teve um, dois, três, quatro namorados. Todos eles gays assumidos, o que parece implicar em uma adesão à identidade homossexual cujo princípio supostamente difere da dicotomia ativo/passivo, homem/bicha (do modelo hierárquico). Com o terceiro namorado ele esteve pela primeira vez em um bar marcadamente gay, isto é, um equipamento de lazer identitário. Contudo, quando Rafa descrevia seus namorados eu não percebia aquilo que julgamos ou esperamos constituir como ingrediente fundamental em uma relação, principalmente no seu furor inicial: paixão.

Talvez eu estivesse sendo demasiado preconceituoso ao aplicar minhas próprias expectativas na avaliação dos relacionamentos alheios, que, evidentemente, podem ser motivados por diversos motivos. Mas o que me levava a questionar essas relações de Rafa era que eu podia observar seus olhos a vicejarem, suspiros arrancados, enfim toda uma aura de deslumbre, arrebatamento e desassossego ao referir-se a Lucas ou principalmente a Anderson, os novinhos periféricos – ainda que suas descrições pudessem ser mais iluminadas pelo fato de Rafa conhecer o meu gosto por esses jovens.

Mas eis que um dia comentei que ele não parecia apaixonado por esses namorados. E ele retrucou, como se de fato eu estivesse manejando um paradigma caduco ou equivocado: “*Que paixão, amigo?! Paixão tá enterrada*”. A chance de ser feliz a qual Rafa se referia talvez

⁶⁰ Um apontamento igualmente interessante em relação à diferença entre as duas categorias no estudo de Guimarães se dá no âmbito laboral, em que ela observa que as bichas têm ganhado prestígio em “ocupações tidas como estéticas (cabeleiros, costureiros, maquiadores, massagistas, depiladores, etc.)” (GUIMARÃES, 2004, p. 67), mas que nenhuma dessas, e não apenas por não disporem competência profissional para exercê-las, interessa aos homossexuais com os quais trabalhou.

pudesse ser compreendida como uma tentativa, não apenas de encontrar alguém muito romântico, como descrevera a si mesmo no nosso primeiro encontro, mas uma tentativa também de conformar-se a um padrão de relacionamento mais estável, seguro e aceitável – que se solidariza com seu próprio projeto de ascensão social.

Vou explicar. Em primeiro lugar ele estaria se relacionando com “iguais” (contrapondo-se ao modelo hierárquico), depois porque ele afastaria de si o estilo “moleque” por qual costuma nutrir desejo, se envolvendo com pessoas que “sabem [e podem] apreciar as coisas boas da vida”, como uma pizza e um chopp em frente ao Farol da Barra, e não o arrastando a aventuras com traficantes na Gamboa.

Em certo momento confesso que julguei razoáveis algumas queixas do seu namorado grudento, e, enquanto amigo, compartilhei minha opinião com Rafa, isso porque ele trabalhava de domingo a domingo e nem sempre aproveitava as folgas para estar com o namorado; priorizando, por exemplo, sair com as amigas. Eu argumentava: *“mas, Rafa, vocês vivem na mesma cidade, e por mais que você tenha uma agenda atribulada, é claro que um namorado vai se incomodar – se gosta e quer estar junto – em ver o outro apenas quinzenalmente”*.

Isso tudo me fazia crer que seus próprios relacionamentos eram tentativos, eram um projeto, que demandavam certo empenho de algo que não está dado, que não já não se convertera em hábito, com toda sua aparência de naturalidade, espontaneidade e automatização, porque acomodado.

Finalmente, todas as transformações por que Rafa passou, desde o seu próprio corpo a ser desfeminilizado, sua inserção no consumo, à toda uma mudança no seu padrão de relacionamento afetivo-sexual me faz crer que Rafa pouco a pouco construía-se enquanto homem gay, em oposição à categoria acusatória e vexatória de “bicha da favela”. Ele abandonava o protótipo que Peter Fry (1982) considera hierárquico e passava ao modelo da igualdade.

A hierarquia se dá pela relação bicha-bofe, onde o primeiro termo do par necessariamente assume uma posição passiva, isto é, de receptor anal no ato sexual, assimilando-se ao papel convencionalmente designado feminino, ao passo que o segundo, “o homem da relação”, não tem seu gênero perturbado, pois que assenhora-se do seu caráter masculino ao penetrar o parceiro – este, sim, um dissidente de gênero.

Lobato (2011) sustenta, todavia, que diversos estudos sobre sexualidades em favelas têm apresentado “elementos analíticos que escapam aos dualismos ali presentes [no sistema de

classificação proposto por Fry]” (LOBATO, 2011, p. 105)⁶¹. Neste trabalho, por exemplo, podemos notar como Rafa, ainda quando as principais relações amorosas que cultivava se aproximassem muito do modelo hierárquico, se identificava como versátil, não se conformando, assim, aos termos binários. A gramática da versatilidade parece muito mais comercial, transacional; uma gramática que negocia em contexto.

Júlio Assis Simões (2014), por outro lado, observa como o modelo pretensamente igualitário instaura uma nova hierarquia, cujos adeptos muitas vezes arrogam-se superiores cognitiva, ideológica e politicamente em relação ao mundo cindido entre “homens de verdade” e “bichas”. Enquanto um modelo oriundo primeiramente da medicina e da psicanálise e apropriado pelo moderno ativismo homossexual e pelas classes dominantes, as camadas médias urbanas – que figuram no topo da hierarquia sociocultural – este se autorreputa como um sistema de conhecimento mais coerente.

Crítica semelhante foi levantada por Leandro Oliveira (2006), que a introduz chamando atenção para o fato de que, a despeito do seu potencial heurístico, é preciso lembrar-nos que (e por isso a sugestão de cautela ao operar a comparação), antes das diferenças entre os sistemas classificatórios existirem “substancialmente”, estas são produzidas. E só o podem sê-lo por alguém que está não em lugar nenhum, mas situado na trama social. Deste modo, “a *bicha*”, ainda em nota de rodapé assevera Oliveira, “não é uma sobrevivência de eras arcaicas conservado por um trabalho social de reprodução de hierarquias de gênero: ela tão somente pode parecer assim aos olhos daqueles que se auto-identificam como ‘modernos’” (OLIVEIRA, 2006, p. 43).

Já Luís Felipe Rios (2004) questiona, de certa forma, se denominar igualitário um padrão de relações não termina por encobrir hierarquias. Uma boa ilustração para esse questionamento seria a partir da experiência de um de seus interlocutores, Fábio, que prefere homens de seu mesmo gênero para se relacionar sexualmente, descartando as bichas (os afeminados) enquanto parceiros. Uma leitura rápida poderia não se dar conta do fato de que tais preferências estão “no fulcro daquele mesmo padrão [hierárquico]” (RIOS, 2004, p. 137). Pergunto-me se a condição de emergência do modelo igualitário nesse caso específico não se daria às custas da anulação de (apenas) uma das partes do binômio que compõe o modelo hierárquico – qual seja, a bicha.

⁶¹ Luís Felipe Rios (2004), e.g., destaca a experiência de um colaborador da sua pesquisa que “continua a pautar as suas relações numa matização a meio caminho entre os dois modelos” (RIOS, 2004, p. 135).

Outro diálogo que Rios estabelece com Fry no seu trabalho – e que considero particularmente caro à presente dissertação – se dá a partir da sua observação de que há muito mais bichas fechativas entre os mais jovens do que entre os homens mais velhos. Tal constatação em campo conduz Rios à seguinte reflexão:

Faço então a seguinte questão: será que a mudança nas performances e gostos eróticos dos homens interpretada por Fry (1982a) como uma passagem da hierarquia à igualdade, não teria menos a ver com as mudanças sociais em processo, e mais a ver com o que é ou não permitido às categorias hierárquicas de idade? – volto a lembrar, na imbricação que idade realiza com o que é esperado em termos de gênero para os homens, e com implicações em relação ao acesso ao mercado de trabalho e também a outros espaços sociais (cf. também Birman, 1997) (RIOS, 2004, p. 134).

Já a reflexão com relação à categoria de idades esboçada por Brandão (2009) caminha em outra direção. Na sua pesquisa feitas com mulheres lésbicas nas cidades portuguesas do Porto e de Braga ela observa que “o apelo à transgressão das fronteiras de gênero, incluindo o elogio da estética andrógina, está ausente das narrativas das mulheres mais jovens” (BRANDÃO, 2009, p. 92). Ela conclui que, outrora, a masculinização do corpo da mulher era “parte de um código de identificação recíproca” (BRANDÃO, 2009, p. 92). Segunda ela:

critério fundamental de identificação, sobretudo em momentos e/ou espaços em que o homo-erotismo feminino se caracteriza pelo secretismo e pela invisibilidade (Faderman, 1992; Eves, 2004; Ponse, 1976), razão pela qual terá sido mais relevante para as mulheres mais velhas (BRANDÃO, 2009, p. 92).

Por outro lado, as mulheres mais jovens revelam menor “aderência” à comunidade LGBT, estando talvez próximas aos homossexuais com quem trabalhou Guimarães (2004), que, em vez de valorizarem a não conformidade de gênero – prezada quase como uma norma pelas mulheres mais velhas da pesquisa de Brandão – têm em mais alta consideração a indistinção ou assimilação entre héteros e homossexuais. Fazer frescura em bando é coisa do passado.

Seja como for, a mim parece que Rafa tem cada vez mais rejeitado os polos estancos da submissão e dominação, fabricando seu valor social e autoestima a partir da adesão e compromisso com uma identidade mais canônica (gay), que afina-se à fluidez da versatilidade e ao seu interesse em inserir-se em espaços e sociabilidades menos “favela”, galgando mobilidade social e espacial.

Se ser gay implica em corresponder a valores modernos (a “igualdade” sendo entendida como um deles), em oposição a valores tradicionais (hierárquicos), a modernidade na sua semântica de estar *à frente* e sobrepor-se ao passado, configurando-se enquanto um estágio superior e avançado, pode ser laboriosamente forjada com o uso dos objetos sociotécnicos que nela circula. Ser gay então bem pode valer-se do conhecimento (estar “antenado”) e apropriação das grifes em voga (EUGENIO, 2006), estampadas nas vitrines das metrópoles e dos grandes centros urbanos, os quais se opõem, por sua vez, ao sentido *falta* presente nas representações e imaginários sobre periferias.

Assim, inserir-se nos circuitos de consumo, seja comendo uma pizza na orla, seja fazendo-o na praça de alimentação de um shopping de bairro de nobre, seja hospedando-se em uma pousada numa viagem de férias para o litoral, ou adquirindo um *iPhone*, ou mesmo vestindo uma cueca *Calvin Klein*, e tanto melhor se puder combinar e “documentar” tudo isso, indexando tais acontecimentos ao seu perfil nas redes sociais online, é um modo viável de abandonar as margens e as práticas que as marcam e estabelecer clivagens entre mim e os meus vizinhos, relegados e *acomodados* com a penúria, o atraso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, “*Travestis: entre o ‘não sou’ e o ‘já fui’*” é exposto todo um movimento de Rafa ante a plasticidade do seu gênero, que por um lado o avizinha às travestis, e, por outro, às bichas da favela. A franca indeterminação em termos de gênero do seu corpo o posiciona nesta desconfortável zona de vizinhança, sendo reconhecida e significada por ele como um obstáculo ao seu projeto de vida. A pavimentação deste, por sua vez, carece de uma limpeza moral, de interposição de muralhas que venham a protegê-lo de tais cercanias. Se para já não é possível afastar-se residencialmente, estabelece estratégias para fazê-lo em outros termos.

E o primeiro recurso é o corpo, veículo de sua dramática travessia. O projeto de vida de Rafa não pode prescindir de um projeto corporal, de manipulação de sua materialidade e aparência. Uma série de estratificações (de gênero, sexualidade, classe e raça), muitas vezes reforçadas através de seus cruzamentos – como é o caso estudado –, operam-se “por meio de referências a características corporais” (KERNER, 2012, p. 46). Neste sentido, a bicha da favela, essa figura que carrega o estigma territorial no corpo em que se intersectam subordinações, ilumina os ajustes cosméticos a serem incorporados por Rafa. A bicha da favela seria exemplar de como “desvantagem econômica e desrespeito cultural [o que incluiria o gênero] estão entrelaçados e apoiando um ao outro” (FRASER, 2001, p. 246) e como sexualidade se produz mediante a classe. Em outras palavras, esses marcadores não são separáveis (BROWN, 2002).

Falo do corpo, mas não poderia deixar de tocar mais detidamente no cabelo. A trajetória de Rafa nos tem apontado como não é indiferente cultivá-lo, mantê-lo na cintura, no ombro, ou cortá-lo por completo. Bem poderíamos pegar carona no movimento assumido por suas madeixas – seja de crescimento, seja de esvaziamento – e permitir que a trajetória do seu cabelo recontasse a própria trajetória de Rafa. Isso porque o adensamento ou não desse cabelo parece se corresponder com certo senso de remodelação da pessoa, de modo que o corte de cabelo de Rafa pareceu também em alguma medida um corte em sua vida. De repente os fios de cabelo já não podiam enredar ou suportar, poderiam até mesmo embaraçar as direções que Rafa gostaria de seguir.

Se seus empregos no mercado de trabalho formal passam, o corpo de Rafa o garante, seja na condição de travesti ou de um gênero mais indeterminado, seja na condição de homossexual, um lugar, ainda que instável (sujeito, como aliás o mercado de trabalho formal,

aos períodos de recessão) no mercado do sexo. Entretanto para isso exige todo um trabalho na sua atuação gestual a fim de apresentar-se como um corpo masculino desejável. É o mesmo corpo que lhe serve de passaporte para um emprego no mercado de trabalho formal e para viajar e conhecer outras cidades como garoto de programa. Um passaporte que lhe habilita transitar por mais espaços na cidade e alhures.

No segundo capítulo, “Na favela”, Rafa apresenta onde mora, o *Lado B* – como designara certa feita a favela em sua página no facebook – a seu curioso amigo de outra classe (“*meio alternativo*”, como me considera), disposto, como seu amigo interlocutor, a circular por lugares *outros*, mas no caminho inverso, embora sem intenção em efetuar uma mobilidade descendente. Isso estava claro no seu corpo, passaporte que lhe concederia acesso seguro àquela “pesada” zona de relações raciais e de classe.

O que Rafa mais temia aconteceu: ele queria apresentar ao prezado camarada o Lado A da favela, mas a imprudência do amigo o conduziu ao que Rafa conclui como “a sua realidade”. Nua e crua. Doloroso mas produtivo na perspectiva do muito pouco desinteressado amigo, o temeroso episódio desencadeara uma série de narrativas sobre o Lado B do Lado B, ou aquilo que tantas vezes aparece, sobretudo nas diversas mídias, como o Lado A (predominante) do Lado B. Naquele momento estava novamente claro que, como afirma Patricia Birman, “as fronteiras das periferias estão longe de se constituírem por coordenadas somente ou primordialmente espaciais” (BIRMAN, 2013, p. 7).

No Lado B não encontravam-se apenas bichas da favela, drogados, vagabundos e bandidos, mas pessoas “com garra”, batalhadores que sobreviviam as adversidades e buscavam sua melhora. É assim que Rafa vê a si mesmo. Já não bastava, pois, opor-se apenas às bichas da favela, a própria experiência de Rafa lhe sinalizava a necessidade de mobilizar, pôr em uso outras categorias em circulação. Como argumenta Feltran:

Com o tempo, pude notar que para quem vive nos bairros que eu estudo é muito relevante marcar a distinção entre “quem mora nas casas” e “quem mora na favela”, embora a princípio não desse nenhuma importância a isso. Da mesma forma, hoje posso distinguir o que se quer dizer quando se diferencia “quem trabalha”, quem “tá trabalhando” e quem “não arruma serviço nenhum”; quem “estudou” e quem “não estudou”; quem “vem do norte” e quem “é de São Paulo mesmo”; quem “tem cabeça” e quem “não tem”; quem “é bem de vida” e quem “passa necessidade”; quem é “moreno” e quem é “branquinho”; quem “gosta de uma cachaça”, quem “tá na droga”, quem “é viado” etc. Se todas essas categorias não são bem compreensíveis para quem vive fora das periferias, ou têm ali sentidos diferentes, a marcação interna dos lugares e papéis sociais de indivíduos, famílias, grupos e territórios das

dinâmicas sociais que estudo depende delas. As relações entre essas clivagens, contextuais, mas não desprovidas de muitas regularidades, demonstra a complexidade dos diagramas de hierarquias, conflitos e associações nesses territórios, invariavelmente nomeadas – significadas – por esses marcadores (FELTRAN, 2010, p. 574).

Esses esquemas classificatórios – que fazem proliferar distinções – funcionam como uma bússola para a conduta das pessoas. No entendimento de Rafa, por exemplo, o consumo de drogas pode pôr em risco a autonomia pessoal, valor fundamental para a execução dos projetos de vida. O que une as personagens rechaçadas do morro e as afasta de Rafa seria justamente, no seu ponto de vista, o desinteresse em perseguir uma mudança na estrutura social, sobretudo uma mudança respeitável. Não importa apenas crescer renda, mas o *como* essa renda será alcançada.

Falemos então de respeito, dignidade, reconhecimento, esses direitos tão desigualmente distribuídos e ao mesmo tempo tão básicos que são capazes de assegurar a conquista de outros tantos direitos (HONNETH, 2003). A fim de alcançá-lo Rafa lança mão da gestão de sua aparência, de “estratégias de autoapresentação para produzir estéticas corporais” (MIZRAHI, 2015, p. 34): desfeminiza seu corpo através do corte do cabelo longo, bem como do abandono de acessórios (como pingentes e anéis) convencionalmente associados ao feminino e da incorporação de outros, como grande relógio de punho.

Mas Rafa acredita também na aquisição de competências profissionais através de uma escolarização ascendente. Aceita o desafio de vencer na vida, fazer de sua própria vida uma vida mais viável, e para isso sente que precisa correr atrás do prejuízo (“*tenho raiva porque não estudei antes*”). Porém por vezes parece um projeto adiado, de difícil articulação em virtude de recursos escassos (parco capital escolar e ausência de horizontes para incrementá-lo), ou até mesmo, eu diria, pode melhor se tratar de um *projeto de ter um projeto*. No dia da realização do ENEM de 2015, havia o verso de uma canção no whatsapp de Rafa: “*Temos todo tempo do mundo*”. Se optarmos por continuarmos a cantá-la, nos deparamos com: “somos tão jovens jovens”... O que soa ao mesmo tempo como esperança e consolo para uma vida de realizações contingentes.

No que diz respeito à relação entre sua inserção no mercado de trabalho e seu projeto de vida observo certa ambivalência: por um lado faz-lhe interromper o curso dos seus estudos, por outro lado torna-lhe possível diversas práticas de consumo as quais ele até então não tinha acesso, e que teria de ser adiada por algum tempo caso lhe fosse viável dedicar-se

exclusivamente aos estudos. Para distinguir-se a gramática do consumo está mais à mão. Rafa reconcilia-se com o Lado A, com a sociedade de consumo, através de forma pobre, imperfeita e ainda insuficiente de inclusão (MARTINS, 1997). Isso porque Rafa quer mais, e a sociedade que faculta-lhe acesso a um dos melhores aparelhos tecnológicos do mercado (o *iPhone*) é a mesma que impede acesso a Rafa, com suas “sentenças formalmente irrepreensíveis” (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 175) nas melhores instituições de ensino superior do estado em que reside.

Ele próprio mostra-se incerto quando avalia seu capital escolar, e repensa seu projeto, o reelabora segundo as condições em que está posicionado, que traz em si, isso porque “a relação que um indivíduo mantém com a Escola e com a cultura que ela transmite é mais ou menos ‘desembaraçada’, ‘brilhante’, ‘natural’, ‘laboriosa’, ‘tensa’ ou ‘dramática’, segundo a probabilidade de sobrevivência no sistema” (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 170). Nesta perspectiva, existem dois conjuntos de pessoas: as acolhidas e as adiadas, as candidatas efetivas e potenciais, as diretas e mediatas, isto é, remotas (BOURDIEU; PASSERON, 1975).

A árdua experiência de trabalhar de domingo a domingo, de feriado a feriado, atua, sob pano de fundo da meritocracia moderna (mais uma vez, “*tenho raiva porque não estudei antes*”), como reforço ideológico da necessidade de um diploma, todavia não deixa de converter-se, ainda que numa escala “micro” (entre seus pares, por exemplo), em distinção social, via consumo. É assim que os processos a que comumente denominamos exclusão “não cria mais os pobres que conhecíamos e reconhecíamos até outro dia” (MARTINS, 1997, p. 34), mas um novo perfil de pobreza, em que as pessoas são inclusas no sentido econômico mas seguem exclusas sob o ponto de vista social, cultural e moral (MARTINS, 1997), implicando em certas modalidades e gradações de cidadania.

Faço minhas as palavras de Mylene Mizrahi quando afirma que:

Os objetos materiais que vimos serem manejados pelos sujeitos desta etnografia interessaram-lhes na medida em que seus sentidos se mostraram passíveis de serem manipulados para assim estabelecer relações ambíguas com o alto gosto, o mundo oficial e a cultura hegemônica (MIZRAHI, 2015, p. 42).

É importante considerarmos também o entendimento de Rafa de que, para dispor de mais tempo livre para atividades prazerosas, ou seja, deixar de trabalhar de domingo a domingo e passar a trabalhar de segunda a sexta, de modo a conseguir sobrepor o lazer ao trabalho, depende de uma inserção outra no sistema de produção (GUIMARÃES, 2004).

Vale a pena lembrarmos ainda da morte de Anderson, que, enquanto a tragédia mais próxima a Rafa que já ocorreu, reitera o custo de envolver-se com a criminalidade. A partir deste acontecimento Rafa decide, nas suas palavras, “dar-se uma chance de ser feliz”, quer dizer, engajar-se em relacionamento afetivo não com um pivete favelado, mas com um rapaz semelhante a si, inserindo-se no paradigma da igualdade. A afinidade entre seu projeto de vida, que o configura como que afastado das bichas da favela, sua transformação corporal, o acesso a bens de consumo modernos, bem como a inauguração de um novo padrão de relacionamento faz-me crer que em verdade acompanhei nesta investigação as condições de emergência da identidade gay, bem como o laboriosa atividade em que consiste sua produção.

É interessante pensarmos que esta pesquisa não tomou como ponto de partida uma identidade. Aqui a identidade nos *acenou* apenas ao final do percurso etnográfico, como “uma síntese em curso de um conjunto de (des)identificações” (BRANDÃO, 2009, p. 84). Não há um processo concluso, um ponto culminante, mas em vias de emergência, ainda a título de possibilidade, e por isso utilizo a palavra aceno. Mais tratar-se-ia de um estado, e, enquanto tal, que se pode metamorfosear. Um estado reversível, modificável. Se todo trabalho precisa apresentar uma conclusão, que possamos apontar direções, “mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 19).

Em um contexto de vulnerabilidade e de inserções instáveis, em que é necessário negociar constantemente o tráfego pelos espaços, Rafa luta para circunscrever sua vida de modo a distinguir-se e galgar respeitabilidade, constituindo horizontes menos claustrofóbicos, terrenos que considera mais propícios para cultivar seus sonhos. Mas esta é apenas uma versão possível para pensar a claustrofobia, uma vez que as normas que orientam as avaliações culturais que qualificam ou desqualificam os sujeitos não deixam de constrangê-los, ainda que lhes possibilite outros modos possíveis de agenciamentos. Ao fim e ao cabo, acredito que este trabalho contribui para a compreensão de como a sexualidade se produz através do gênero e da classe e como a perspectiva do projeto nos pode ser útil para compreender, enquanto mediador fulcral, o manejo do próprio corpo.

Conforme sinalizei na introdução do trabalho, este corpo que tanto nos comunicou não envereda por um irresistível traçado de um ponto a outro, do que se poderiam considerar uma “prototravesti” a travesti, ou de “prototravesti” a gay. Insisto na necessidade em lançarmos luz nesta não obstante confusa paisagem, em tudo o que ela deixa de evidenciar em termos de projetos à deriva, projetos inconclusos, adiados, reelaborados, precários, em risco, mas também

fruídos, não se tratando nunca de “uma rota única, mas uma rede de caminhos na qual abundam as encruzilhadas” (TARDE, 2011, p. 30).

Agora, ao observar fotos que guardei de Rafa no quando lhe conheci e as fotografias que ele produz de si mesmo hoje parecem de fato tratar-se de uma outra pessoa. Curiosamente, aliás, como as fotos no período em que era *travestis*, já não há registros dessas suas imagens de dois anos atrás no facebook, talvez apenas no HD do atrevido antropólogo e na memória daqueles que o conheceram outrora. Como já assinali, tanto o seu perfil de facebook quanto o seu *instagram* foram desativados – segundo Rafa, deu algum problema, mas acredito que ele simplesmente não quis assumir sua estratégia em pôr uma pedra em um passado agora inoportuno aos seus projetos.

Esse texto e a nossa amizade, que tem uma história, talvez sejam assim as discretas testemunhas de que, bem, em ambas as fotos são Rafa. Mas as pessoas, como os projetos, mudam, “ou as pessoas mudam através de seus projetos” (VELHO, 2003, p. 47). Não é eticamente viável expor as tais fotografias nesta dissertação, cujo percurso do texto sinto poder ser retraduzido e sintetizado em outra linguagem: na própria discrepância visual entre o Rafa de ontem e o de hoje.

Negociar as formas de vida implica de certa forma, na versão manifesta neste estudo de caso, em compensar as desigualdades que se inter cruzam na vida de Rafa, o que demanda esforço – ou garra, nos seus termos – para o desenvolvimento de capitais financeiros e culturais que o habilitem a superá-las (AGUIÃO, 2011). Ele busca recursos que sustentem sua altivez. Eis o jogo que decide jogar. Um jogo cujo objetivo é escapar de um possível destino de classe, jogo em que as cartas parecem lançadas desde muito cedo.

Se o projeto, conforme trabalhado por Velho, é “o instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos” (VELHO, 2003, p. 103), e resulta da articulação e confluência de interesses, sentimentos e aspirações (VELHO, 2003), podemos entendê-lo como o próprio elemento que possibilita agenciar o ensaio e tentativa de Rafa de evadir-se das subordinações interseccionais (CRENSHAW, 2002) às quais ele é sujeito. Após a leitura destas páginas não é difícil concluir que sua trajetória apresenta-se como expressão de um projeto (VELHO, 2004).

Finalmente, essa pesquisa deixa ao menos duas indagações que podem vir a ser exploradas doravante. A primeira diz respeito mais especificamente ao cruzamento entre gênero e classe. Se Rafa fosse alguém que já tivesse um diploma, que pertencesse a camadas médias e

altas, que não precisasse levar a cabo um processo de desfeminilização a fim de ter mais chances de ser admitido em um trabalho (inclusive sexual), teria ele cortado o cabelo? Há alguma espécie de imperativo sobre radicalizar a feminilização ou desfeminilizar-se segundo a classe social? Haveria, insisto, constrangimentos diferentes (ainda segunda a classe) a que estariam submetidos sujeitos que vivenciam o fenômeno de não conformidade de gênero?

Já a segunda inquietação que, outrossim, torno manifesta e deixo em aberto para pesquisas vindouras, se dirige especificamente à categoria de idades. Acredito que uma ampliação no número de interlocutores poderia nos ajudar a compreender o quanto esse processo vivenciado por Rafa diz tanto respeito à pobreza quanto à idade – a expectativa que um jovem adulto busque autonomia e independência financeira. Mas também como gerações distintas vivenciam o fenômeno estudado.

EPÍLOGO: UM MENINO CHEIO DE SONHOS

Talvez o leitor que tenha se permitido cativar por Rafa já estará se perguntando que terá sido feito dele. Também eu o fiz, porque enquanto distante de Salvador, mantive um contato muito superficial com ele, como de resto com grande parte dos meus amigos.

Mas não deixei de acompanhar suas postagens no facebook. No carnaval de 2016 ele desfilou no bloco Cheiro, então comandado pela cantora Alinne Rosa. Esse bloco é um dos preferidos do público gay, ou ao menos daquela porção que não dispõe de recursos o bastante para adquirir o abadá dos blocos puxados por Daniela Mercury, Ivete Sangalo e Claudia Leitte.

Com muita frequência Rafa fazia *check-in* no seu facebook em um desses prédios de nome pomposo como “Costa Azul Privilege Residence”, situado na orla. Da varanda desse apartamento, que pertencia a um cliente sessentão (informação, evidentemente, não disponibilizada na rede social), postava diversas fotos. Com vista para o mar, algumas delas era acompanhada de uma bela taça de vinho.

Outras fotos emblemáticas eram feitas com regularidade na piscina de um condomínio em Villas do Atlântico, onde residia uma amiga. Segundo Rafa, muitas vezes ele estava se incumbindo de “mula” (isto é, aquele que transporta a droga) para levar uma encomenda para a turma de amigos que o aguardava afoitos. Além de participar da farra, davam-lhe à parte algumas gramas de cocaína e uns duzentos. Porém Rafa já não considera que vale a pena prestar o serviço: *“A polícia me pega com mei quilo. Eu vou ficar em regime fechado. Três anos. Se eu tiver bom comportamento, no quarto eu saio. E vou cumprir meus três anos de reclusão. Por tráfico”*

Passados quase dois anos desde o nosso último encontro, Rafa segue dizendo que precisa reduzir o consumo de drogas – as quais, insiste, nunca deixou que lhe fizessem a cabeça. Ainda a título de projeto (e, como tal, não se sabe se resultará exitoso), os fins são os mesmos: focar nos estudos. Nem eu e acho que nem Rafa achamos que seja apenas uma questão de força de vontade. *“Sabe aquela música do Legião Urbana, amigo, ‘Tempo perdido’, que diz que temos todo tempo do mundo? Pois é, mas ao mesmo tempo não temos. Tou vendo que daqui a uns dias vou tá com trinta anos e ainda não entrei na faculdade”*. Nas suas palavras, se sente agoniado, desesperado: *“fico me sentindo culpado porque já era pra mim tá fazendo alguma coisa. E eu num tenho... A grade de ensino pra fazer a pública. Tá entendendo?”*

Depois de *“taanto sacrificio”*, eis que Rafa, aos vinte e três anos, concluiu o Ensino Médio, o que muito alegrou sua mãe. *“Tentei fazer CPA, mas num tive muito aprendizado de*

gravar o assunto pa depois estudar e fazer prova. Então voltei pra escola normal, o fluxo normal: primeiro, segundo, terceiro ano. Nesse momento em que diz estar à procura de emprego “desesperadamente” e em que considera o ENEM “brutal”, segue especulando como angariar recursos para investir na sua escolaridade: “*Se eu for tentar o vestibular pra alguma coisa pa conseguir pela gratuidade eu vou ter que pagar um cursinho. Pa me dar um reforço. Então a única coisa que me cabe agora é eu trabalhar pra conseguir pagar minha faculdade*”. Trabalhar para pagar uma faculdade, trabalhar para se inscrever e comprar apostilas para se preparar para um concurso público, trabalhar para melhorar sua vida e a da sua mãe, trabalhar para enfim arrumar um trabalho melhor...

São, todavia, as reflexões feitas por Rafa no que diz respeito à transformação corporal por ele levada a cabo que residem as principais novidades deste epílogo. Dois anos para escrevê-lo parece pouco tempo, talvez até um pretexto do autor para simplesmente prolongar suas considerações finais. Porém pode não ser pouco tempo para quem cada dia é, dentre outras coisas, um dia pra se pensar em como ganhar o dia de hoje. Pode não ser pouco tempo para um jovem que já não entende ter todo o tempo do mundo, mas que ao mesmo tempo entende que há, sim, futuro, e portanto que é tarefa para ontem projetá-lo, escrevê-lo.

Um dos destaques da nossa última conversa foi a narrativa de um episódio em que reencontrou um cliente com quem já havia saído quando era travesti. O reencontro, porém, se deu apenas para Rafa, pois para o cliente ele era outra pessoa. “*Isso foi uma alegria pa mim, porque eu cheguei no quarto de hotel, eu já vi o rosto conhecido. Eu vi um filme assim... Eu disse ‘e aí, tudo bom? Prazer, Rafael’.* (...) *‘Inclusive’, ainda perguntei, ‘é a primeira vez?’.* *Ele: ‘não, já saí já com outras pessoas, tal, perêê... Eu saí com um rapaz, só que ele era muito afeminado, perêê, perêê...’*”. Esse encontro deu a certeza a Rafa de que a remodelação que fez de si mesmo deu certo.

Ainda que esse episódio mereça realce para ele, tal entendimento sobre a recepção de sua aparência atual não é um caso isolado, mas se verifica nas interações anônimas do dia-a-dia. Se antes ele era confundido com travesti (“*naao sou travestir*”), hoje ele é confundido com ladrão, o que, falando em tom de gracejo, o leva a pensar: “*porra, eu mudei bastante o meu jeito assim?*”. Há clientes que quando o veem comentam: “*Gente, cê acredita que deu vontade de sair desse quarto correndo?*”.

Nesse momento estávamos sentados em um banco de praça, então Rafa, que pela primeira vez ouvi referir-se a si próprio como “negão” (talvez também por assumir a prostituição como uma de suas principais referências atuais), se levanta abruptamente e explica:

“Me vê assim: negão, quase 1,90m, grandão, e eu chego boto minha cara assim [fala com voz grave e rosto impostado, enquanto estende a mão para mim, em cumprimento de aperto de mãos]: ‘e aí, tudo bom?’”

Em outros ambientes, como ônibus ou estabelecimentos comerciais, a situação (com a qual Rafa parece muito habituado) se repete. É verdade que desde que conheço Rafa o vejo, nas nossas andanças pela cidade, sempre preocupado com assaltos. Ele me conta que, “traumatizado” com assaltos, ao entrar em algumas lojas a primeira coisa que faz é olhar para os lados e certificar-se de que o ambiente é seguro, tirando em seguida o celular da cintura. Já viu pessoas que, nesse ínterim em que observam esses movimentos de um “negão, alto, com porte”, se tremem toda. Ao perceberem que o que ele está sacando da cintura é um *iPhone* e não uma arma de fogo, respiram aliviadas, expirando o ar retido nos pulmões, como quem pensa: “*ufa!*”. Rafa reflete: “*100% dos ladrões se vestem bem. Negro, bem vestido? iPhone?*”. Bom, só pode ser ladrão.

Ensaiei com Rafa um procedimento que me parece cada vez mais importante para assegurarmos a qualidade dos dados produzidos, caso levemos mesmo a sério a tarefa de escrever-*com*: colocar à prova do interlocutor as interpretações que lhe oferecemos; aliás, nada mais justo, quando eles próprios já dispõem de uma interpretação sobre si⁶². Isso não é o mesmo que desconsiderar os efeitos das ações que porventura lhes escapam, mas ter em conta tais efeitos (para além das intenções e interpretações dos sujeitos) não nos impede de oportunizar que eles difiram do que escrevemos. Há de termos ciência, por outro lado, de que as nossas como as suas interpretações são históricas, situadas, muitas vezes provisórias, enfim dinâmicas. Com uma universidade que nos exige mais e mais celeridade, não consegui entregá-lo o material para que ele pudesse me dar um retorno antes da defesa da dissertação. É possível (e desejável), portanto, que mais epílogos sejam escritos, caso meu amigo Rafa persevere no seu desejo de (re)encontrá-lo (ou não!) nestas linhas.

Pois bem, já imbuído deste exercício promissor, questionei-lhe se ele sente falta do seu cabelo. E ele me respondeu: “*Sinto muuuita saudade do meu cabelo. Doeu cortar, me dói até hoje. Se vacilar, eu choro (risos). Meu cabelo era um amor! Cê vê que ele era tão bonitinho, cuidado, loirinho*”. Rafa, que de fato antes de cortar o cabelo sempre mencionou esse projeto

⁶² Schutz ([1970] 2012) argumenta que “os construtos das ciências sociais são, por assim dizer, construtos de segunda ordem, ou seja, construtos a partir dos construtos feitos pelos atores na cena social” (SCHUTZ, 2012, p. 295). Alguns anos depois Bauman e May ([2001] 2010) depois reiteram: “as ações humanas e as interações que o sociólogos estudam (...) já foram analisadas pelos próprios atores” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 20).

como um ato de coragem, acrescentou que ainda pretende deixar o cabelo crescer, que viu um “*negro lindo*”, forte, malhado, que tinha um cabelo que permitia-lhe fazer um penteado de coque, e que, ao soltar, deixava seus volumosos cachos soltos, provocando um efeito incrível. Segundo Rafa, era um “*look alternativo*”. Para isso, porém, o nosso amigo precisa investir em atividade física, “*pra não ficar o lado pelo feminino*”. Esse argumento nos leva a concluir que o gênero do cabelo longo não está determinado a priori. Pensemos no cabelo longo de um metalheiro, por exemplo. Tanto indumentária e forma do corpo afeta o gênero que o cabelo assume, quanto o contrário.

Finalmente, nas viagens que Rafa tem feito não é incomum receber proposta para passar a viver com seu cliente. Isso aconteceu, por exemplo, quando viajou a São Paulo a fim de encontrar um homem de sessenta e cinco anos. O senhor cogitou arrumar um emprego para ele na empresa de algum amigo, porém desistiu devido a insatisfação com o vocabulário de Rafa. “*Não dava certo porque se ele me botasse pra trabalhar n'alguma empresa de algum amigo dele, por ter capital e ser pessoas chatas, vai querer um padrão, que é aquele padrão que a sociedade quer. De pa... de vocabulário. Mas eu num acho ele errado, acho ele certo. E ele não quis me menosprezar, ele só quis realmente me mostrar de uma maneira, mas foi de uma maneira que ele me mostrou que eu vi de uma maneira bruta e real.*”

Rafa, que se queixou por não ter tido oportunidade de demonstrar para o cliente que tinha “*dicção*” e que sabia como se expressar a depender do contexto (se entre amigos, se em negócios), gostaria muito que algum desses homens com quem se envolve custeasse uma faculdade para ele. Seria sua única exigência. É uma das sortes que ele tem tentado. “*Eu sou um menino cheio de sonhos. Como eu cheguei lá [em São Paulo], eu tou aqui: cheio de sonhos. Pra realizar*”

Oscilando entre a quase que completa indeterminação e os horizontes de viabilidade prática, cavando para si possibilidades com uma força e criatividade tremenda, acho que posso dizer que são seus sonhos a matéria de que é feita essa etnografia. Mas não só essa etnografia. Dos sonhos Rafa talha o seu próprio corpo. Quando até esmorecer parece privilégio para poucos, Rafa se atreve a sonhar. Dos sonhos a sua força, dos sonhos o seu humor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIÃO, Silvia. Cenas da circulação: fragmentos de uma etnografia sobre homossexualidade, gênero, cor e mestiçagem em uma favela do Rio de Janeiro. *Sexualidad Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 61-91, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872011000400004>. Acesso em: 29 jun. 2014.

AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor: um estudo de ascensão social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

BAUMAN, Zygmunt. O nível mais baixo: o gueto. In: _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 100-11.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. A sociologia como disciplina. In: _____. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 11-29.

BENEDETTI, Marcos. Entre curvas e sinuosidades: a fabricação do feminino no corpo das travestis. In: _____. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 51-88.

BIRMAN, Patricia. Apresentação. In: CUNHA, Neiva Vieira; FELTRAN, Gabriel de Santis (Orgs.). *Sobre periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2013. p. 7-8.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

_____. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. "Fieldwork in philosophy". In: _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 15-48.

_____. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRANDÃO, Ana Maria. *Queer, mas não muito: gênero, sexualidade e identidade nas narrativas de vida de mulheres*. *Ex aequo*, Vila Franca de Xira, n. 20, p. 81-96, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602009000200008>. Acesso em: 8 set. 2015.

BROWN, Wendy. Suffering the Paradoxes of Rights. In: BROWN, Wendy; HALLEY, Janet (Eds.). *Left Legalism / Left Critique*. Durham; London: Duke University Press, 2002. p. 420-34.

- BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: MÉRIDA JIMÉNEZ, Rafael M. (Ed.). *Sexualidades transgressoras: uma antologia de estudos queer*. Barcelona: Icaria, 2002. p. 55-81
- CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; BARRETO, Vanda Sá. Segregação residencial, condição social e raça em Salvador. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, n. 18, p. 251-73, 2007.
- CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley. Homossexualidades e consumo na cidade de São Paulo: estratégias de jovens homossexuais masculinos moradores da periferia. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 89-108, 2012.
- CASTILLO, Lisa Earl. A fotografia e seus usos no candomblé da Bahia. *Pontos de Interrogação*, v. 3, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1579/1040>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; RODRIGUEZ, Ernesto. *Políticas públicas de/para/com as juventudes*. Brasília: UNESCO, 2004.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-88, jan. 2002.
- CUNHA, Neiva Vieira da; FELTRAN, Gabriel de Santis. Novos conflitos nas margens da cidade. In: _____ (Orgs.). *Sobre Periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina/ FAPERJ, 2013. p. 9-15.
- DABROWSKI-SANGODEYI, Delphine. As raízes ideológicas da segregação no Brasil: o exemplo de Salvador. In: ESTEVES JUNIOR, Milton; URIARTE, Urpi Montoya (Orgs.). *Panoramas Urbanos: reflexões sobre a cidade*. Salvador: EDUFBA, 2003. p. 165-84.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 17-49.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Políticas. In: _____. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004. p. 151-76.
- DESCOLA, Philippe. O amor no plural. In: _____. *As lanças do crepúsculo: relações jivaro na Alta Amazônia*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 215-34.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.
- DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.
- EUGENIO, Fernanda. Corpos voláteis: estética, amor e amizade no universo gay. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda. *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 158-76.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. 2008. 323 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-61, 2005.

FEATHERSTONE, Mike. Teorias da cultura de consumo. In: _____. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995. p. 31-49.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 565-610, 2010.

_____. Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos. *Temáticas*, Campinas, v. 15, p. 11-50, 2007. Disponível em: <<http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/anexo-2-temticas.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

FIGUEIREDO, Angela. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 23, p. 199-228, jul./dez. 2004.

FONTES, Larissa Yelena Carvalho. *A dádiva do segredo: a negociação do segredo ritual nas religiões afro-alagoanas*. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, Jessé (Org.). *Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 245-82.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-115.

GARCIA, Antonia dos Santos. *Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, Cidade D'Oxum e Rio de Janeiro, Cidade de Ogum*. 2006. 425 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. O consumo serve para pensar. In: _____. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 59-73.

GARFINKEL, Harold. El tránsito y la gestión del logro de estatus sexual en una persona intersexuada parte 1. In: _____. *Estudios en Etnometodología*. Barcelona: Anthropos, 2006. p. 135-209.

GEERTZ, Clifford. O pensamento como ato moral: dimensões éticas do trabalho de campo antropológico nos países novos. In: _____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 30-46.

_____. Uma descrição densa por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2013. p. 3-21.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GONÇALVES, Helen; KNAUTH, Daniela Riva. Aproveitar a vida, juventude e gravidez. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 625-43, jul./dez. 2006.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HAKIM, Catherine. Erotic capital. *European Sociological Review*, [S.l.], v. 26, n. 5, 499-518, out. 2010.

HALBERSTAM, Judith. 2008. *Masculinidad femenina*. Barcelona, Madrid: Egales.

HASENBALG, Carlos. Perspectivas sobre raça e classe no Brasil. In: HASENBALG, Carlos; SILVA; Nelson do Valle; LIMA, Márcia. *Cor e estratificação social*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999. p. 7-33.

_____. Uma nota sobre raça social no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 67-80, 1994.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. Notas sobre desigualdade racial e política no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 141-59, 1993.

HONNETH, Axel. Identidade pessoal e desrespeito: violação, privação de direitos, degradação. In: _____. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003. p. 213-24.

IBGE. *Censo 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <censo2010.ibge.gov.br/apps/areaponderacao>. Acesso em: 26 out. 2015.

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Audição e Movimento Humano. *Ponto Urbe*, São Paulo, v. 3, p. 1-43, 2008. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/pdf/1925>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

JANSSON, André. Indispensable things: on mediatization, materiality, and space. In: LUNDBY, Knut (Ed.). *Mediatization of Communication*. Berlin, Boston: Mouton de Gruyter, 2014. p. 273-95.

KARRUZ, Ana Paula. Remando contra a maré: como a baixa escolaridade dos pais e a baixa renda familiar influenciam as notas do ENEM em diferentes regiões. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 39., 2015, Caxambu. *Anais Eletrônicos...* Caxambu: ANPOCS, 2015. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=9779&Itemid=461>. Acesso em: 16 nov. 2015.

KERNER, Ina. Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 93, p. 35-58, jul. 2012.

KOWARICK, Lucio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LATOURETTE, Bruno. Os objetos têm história? Encontro de Pasteur com Whitehead num banho de ácido láctico. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 2, n. 1, p. 7-26, jun. 1995.

_____. Quinta fonte de incerteza: escrever relatos de risco. In: _____. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador, Bauru: EDUFBA, EDUSC, 2012. p. 179-204.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 71-92, jul./dez. 2010.

LOBATO, Ana Laura. *Trajetórias afetivas e sexuais entre jovens de periferia, Belo Horizonte*. 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LOPES, Maycon. Fazer-se mulher transexual: mediações e contratempos. In: COLLING, Leandro; THÜRLER, Djalma (Orgs.). *Estudos e Políticas do CUS - Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade*. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 287-311.

LOPES, Paulo Victor Leite. *Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos*. 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LYRA, Diogo. Notas metodológicas: das tentativas de compreender e ser compreendido. In: _____. *A república dos meninos: juventude, tráfico e virtude*. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2013. p. 39-70.

MACEDO, Adriana C et al. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 35, n. 6, p. 515-22, dez. 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, nov. 2005.

MARTINS, José de Souza. Introdução. In: _____. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 7-23.

MASSEY, Doreen. Imagining globalization: power-geometries of time-space. In: BRAH, Abtar; HICKMAN, Mary J.; MAC AN GHAILL, Máirtín (Eds.). *Global futures: migration, environment and globalization*. London: Macmillan Press, 1998. p. 27-44.

MATTOS, Carla dos Santos. *Viver nas margens: gênero, crime e regulação de conflitos*. 2014. 181 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MIZRAHI, Mylene. Cabelos ambíguos: beleza, poder de compra e “raça” no Brasil urbano. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 30, n. 89, p. 32-45, out. 2015.

MONTEIRO, Simone; VARGAS, Eliane; CECCHETTO, Fátima. Sexualidade, gênero, classe e cor em espaços de sociabilidade homoerótica juvenil carioca. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. *Anais Eletrônicos...* Porto Seguro: ABA, 2008. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2032/SEXUALIDADEGENEROCCLASSECOREMESPACOSDESOCIABILIDADE.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2015.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 103-16, jan./abr. 2006.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda. *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 105-20.

OLIVEIRA, Leandro. *Gestos que pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. 2006. 113 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OPIPARI, Carmen; TIMBERT, Sylvie. O artifício da imagem na construção do real. In: FERRAZ, Ana Lúcia Camargo; MENDONÇA, João Martinho de (Orgs.). *Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa*. Brasília: ABA, 2014. p. 371-406.

PAIM, Jairnilson Silva. Condições de Vida, Violências e Extermínio. In: CARVALHO, Inaiá Maria Moreira; PEREIRA, Gilberto Corso (Orgs.). *Como anda Salvador*. Rio de Janeiro: Letra Capital, Observatório das Metrôpoles, 2009. p. 157-71.

PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 107-28, jan./jul. 2013.

PEIRANO, Mariza G. S. O Encontro Etnográfico e o Diálogo Teórico. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 1985, p. 249-64, 1987.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

_____. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 25, p. 217-48, jul./dez. 2005.

PELÚCIO, Larissa; DUQUE, Tiago. “...Depois, querida, ganharemos o mundo”: reflexões sobre gênero, sexualidade e políticas públicas para travestis adolescentes, meninos femininos e outras variações. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 44, n. 1, p. 10-43, jan./jun. 2013.

PERLONGHER, Néstor. Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 8, n. 22, jun. 1993. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=154&Itemid=203>. Acesso em: 23 out. 2015.

PINHO, Osmundo. “Putaria”: masculinidade, negritude e desejo no pagode baiano. *Maguaré*, Bogotá, n. 2, p. 209-38, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/maguare/article/view/61671>> Acesso em: 11 out. 2015.

PRETECEILLE, Edmond; VALLADARES, Licia. A desigualdade entre os pobres — favela, favelas. In: HENRIQUES, Ricardo (org.). *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. p. 459-85.

RABELO, Miriam M. C. Histórias e feitura. In: _____. *Enredos, feitura e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé*. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 81-125.

RIOS, Luís Felipe. *O feitiço de Exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*. 2004. 319 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. Uma cultura da violência na cidade? Rupturas, estetizações e reordenações. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 85-94, jul./set. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n3/v13n3a11.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

SANJEK, Roger. Brazilian Racial Terms: Some Aspects of Meaning and Learning. *American Anthropologist*, [S.l.], v. 73, n. 1, p. 1126-43, 1971.

SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o global e o local nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Salvador: EDUFBA, Pallas, 2004.

SCALON, Celi; OLIVEIRA, Pedro Paulo. A percepção dos jovens sobre desigualdade e justiça social no Brasil. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 408-37, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/8556/6441>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Emanuelle; TORRES, Roberto; BERG, Tábata. A miséria do amor dos pobres. In: SOUZA, Jessé (Org.). *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 143-71.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 35, p. 37-78, dez. 2010.

SIMÕES, Júlio Assis. Diferença e desigualdade em pesquisas sobre sexualidade e gênero: questões para discussão a partir do marco das “interseccionalidades”. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., 2014, Natal. *Anais Eletrônicos...* Natal: ABA, 2014. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401983735_ARQUIVO_Diferencaedesigualdadeempesquisassobresexualidadeegenero.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2014.

SINGLY, François de. A família e a escola. In: _____. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 43-62.

TARDE, Gabriel. A repetição dos fenômenos. In: _____. *As leis sociais: um esboço de sociologia*. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 23-47.

TELLES, Vera. Itinerários da pobreza e da violência O jogo de escalas e mediações nas polêmicas relações entre violência e pobreza. In: FERRARI, Florencia et al (Orgs.). *Sexta-Feira* 8. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 106-10.

UNGER, Roberto Mangabeira. Os batalhadores e a transformação do Brasil. In: SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 9-17.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VENCATO, Anna Paula. *Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2013.

ZALUAR, Alba. Juventude violenta: processos, retrocessos e novos percursos. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, p. 327-65, 2012.

_____. Trabalhadores e bandidos: identidade e discriminação. In: _____. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985. p. 132-72.

WACQUANT, Löïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.